

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA
E SOCIEDADE

DISSERTAÇÃO

**A abordagem de Sistemas Agrolimentares Localizados
(SIAL) e sua tradução conceitual e institucional na
América Latina e Brasil**

Vitória de Paula Ramos

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**A ABORDAGEM DE SISTEMAS AGROLIMENTARES
LOCALIZADOS (SIAL) E SUA TRADUÇÃO CONCEITUAL E
INSTITUCIONAL NA AMÉRICA LATINA E BRASIL**

VITÓRIA DE PAULA RAMOS

Sob a Orientação do Professor
John Wilkinson

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre** em Ciências
Sociais, no Programa de Pós-
Graduação de Ciências Sociais em
Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ
Maio de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R175a Ramos, Vitória de Paula, 1991-
A abordagem de Sistemas Agrolimentares Localizados (SIAL) e sua tradução conceitual e institucional na América Latina e Brasil / Vitória de Paula Ramos. - 2018.
219 f.

Orientador: John Wilkinson.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, 2018.

1. Sistemas Agroalimentares Localizados. 2. Desenvolvimento Territorial Rural. 3. Políticas Públicas. I. Wilkinson, John, 1946-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade (CPDA)

VITÓRIA DE PAULA RAMOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Dissertação aprovada em 11/06/2018.



Prof. Dr. JOHN WILKINSON (CPDA/UFRRJ)
(Orientador)



Prof. Dr. GEORGES GERARD FLEXOR (CPDA/UFRRJ)



Prof. Dr. GILBERTO MASCARENHAS (UNISC)

AGRADECIMENTOS

Nada em minha vida posso dizer que é fruto somente do meu esforço e dedicação, porque por trás de tudo que faço está o amor e apoio incondicional de muitas pessoas que dão sentido a todas as minhas conquistas e desafios, e com esta dissertação e este Mestrado não é diferente.

No início da minha carreira profissional, quase todas as pessoas a quem eu admirava haviam passado pelo CPDA/UFRRJ. Foi absolutamente natural para mim escolher o curso em que me tornaria Mestre, apesar da chegada até aqui não ter sido simples.

Entrar no Mestrado para mim significou tomar uma decisão difícil e corajosa, de sair do emprego que havia me inspirado durante tantos anos e me aventurar pela realidade do bolsista em um momento de crise econômica aguda no país, sem ter certeza de quando, e se, conseguiria um emprego novamente! A decisão só foi menos difícil porque a todo momento o meu grande parceiro esteve ao meu lado e me deu segurança de que deveria fazer o que eu precisava naquele momento, que nós tínhamos clareza do que era, mesmo não sendo em um dos momentos mais fáceis para nós. Não houve um minuto dedicado a essas páginas em que minha (e nossa) decisão, naquele dia, comendo sushi barato, não passasse pela minha mente. Por isso e por toda a paciência e amor durante esse curso, agradeço profundamente ao meu Arthur, que nesse meio tempo também encarou corajosamente se tornar meu marido!

Aos meus queridos pais, Laura e Nicomedes, nunca terei como agradecer o suficiente a absoluta dedicação a mim, por nunca terem medido esforços para viabilizar que eu me tornasse quem eu quisesse ser, independente do que isso significaria. Meu empoderamento vem de berço – não foram eles que me ensinaram o significado dessa palavra, mas sem dúvidas eles me ensinaram esse sentimento. Eu sou vocês e tenho muito orgulho e amor por isso.

À minha irmã eu agradeço especialmente por me inspirar com sua determinação e disciplina, esta última algo que me falta, como sabemos, mas que me foi muito necessária nesse processo de escrita. Quando a procrastinação me tomava conta, era em você que pensava e seu exemplo me dava forças.

Aos queridos Amarílis e José Maria, agradeço por terem-me como parte integral de sua família, sem os quais eu já não poderia mais viver sem. Nada como ter mais uma família, agora uma única grande família, para me fortalecer. Nunca poderia imaginar família melhor!

Agradeço também aos meus avós, Maria Alceste, José Aguinaldo e Geiva, às minhas tias, tios, primas e primos, pois eu nada sou sem o amor de minha família, toda ela.

Às minhas amigas e amigos, peço desculpas pelas minhas ausências nesse período de acumulação de trabalho e dissertação! Fiz o melhor que pude! Vocês também estão nessas páginas e agradeço por serem meu conforto e portos seguros, por serem meus ídolos e fãs! Agradeço especialmente à Isabela, Luciana, Luísa, Nina, Denise, Fernanda e Juliana que, mesmo que majoritariamente por meios virtuais, viveram esse dia a dia comigo e tornaram tudo mais divertido.

Meus queridos mentores profissionais (e grandes amigos), Maíra, Chico e Renata, sem o apoio e inspiração de vocês eu não teria chegado até aqui. Não canso de repetir como é possível eu ter tanta sorte de poder ser moldada por vocês, todos os dias.

E aos meus mentores acadêmicos, John e Gil, agradeço pela ideia dessa dissertação, a qual fui a cada página mais convencida da sua pertinência, e por todo esse caminho, em que aprendi muito e que vocês ajudaram a tornar tão mais simples e fácil, com paciência com minhas limitações e sempre me motivando!

Agradeço também a todo o corpo docente do CPDA, composto por tantos professores incríveis, sensíveis, competentes e engajados e que atingiram todas as minhas (altas) expectativas com este curso, em especial à querida Karina.

Em tempos de desmonte da Pesquisa no Brasil, quero agradecer também ao CNPq, cuja bolsa financiou todo o meu primeiro ano deste curso, sem a qual possivelmente não teria sido possível o meu ingresso. Que os atuais retrocessos não perdurem e que muito mais pessoas possam ter a oportunidade sentir o que eu sinto agora: orgulho e engrandecimento.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todas e todos agricultores familiares que tive o enorme prazer de conhecer e que me fizeram apaixonar pelo mundo rural e da alimentação, que me moveram para encarar esse mestrado e escrever essa dissertação ao compartilhar generosamente comigo tanta sabedoria. Seja em Ouricuri, Mirassol d'Oeste, Juazeiro, Montes Claros, Ciudad del Este ou tantos outros lugares que pude conhecer, pessoalmente e através das histórias de luta de incansáveis guerreiras e guerreiros. Espero um dia poder retribuir todo o conhecimento e inspiração que vocês me presentaram.

RESUMO

RAMOS, Vitória P. A abordagem de Sistemas Agrolimentares Localizados (SIAL) e sua tradução conceitual e institucional na América Latina e Brasil. 2018. 207p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este trabalho se propõe a realizar uma análise sobre a abordagem de Sistemas Alimentares Localizados (SIAL) desde sua criação até os dias atuais, começando pela sua evolução conceitual e passando pela pesquisa sobre sua origem e desdobramento institucional, procurando entender os momentos, pessoas e projetos que provocaram seus debates e sua disseminação da Europa, mais especificamente da França, para países da América Latina. A pesquisa começa por uma revisão literária que passa pelos principais debates acadêmicos que influenciaram a criação da abordagem SIAL, chegando à sua conceitualização, vertentes, mudanças e diferenças a partir dos seus principais autores. Em seguida, ao pesquisar os históricos institucionais desses principais autores e utilizadores da abordagem, dos Congressos Internacionais SIAL e das Redes SIAL de diferentes países, são identificadas tendências, similaridades, diferenças e desafios para sua disseminação e enraizamento do ponto de vista institucional, desde sua origem na França até sua disseminação na América Latina. Por fim, atenção especial é dedicada a entender como a abordagem vem sendo trabalhada no Brasil, o estado da arte da sua utilização em meios acadêmicos e em políticas públicas, quem são os principais pesquisadores e instituições atuando e implementando-a e são identificadas tendências e desafios. Com isto, o trabalho pretende contribuir para o debate acadêmico em torno dessa abordagem no país, inserido em um debate mais amplo de desenvolvimento territorial rural.

Palavras-chave: Sistemas Agroalimentares Localizados. Desenvolvimento Territorial Rural. Políticas Públicas.

ABSTRACT

RAMOS, Vitória P. The Localized Agri-Food Systems (LAFS) approach and its conceptual and institutional translation in Latin America and Brazil. 2018. 207p. Dissertation (Master in Social Sciences in Development, Agriculture and Society). Institute of Human and Social Sciences, Post-Graduate Program of Social Sciences in Development, Agriculture and Society, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This dissertation intends to develop an analysis on the Localized Agri-Food Systems (LAFS) approach from its creation to the present day, beginning with its conceptual evolution and passing through a research on its origin and institutional development, trying to understand the momentums, the people and the projects that provoked the debates and its dissemination from Europe, more specifically France, to Latin American countries. The research begins with a literary review that goes through the main academic debates that influenced the creation of the LAFS approach, reaching its conceptualization, strands, changes and differences from its main authors. Then, through searching the institutional histories of these main authors and users of the approach, the LAFS International Congresses and the SIAL Networks of different countries, trends, similarities, differences and challenges for their dissemination and rootedness from the institutional point of view are identified, from their origin in France until its dissemination in Latin America. Finally, special attention is dedicated to understanding how the approach has been used in Brazil, the state of the art of its use in academic circles and in public policies, who are the main researchers and institutions acting and implementing it to identify trends and challenges. The purpose of this work is to contribute to the academic debate around this approach in the country, inserted in a broader debate of rural territorial development.

Key words: Localized Agri-Food Systems. Rural Territorial Development. Public Policies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Quadro comparativo abordagens de Desenvolvimento Econômico Local

Quadro 2. Publicações com autoria de Muchnik na base do CIRAD

Quadro 3. Modelo original de SIAL

Quadro 4. Projetos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) – CIRAD

Quadro 5. Contrapartes do CIRAD-SAR no primeiro projeto SIAL

Quadro 6. Composição do Projeto “Sistemas Agroalimentares Localizados” – INRA-CIRAD

Quadro 7. Composição do Conselho de Orientação Científica do GIS SYAL entre 2001 e 2005

Quadro 8. Composição do Conselho de Orientação Científica do GIS SYAL entre 2005 e 2008

Quadro 9. Projetos Pré-SIAL (CIRAD/INRA/GIS SYAL)

Quadro 10. Linha do tempo dos Congressos SIAL (2002-2018)

Quadro 11. Autores com trabalhos apresentados nos dois primeiros Congressos SIAL

Quadro 12. Eixos Temáticos nos Congressos SIAL

Quadro 13. Instituições Membro do GIS SYAL

Quadro 14. Membros do Comitê Técnico Acadêmico REDSIAL México

Quadro 15. Composição de pesquisadores nas linhas temáticas da REDSIAL México

Quadro 16. Número de publicações por ano utilizando o termo SIAL em português (no Brasil)

Quadro 17. Quantidade de publicações brasileiras sobre SIAL por tipo

Quadro 18. Instituições brasileiras representadas nas publicações sobre SIAL

Quadro 19. Instituições Brasileiras no Comitê Científico do VI Congresso SIAL

Quadro 20. Comitê Consultivo Rede SIAL Brasil

Quadro 21. Projetos Embrapa Pecuária Sul no Alto Camaquã

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 O SURGIMENTO CONCEITUAL DA ABORDAGEM SIAL .	5
1.1 Sistema Internacional Agroalimentar	6
1.2 Do global ao local	10
1.3 Desenvolvimento territorial rural	11
1.3.1 Abordagens de localização das atividades econômicas	12
1.3.2 Agroindústrias Rurais (AIR)	17
1.4 O conceito de Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL)	19
1.4.1 O território e o “localizado”	23
1.4.2 Identidade, qualidade e redes	28
1.4.3 Incorporação no debate de desenvolvimento sustentável	30
1.4.4 Perspectivas acadêmicas	31
CAPÍTULO 2 A INSERÇÃO INSTITUCIONAL DA ABORDAGEM SIAL	36
2.1 Antecedentes e surgimento institucional	36
2.2 Origem SIAL	39
2.3 Criação do GIS SYAL	46
2.4 Congressos Internacionais SIAL	54
2.4.1 Eixos Temáticos	65
2.5 Redes SIAL	67
2.5.1 ERG SYAL Europa	67
2.5.2 Rede SIAL Americana	69
2.5.3 REDSIAL México	71
2.5.4 Red SIAL Argentina	75
2.5.5 Tendências identificadas	76
CAPÍTULO 3 A PROPAGAÇÃO DA ABORDAGEM SIAL NO BRASIL....	78
3.1 Produção acadêmica SIAL no Brasil	78
3.2 A Rede SIAL Brasil	85
3.3 SIAL em Políticas Públicas no Brasil	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS.....	113

A - COMITÊS ORGANIZADORES E CIENTÍFICOS DOS CONGRESSOS SIAL.....	113
B - COMITÊS CIENTÍFICOS CONGRESSOS SIAL – PESQUISADORES PRESENTES EM MAIS DE UM	124
C - AUTORES E ARTIGOS APRESENTADOS NOS CONGRESSOS SIAL .	125
D - PRODUÇÃO CIENTÍFICA SIAL NO BRASIL	194

INTRODUÇÃO

Na década de 1990 um novo quadro analítico para pensar sistemas produtivos localizados de produtos agroalimentares começa a surgir na França: os Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL). Esse enfoque se desenvolve em meio a uma explosão de outras abordagens de desenvolvimento local, seja na área da Economia, como as discussões sobre distritos industriais, sistemas produtivos locais, clusters, como na da Sociologia e estudos rurais, por exemplo com os debates de agroindustriais rurais, multifuncionalidade da agricultura, comércio justo, dentre outros. Desde então essa abordagem veio amadurecendo e se expandindo para além da Europa, principalmente para a América Latina, através da Academia. No Brasil já há uma rede de atores atuando pela sua disseminação e aprofundamento.

Este trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento da abordagem SIAL desde sua criação até os dias atuais, considerando os principais referenciais teóricos, projetos de pesquisa, debates e institucionalidades que a perpassam e a modificam, e como o enfoque vem se traduzindo da Europa para a América Latina, especialmente no Brasil.

O primeiro conceito de SIAL foi desenvolvido pelo Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento (CIRAD) em 1996, momento em que o centro trabalhava com diversos projetos de pesquisa para desenvolvimento rural em países africanos, mas também na América Latina. Através de projetos de cooperação entre institutos de pesquisa, esse conceito passou a se expandir e se desdobrar na América Latina, onde começou a sofrer novas mudanças. Em poucas palavras, a abordagem hoje propõe trazer uma forma mais holística e dinâmica de pensar a atividade produtiva agroalimentar ao levar em conta a diversidade de recursos que um território pode oferecer, tangíveis e intangíveis, e as relações e interações entre os atores desse território (MASCARENHAS & BERNARDES, 2016, p. 218).

Em 2002 foi realizado o primeiro Congresso Internacional de Sistemas Agroalimentares Localizados em Montpellier, na França, que desde então já se desdobrou em sete edições, todas em diferentes países da Europa ou América Latina, com o último tendo sido realizado em 2016, na Suécia. Apesar de um número expressivo de Congressos e produções acadêmicas no tema, ainda não se tem uma análise robusta da inserção desse enfoque, especialmente na academia no Brasil, como uma abordagem para entender a

realidade de sistemas agroalimentares, dentro do debate de desenvolvimento rural. Foram criadas Redes SIAL em diversos países e também regionais para trabalhar esse conceito e mapear e trocar experiências, mas falta uma análise mais profunda sobre o papel e relevância dessas redes.

No Brasil, a abordagem ainda é pouco difundida, mas vem crescendo a partir da atuação da Rede SIAL Brasil, vinculada à Rede SIAL Americana, que retraduz o conceito para o contexto brasileiro e latino-americano. Essa movimentação vem se construindo de certa forma vinculada ao debate das indicações geográficas, produtos artesanais, integração rural-urbano, consumo socioambientalmente consciente, que tem ganhado mais força e desdobramentos nos últimos anos.

Desde os anos 2000 foram implementadas no país uma série de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar que têm o potencial para ser pensadas a partir da abordagem SIAL. Este arcabouço institucional pode facilitar a implementação dessa abordagem pelo país, mas ela ainda está começando a ser explorada pela academia e ainda não alcançou de forma mais substancial a linguagem de gestores públicos e nem de movimentos sociais rurais, apesar destes já estarem bastante mobilizados na demanda por melhores políticas de fomento à agroindústria familiar. Recentemente alguns órgãos como a Embrapa e o Ministério da Integração, já demonstraram interesse em conhecer melhor e agregar a abordagem a seus referenciais metodológico.

Para orientar a pesquisa, as principais questões norteadoras se basearam em entender como surgiu o conceito e como ele veio evoluindo, sua capilarização em países em desenvolvimento (voltado para África ou América Latina?), quem foram as redes e atores por trás da difusão deste conceito. Também buscou entender como a difusão na América Latina influenciou a evolução conceitual, quais tendências podem ser apontadas em relação à aplicabilidade e inserção do SIAL nos debates de desenvolvimento rural na região e qual o estado da arte deste debate no Brasil.

Em meio à diversidade de abordagens de desenvolvimento local, entender como a abordagem SIAL se situa e o que ela pode trazer de valor agregado (ou não) tem grande relevância e originalidade no meio acadêmico no Brasil, onde o tema ainda foi pouco explorado e pode ter entrada também em políticas públicas – ainda há uma lacuna de estudos nesse sentido, que situem e sistematizem essa abordagem, que analise a sua inserção nas produções acadêmicas. O trabalho também pretende contribuir com os debates sobre abordagem SIAL e outras abordagens de desenvolvimento rural.

Para alcançar esses objetivos a pesquisa foi dividida em três partes, correspondendo a capítulos da dissertação, mais uma conclusão ao final. O primeiro capítulo é uma revisão da literatura sobre desenvolvimento local, sistemas agroalimentares e SIAL. Abordará o surgimento conceitual do SIAL, partindo primeiramente de uma contextualização teórica do global para o local, ou seja, do debate de sistema internacional agroalimentar para o debate de desenvolvimento local, para então adentrar no debate da abordagem SIAL propriamente dita: como o conceito evoluiu, seus principais elementos e vertentes, em que momento ele se encontra e para onde caminha.

Este capítulo buscará entender como se deu a evolução conceitual da abordagem e quais as principais “vertentes” que existem. Foi utilizado o programa JabRef (software para gestão de referências) para organizar os livros e artigos sobre SIAL encontrados em diversas bases de dados e assim identificar os principais autores. Foram feitas buscas de publicações sobre SIAL em português, inglês, espanhol e francês.

O segundo capítulo terá um foco na análise da inserção institucional dessa abordagem, buscando entender o contexto institucional da sua criação, os principais atores envolvidos, a disseminação da abordagem via redes, considerando sua expansão e tradução para a América Latina, e que mudanças isso vem implicando na evolução da abordagem. A construção deste capítulo partiu de uma primeira entrevista semi-estruturada com a pesquisadora Claire Cerdan (CIRAD), que esteve envolvida nos primórdios do conceito e que trouxe um panorama do ambiente institucional que permitiu o desenvolvimento do mesmo. A partir da identificação desse contexto e dos principais nomes por trás dele, foi feita uma extensa pesquisa, principalmente no website do próprio CIRAD, dos projetos encabeçados por esses pesquisadores para identificar o momento institucional do surgimento do conceito SIAL.

Em seguida é feito um levantamento de todos os congressos internacionais SIAL, seus eixos temáticos, comitês científicos e todas as publicações e autores, que são catalogados (anexos A, B e C) para identificar as tendências e mudanças ao longo dos anos, bem como os principais articuladores e as regiões predominantes, fazendo uma análise do conteúdo.

Para finalizar o segundo capítulo são mapeadas as Redes SIAL existentes, por buscas em seus websites, grupos de e-mails, além de duas entrevistas semi-estruturadas realizadas por telefone com Marcelo Champredonde (INTA/Red SIAL Argentina/ ex-coordenador Red SIAL Americana) e Joaquín Gonzalez - Red SIAL Argentina.

O terceiro capítulo pretende analisar como a abordagem vem se disseminando no Brasil, aonde esse debate ainda é recente, mas que começa a se institucionalizar e expandir. São investigados os atores e redes que promovem esse processo e o grau de utilização e disseminação da abordagem, especialmente nas produções acadêmicas. A partir de um mapeamento das publicações em português sobre SIAL na base Google Scholar foram identificados e catalogados os trabalhos (anexo D), permitindo realização de uma análise do conteúdo. Para analisar a imbricação da abordagem em políticas públicas foram feitas entrevistas semi-estruturadas com Jorge Farias (EMBRAPA Caprinos e Ovinos) e os articuladores da Rede SIAL Brasil Gilberto Mascarenhas e Lígia Inham, estes últimos que também forneceram informações para análise da atuação da Rede SIAL Brasil.

Ao final são trazidas as considerações finais, concluindo o trabalho com os principais achados e as tendências identificadas. Nesse momento de difusão da abordagem na região, se faz necessário retomar suas origens e analisar o que a abordagem pode trazer de novo e relevante para o atual momento dos debates de desenvolvimento territorial rural e superação da pobreza rural na América Latina, que vem enfrentando uma realidade de grandes retrocessos e necessidade de novas ferramentas analíticas.

CAPÍTULO I. O SURGIMENTO CONCEITUAL DA ABORDAGEM SIAL

Em um contexto onde a pobreza rural segue persistente e onde a atividade agrícola sofre retrocessos, especialmente no campo da agricultura familiar, em que os mais jovens já não veem oportunidades condizentes com sua qualificação no campo, habilidades tradicionais passam a ser obsoletas com os avanços tecnológicos e se passa por um envelhecimento e abandono das atividades, surge a necessidade de novas análises que destaquem o acesso e a permanência da agricultura familiar a mercados para dinamizar sua economia ativando territórios rurais (BOUCHER; RIVEROS-CAÑAS, 2017, p. 41).

É nesse contexto e com esse ímpeto que na década de 1990 um novo quadro analítico para pensar sistemas produtivos localizados de produtos agroalimentares começa a surgir na França: os Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL). Esse enfoque se desenvolve em meio a uma explosão de outras abordagens de desenvolvimento local, seja na área da Economia, como as discussões sobre distritos industriais, sistemas produtivos locais, clusters, como na da Sociologia e estudos rurais, por exemplo, com os debates de agroindustriais rurais, multifuncionalidade da agricultura, comércio justo, dentre outros.

Os estudos que utilizam a abordagem SIAL têm como objetivo mostrar que é possível gerar desenvolvimento a partir das potencialidades dos territórios rurais (BOUCHER; RIVERO-CAÑAS, 2017, p. 41). Como uma abordagem para se pensar o desenvolvimento territorial rural, desde seu surgimento dezenas de estudos vêm sendo feitos aplicando essa lente a realidades concretas de sistemas agroalimentares ao redor do mundo, especialmente na Europa, América Latina e África. Não se trata de um modelo fechado para desenvolver um território, mas sim de um enfoque para compreender uma realidade e potencializar esse desenvolvimento considerando diversos fatores biológicos, sociais, culturais, econômicos e ambientais.

Este capítulo retoma a origem do conceito de SIAL, porém parte de uma breve digressão sobre o contexto do sistema internacional agroalimentar, importante para entender o ambiente global macro em que os desenvolvimentos teóricos mais recentes começam a se dar, especialmente à luz das grandes mudanças do próprio sistema agroalimentar. Posteriormente é feita uma discussão que pretende retomar o debate global ao local, trazendo questionamentos a essa relação para pensar não só os efeitos da globalização no local, mas também como o local pode influenciar o global, ou resistir e trazer alternativas.

Ainda, são retomados debates sobre desenvolvimento local, desde aportes da Economia para abordagens que vão ser cruciais para a posterior criação do SIAL, como é o caso dos debates de distritos industriais, Sistemas Produtivos Locais e clusters, até o debate mais específico de desenvolvimento territorial rural e agroindústrias rurais, que vão culminar na criação do SIAL. Finalmente, será contextualizando o surgimento da abordagem SIAL, sua evolução conceitual e suas principais características, especialmente do ponto de vista mais teórico e conceitual.

1.1 Sistema Internacional Agroalimentar

A macro visão dominante nos estudos de sistemas internacionais agroalimentares é a de regimes alimentares, que identifica sistemas internacionais agroalimentares desde 1850, quando se dá início a integração global da dinâmica da agricultura. São formas sistêmicas, como já diz o nome, de organização global da agricultura. Autores como Friedmann (1982; 1989) e McMichael (1989) identificaram as características que conformaram esses sistemas ao longo das décadas desde então. A origem dos sistemas se dá com a revolução agrícola, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, que trouxe um processo de mecanização e inseriu a mão de obra assalariada na agricultura, além de passar a misturar as atividades de pecuária e lavoura. Friedmann identifica concretamente dois regimes agroalimentares já estabelecidos historicamente: o primeiro entre 1870 e 1930 e o segundo entre 1945 e 1973 (FRIEDMANN, 1982). Há um debate em aberto sobre se há ou não um terceiro regime em configuração desde os anos 1990.

Enquanto o primeiro sistema internacional se caracterizava pelo estabelecimento de um mercado internacional para um produto, os grãos, na difusão da ideia livre comércio e na mudança drástica na dieta alimentar da população como resultado da urbanização, o segundo regime parte de comércio internacional colapsado as crises do século XX e aumento do protecionismo, especialmente na Europa, onde as famílias europeias, traumatizadas pela escassez provocada pela guerra, voltam a produzir alimentos. Enquanto no primeiro regime a produção era organizada pela demanda, com os EUA sendo uma grande potência agrícola, no segundo o sistema passa a ser organizado em torno do potencial produtivo do país, ou seja, da oferta.

Nesse contexto, no início da segunda metade do século XX, as novidades nas pesquisas genéticas aumentam a produtividade dos grãos (híbridos) e abrem novas possibilidades para o mercado, especialmente em consonância com os produtos

petroquímicos. Soja e milho se tornam o carro-chefe da agricultura mundial e a dieta alimentar da população, especialmente no mundo ocidental, muda drasticamente para uma dieta baseada em proteína animal. A agricultura industrial se desenvolve agressivamente, culminando na revolução verde. Surge a indústria dos agrotóxicos e a agricultura é radicalmente transformada em todo o mundo.

No entanto, nesse contexto de alta padronização da produção e comercialização de alimentos em um mercado globalizado, controlado e dominado por mega indústrias, de qualidade e diversidade questionável, emerge também contra movimentos alternativos de busca pelo consumo de produtos mais saudáveis, sustentáveis, naturais, que promovam o comércio justo, que crescem no fim do século XX e início do século XXI.

Independentemente da discussão sobre se este seria um terceiro regime, é bastante reconhecível a mudança do perfil do consumidor, principalmente em países desenvolvidos, em relação a seus hábitos alimentares, que passa a ser mais reflexivo sobre o alimento que come e desenvolve valores associados a ele. É um movimento que vai na contramão do que a indústria agroalimentar oferece globalmente. Uma das razões para isso é o fenômeno do envelhecimento da população, principalmente no Norte global, mas também em países emergentes, que trouxe consigo maiores preocupações com a questão da saúde e a alimentação se torna peça fundamental da saúde preventiva. Os alimentos conservados, importantes em épocas de guerra e escassez e fomentados pela indústria, não são mais tão interessantes, mas sim os produtos frescos e naturais. Os orgânicos passam a ter forte apelo, indo totalmente contra a forte indústria agrobioquímica que já havia se constituído e que continua avançando. A nova dieta passa a ser baseada em vitaminas.

Começa então um novo processo de valorização da agricultura, onde os “vilões” não são tanto a indústria alimentar, mas principalmente os agrobioquímicos, como os agrotóxicos e transgênicos. Entra uma questão radical sobre a qualidade dos alimentos, mas não uma qualidade técnica, senão uma qualidade baseada em valores, que coloca em questão todo o processo produtivo que vinha se conformando nos sistemas anteriores. A agricultura deixa de ser vista como um apenas um espaço e passa a ser vista como lugar, ou seja, a visão de natureza deixa de ser utilitarista e funcional e passa a ter valor diferenciado, baseada numa noção de coletividade. A qualidade do produto deixa de ser baseada em uma questão de estética, visível, e passa a ser baseada no processo de produção (WILKINSON, 2016). Ao invés dos alimentos não perecíveis e conservados,

passam a ser buscado alimentos como bens de experiência e bens de crença, um produto simbólico.

No entanto, esse mercado de alimentos frescos, sem insumos químicos, geralmente se fundamenta numa relação de confiança, que garanta que os alimentos são realmente mais saudáveis. Para que se desenvolva essa confiança em um mundo urbanizado, onde dificilmente o consumidor tem relação direta com o produtor, são criadas certificações, o que gera uma mudança completa na coordenação das cadeias de valores. O mercado tradicional começa a ceder lugar para um mercado de certificações (WILKINSON, 2008, p. 537).

A grande indústria não demora muito a correr atrás desse novo mercado de produtos frescos e saudáveis. Os produtos orgânicos, que surgiram como oposição à agroindústria, sem visar o lucro inicialmente, passam a ser produzidos por médios e grandes produtores, enquanto a agroecologia se firma como modelo alternativo de produção camponesa (WILKINSON, 2016, p. 2-3;6). Surgem também formas de cultivo “no meio do caminho”, como a agricultura “*reasonable*” na Europa, onde se usa a menor quantidade possível de insumos químicos. Indicações Geográficas (IGs) passam a ser discutidas nas instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e entram no acordo TRIPs (Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio).

O comércio justo também é um elemento que desponta a partir da década de 1950, com a emergência das Organizações de Comércio Alternativo (*Alternative Trade Organizations – ATO*). Num primeiro momento aparece com caráter mais assistencialista, para ajudar povos menos favorecidos, mas com o tempo se torna uma proposta de contra hegemonia aos desequilíbrios entre o Norte e o Sul global¹, pois valoriza não só o produto, mas processos de produção socialmente e ambientalmente corretos (MASCARENHAS, 2007, p. 2-3) e traz o componente do trabalho como critério essencial e como forma de alternativa mercadológica (WILKINSON, 2016, *ibid.*, p. 7). Alcança tantos adeptos que são criadas associações internacionais que regulam e criam normas e selos para o

¹ A divisão Norte-Sul global é um conceito político baseado em características socioeconômicas dos países no globo, portanto não é uma divisão geográfica per se, que tenta superar o uso dos termos “primeiro mundo” e “terceiro mundo”, principalmente nos debates de Relações Internacionais. O Norte Global em geral engloba EUA, Canadá, União Europeia, Oceania e países asiáticos mais desenvolvidos, enquanto o Sul Global inclui América Latina, África e países em desenvolvimento da Ásia e Oriente Médio.

comércio justo a nível global, como a *Fairtrade International* (FLO) e a *International Fair Trade Association* (IFAT). Inicialmente houve forte resistência das grandes empresas em relação ao comércio justo, mas depois elas começam a fazer manobras para se ajustar a esse sistema. A economia solidária também surge, especialmente no Sul global, questionando mais profundamente as desigualdades e levando mais a fundo a questão de desenvolvimento local. A emergência desses elementos e seu impacto nos mercados mostram que a sociedade civil consegue influenciar de alguma forma, com seus valores, o mercado.

No entanto, num contexto de globalização e liberalização do comércio mundial, os mercados locais também se tornaram globalizados, com grandes redes internacionais dominando o mercado de varejo na América Latina, substituindo o pequeno varejista. Mesmo com um significativo crescimento econômico e algumas melhoras de indicadores sociais em vários países latino-americanos, os níveis de pobreza rural se mantiveram na região, já que boa parte desse crescimento econômico se deu por conta do investimento público no modelo agroexportador durante o *boom* das commodities. Esse processo não foi isento de movimentos de resistência no campo e surgimento de novas propostas de alternativas de desenvolvimento local, com o protagonismo da agricultura familiar.

Mais recentemente, a abordagem SIAL surge como mais uma das respostas alternativas ao modelo dominante (IICA, 2013, p. 21). De forma similar a essa compreensão de sistema internacional, Boucher e Rivero-Cañas (2017, p 43), autores que trabalham a abordagem SIAL, acreditam que o contexto mundial de globalização e abertura comercial no fim dos anos 1990 trouxe grandes desafios para a agroindústria rural (AIR), como as novas exigências dos consumidores e a crescente padronização do modelo de consumo mundial, prevalecendo o dinamismo comercial e a redução do papel do estado. Eles também colocam que esse contexto trouxe mudanças ao modelo de AIR com novas perspectivas, sustentadas em agrupamentos e concentrações geográficas, nichos, produtos tradicionais, na qual se encontra a abordagem SIAL (BOUCHER; RIVERO-CANAS, 2017, p. 43).

Nesse cenário, abordagens teóricas e políticas sobre desenvolvimento regional começaram a ser revistas e repensadas para além da produção globalizada, tentando explicar o funcionamento de dinâmicas recentes de desenvolvimento dos territórios, dando origem à perspectiva territorial do desenvolvimento e abordagens como a de Clusters / Arranjos Produtivos Localizados (APL) e Sistemas Produtivos Localizados

(SPL), e mais recentemente os Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL) (MORAES, 2013, p. 73).

1.2 Do global ao local

Partindo dessa perspectiva global dos sistemas internacionais, é importante lembrar que, a maior parte dos estudos teóricos sobre a globalização, nas ciências sociais e políticas, compartilham da ideia de que ela promove um “desempoderamento do lugar” (empoderando somente alguns), o que assume uma relação de poder entre o global e o local em que o global sempre é o ator dominante e os lugares são irrelevantes em termos sociais, culturais e econômicos. Com a globalização, o debate do “lugar” foi colocado em posições mais críticas, talvez sofrendo um esvaziamento conceitual ao passar por profundos questionamentos. Mas o lugar continua sendo de grande importância na vida das pessoas, de formas diferentes e ligado à sua identidade (ESCOBAR, 2010, p. 129-130).

O desenvolvimento trouxe uma maior separação entre a vida local e o lugar para a maior parte das pessoas. A marginalização do lugar na teoria social europeia nos últimos dois séculos foi nociva para os modos de saber e práticas baseados no lugar, o que inclui também sociedades contemporâneas. Repensar o lugar é repensar também a forma de análise eurocêntrica dominante (ibid., p. 131-132). Esse pensamento crítico, muito latino-americano, ganha fôlego ao fim do século XX.

Um exemplo desse contraste são as formas de produção capitalista que se desenvolvem no local, mas que têm, em contraposição, estratégias puxadas por movimentos sociais de localização da produção valorizando o território e a cultura local (ibid., p. 166), elemento que será mais explorado nesta dissertação. Pensar o lugar não significa pensar formas pré-capitalistas, mas valorizar a cultura local para desestabilizar as estruturas de poder mais arraigadas pelas perspectivas geopolíticas e da economia política (ibid., p. 168).

Apesar de não ter sido encontrada na literatura SIAL referência a Escobar ou outros atores que debatem essa relação local e global, ela é permeada pela valorização do local. Essa valorização está mais atrelada a uma perspectiva antropológica e econômica, baseada nas percepções dos pesquisadores em suas pesquisas e extensões agrícolas em países em desenvolvimento, do que sociológica. Essas literaturas, no entanto, estão de

certa forma alinhadas e poderiam ter mais convergências no futuro, por isso esse trabalho traz essa perspectiva latino-americana que pode contribuir na sua evolução.

1.3 Desenvolvimento territorial rural

Os processos de globalização e descentralização promoveram uma retomada do interesse por enfoques centrados em um componente territorial, que promovem o local como forma de entender as dinâmicas socioeconômicas em um eixo global-local (IICA, 2013, p. 14), conforme introduzido acima. As novas formas de se pensar o desenvolvimento e o território como espaço vivo e como processo cognitivo coletivo permitiram o surgimento de novas perspectivas para pensar a relação entre economia e espaço de forma mais holística e multidimensional (IICA, 2013, p. 14).

Como já foi pontuado, ao mesmo tempo em que a globalização gerou uma tendência de padronização dos produtos agropecuários, também gerou um contra movimento de valorização de produtos típicos de um território, que envolve um processo de construção social, traz uma vantagem competitiva. Esse movimento sai de uma lógica produtivista para uma lógica de qualidade, que valoriza o local (MASCARENHAS, 2016, p. 217). Muitas abordagens de desenvolvimento local para o campo vão então se basear nesse contra-movimento.

Schejtman e Berdegú definem o desenvolvimento territorial rural (DTR) como:

un proceso de transformación productiva e institucional en un espacio rural determinado, cuyo fin es reducir la pobreza rural. La transformación productiva tiene el propósito de articular competitiva y sustentablemente a la economía del territorio a mercados dinámicos. El desarrollo institucional tiene los propósitos de estimular y facilitar la interacción y la concertación de los actores locales entre sí y entre ellos con los agentes externos relevantes, así como de incrementar las oportunidades para que la población pobre participe del proceso y de sus beneficios. (Schejtman e Berdegú, 2003, p. 13)²

Estes autores trabalham o tema do DTR associado à busca pela superação da pobreza rural, que segundo eles não passou por mudanças expressivas nas últimas décadas

² “[...] um processo de transformação produtiva e institucional em um determinado espaço rural, cujo fim é reduzir a pobreza rural. A transformação produtiva tem como propósito articular a economia do território com mercados dinâmicos de forma competitiva e sustentável. O desenvolvimento institucional tem como propósitos estimular e facilitar a interação e a consulta dos atores locais entre si e deles com os atores externos relevantes, bem como de incrementar as oportunidades para que a população pobre participe do processo e dos seus benefícios.” (Schejtman & Berdegú, 2003, p. 13, tradução livre)

do século XX e, pelo contrário, muitas vezes apresentou um recrudescimento na América Latina. O surgimento de novos enfoques de DTR nos últimos tempos seria uma oportunidade de finalmente conectar o tema da pobreza rural com outros elementos de ação pública, envolvendo debates econômicos, ambientais, dentre outros (ibid., p. 12-13).

O processo já mencionado aqui de diluição das distinções e fronteiras entre os mercados de alimentos globais, nacionais e locais muda e prejudica a capacidade de pequenas economias rurais de competição. Na medida em que grandes agroindústrias e gigantes multinacionais de supermercados passam a dominar esses mercados, se agrava o caráter excludente da modernização agrária na região e gera mais tensões sociais. Muitas vezes os governos não são capazes de organizar essa transição para minimizar os custos e maximizar as oportunidades que isso também traz, como os mercados de nicho. Ao mesmo tempo, com a globalização do comércio e dos mercados de capital, os atores supranacionais se fortalecem, como é o caso da OMC, e os governos nacionais se enfraquecem, o que gera a necessidade de maior fortalecimento dos governos subnacionais (estaduais e municipais) (ibid., p. 13-14).

Para estes autores, os antigos enfoques de DTR falharam em diversos pontos, dentre eles estão: a desconsideração da alta heterogeneidade das sociedades rurais para construção de políticas públicas, que foram pouco ou nada diferenciadas; desconhecimento do caráter multidimensional da pobreza rural, ignorando sua complexidade; o foco demasiado alto na atividade agrícola, sem levar em conta as diversas pluriatividades das unidades familiares rurais; a falta de preocupação em corrigir falhas ou ausências de mercado, que afeta profundamente os pequenos produtores; reducionismo da dimensão institucional; falha em integrar às políticas macro; menosprezo do poder do mercado de definição de tendências e oportunidades; dentre outros (ibid., 16-17).

1.3.1 Abordagens de localização das atividades econômicas

Já as abordagens teóricas sobre localização das atividades econômicas no espaço vieram por caminhos paralelos e só foram integradas tardiamente. Algumas correntes principais podem ser identificadas: a do modelo competitivo de equilíbrio geral, derivada da tradição alemã, desenvolvida por Thunen, Weber, Christaller, Lösh e outros e que culmina na Escola da Ciência Regional, que na América Latina teve maior influência no âmbito da geografia do que na literatura de desenvolvimento local (ibid., p. 17-18); as

correntes marshallianas, com as ideias de clusters e distritos industriais; os sistemas produtivos locais e arranjos produtivos locais, melhor descritos a seguir.

Pecqueur traz a hipótese de uma economia territorial pós-fordista fundamentada na noção de “proximidade geográfica”. Para este autor, no período fordista não havia essa percepção territorial nos contextos produtivos, que hoje surge de múltiplas formas, ou seja, a teoria econômica e as análises do processo de globalização não consideravam de forma relevante esses modelos de organização territorial. (PECQUEUR, 2009, p. 82).

Essa perspectiva começa a mudar nos anos 1970 quando a ideia dos distritos industriais (Marshall, 1919) foi retomada por economistas italianos, principalmente por Beccattini, e depois Cappechi, mas destacando duas características principais: a alta capacidade de adaptação/reação ao mercado globalizado e o reencontro das firmas e dos homens em um espaço concreto. O distrito prevê, segundo Beccattini, uma troca perfeita entre a comunidade local e as firmas (PEQUEUR, 2009., p. 84).

Esses estudiosos voltam às ideias de Marshall para respaldar a noção alternativa de escala por aglomeração, baseados no seu conceito de “externalidades”, ou seja, a aglomeração gera externalidades positivas (redes de fornecedores, mercado de trabalho, transbordamentos informacionais) e as externalidades, por sua vez, geram economias de escala externa. Segundo o economista, com a concentração da atividade industrial nesse início do século XX, algumas anomalias eram observadas no processo de crescimento econômico das firmas, que seria o efeito de uma “atmosfera industrial”, gerando externalidades como, por exemplo, a concentração de pequenas empresas não subordinadas a uma maior (ibid., p. 83-84). Os distritos industriais de Marshall podem ser caracterizados pela proximidade de muitas pequenas empresas especializadas em um segmento da produção de um produto coordenadas não só pelo mercado, mas especialmente pela cooperação e reciprocidade (LÉVESQUE, KLEIN et FONTAN, 1998, p. 3-4).

Essa nova perspectiva teórica, onde o território passa a ser visto como uma dimensão importante da dinâmica industrial, um agente ativo, fomenta o desenvolvimento de vários outros conceitos que tentam explicar o dinamismo industrial de diferentes regiões em países industrializados. Piore e Sabel (1984) dão uma importante contribuição ao interpretar essa forma de reorganização como uma alternativa ao modelo de grandes indústrias e produção em massa a partir de um modo de acumulação flexível (AZEVEDO, 2011, p. 101).

Na França nos anos 1980-90 começou a surgir o conceito de “sistemas produtivos locais” (SPL), que por sua vez enfatizava na colaboração entre empresas, relações entre o sistema produtivo e o sistema sócio-institucional, o “know-how” e a mobilidade do trabalhador na aglomeração da produção, o papel das instituições e recursos específicos do território. É bastante similar ao conceito de distritos industriais, a não ser pelo fato de que não é limitado a um único produto/indústria necessariamente, e também não se refere somente a pequenas empresas: em um SPL pode haver relações entre pequenas empresas, entre pequenas e grandes empresas e entre grandes empresas, e elas têm flexibilidade para responder a uma demanda variável no tempo e espaço. O elemento da proximidade espacial (local ou regional) é mantido. A relação de cooperação entre as empresas é fortemente baseada no senso de pertencimento à região ou à comunidade local e muitas vezes as regras e normas são mais informais (LÉVESQUE, KLEIN et FONTAN, 1998, p. 6-7). Nos SPL os membros das empresas costumam ter uma relação histórica ou cultural, o que ajuda a explicar a força dos laços e as trocas entre as atividades internas e recursos, bem como sua reprodução e evolução (GIACOMINI & MANCINI, 2015, p. 18). Dentre os principais autores estão Courlet, Pecqueur e Colletis.

Outro conceito que ganhou notoriedade nos anos 1990-2000, na escola anglo-saxã, foi o de *cluster*, que também é considerado um novo olhar sobre os distritos industriais. Nos clusters a vantagem competitiva de um espaço está na relação próxima entre o espaço e a economia. Eles são definidos por uma concentração geográfica de empresas e instituições interconectadas em um campo específico, que agrega um conjunto de indústrias que estão relacionadas e outras entidades importantes para a competição (ibid., p. 18, apud. Porter, 1990). Essa noção foi comumente aplicada a histórias de sucesso, como o caso do Vale do Silício, onde as relações de troca e de confiança permitem o funcionamento de uma rede local de produtores altamente eficaz (TORRE & ZIMMERMANN, 2015, p. 20).

A abordagem de clusters teve duas variações principais: a primeira se concentra em grupos de empresas do mesmo setor em escalas espaciais diferentes, vinculadas pelas suas relações e onde a origem das suas externalidades está nessas interrelações entre os atores que são favorecidas pela proximidade geográfica; a segunda é mais relacionada aos distritos industriais onde a competitividade é explicada principalmente pelos fenômenos de proximidade e é um resultado da eficiência coletiva do cluster, que por sua vez se define pelas vantagens passivas (recursos específicos do território) e vantagens ativas (processos de ativação das passivas pelas ações coletivas) (IICA, 2013, p. 13).

Quadro 1. Quadro comparativo abordagens de Desenvolvimento Econômico Local

Variável	Distritos Industriais	SPLs	Clusters
Origem (década, país, autores)	1970s, Itália (Beccatini, Cappechi)	1980-1990s, França (Pecqueur, Courlet, Colletis)	1990-2000s, Escola anglo-saxã (Porter)
Noção espacial	Alta capacidade de adaptação/reação ao mercado globalizado; Proximidade espacial	Colaboração entre empresas; <i>Know how</i> ; Proximidade espacial	Vantagem competitiva = relação próxima espaço/ economia
Relação trabalhador	Reencontro das firmas e homens em um espaço concreto	Mobilidade do trabalhador	
Relação de troca	Troca comunidade/firmas	Papel das instituições; Pertencimento = cooperação = força dos laços	Concentração geográfica de empresas e instituições em um campo; Relações de troca e confiança = rede local produtores eficaz
Tipo de produto	Um só produto/indústria	Não limita a um produto/indústria	Indústrias relacionadas + entidades importantes para competição
Escala	Pequenas empresas	Pequenas e/ou grandes empresas	2 variações: Mesmo setor, escalas espaciais diferentes + DI, competitividade = proximidade, vantagens passivas/ativas

Para Schejtman e Berdegú (2003), a literatura específica sobre desenvolvimento econômico local tem diversas versões baseadas em fundamentos de integração dos elementos dessas abordagens apresentadas. O primeiro fundamento diz respeito às externalidades que geram economias de escala externas à firma, mas internas ao território (aglomeração industrial de Marshall). O segundo é a literatura sobre entornos de aprendizagem, ou *milieu*, o qual traz a ideia de que a inovação é gerada nos processos de aprendizagem coletivos e essenciais para a competitividade. Por último está a governança, ou seja, os ativos institucionais (regras, rotinas, valores, costumes) do dado território. Essas ideias se proliferam ao longo dos anos 1990 e influenciam o debate sobre desenvolvimento econômico local na América Latina nessa época. As relações urbano-rural também são um eixo chave dessa discussão (SCHEJTMAN et BERDEGUÉ, 2003, p. 22-23).

Processos de descentralização também têm um papel relevante no debate, seja do ponto de vista administrativo, político ou fiscal aos governos subnacionais. O aprofundamento desses processos na América Latina demonstra a necessidade de desenvolvimento de novos mecanismos de regulação voltados para as demandas reais de participação da sociedade que envolve a geração de uma dinâmica multidirecional entre governo nacional, sociedade civil e governo local. Mas fica clara também a necessidade de fortalecimento da capacidade de gestão desses governos locais, que a princípio são bastante fragilizados e muitas vezes dependentes dos governos centrais ou então cooptados e/ou representados pelas elites locais. De qualquer maneira o governo nacional também tem um papel importante na promoção dessa descentralização e minimizar esses riscos e o fortalecimento da sua capacidade regulatória é primordial para evitar efeitos negativos sobre os setores menos favorecidos (ibid., p. 23-26).

Assim como a descentralização, a participação social também é um elemento chave nas abordagens de DTR, visto que elas requerem a construção de espaços públicos em que a condição consciente de cidadão é uma construção necessária. Especialmente na América Latina onde há uma grande força em termos de movimentos sociais rurais, de camponeses e trabalhadores, originada nas desigualdades na representação política dos agricultores com poucos recursos, este elemento se torna crucial. Sendo assim, os autores também reforçam que é preciso que os Estados consigam absorver as práticas dos movimentos sociais e combinar as políticas públicas com esse capital social já estabelecido (ibid., p. 27-29).

Para Schejtman e Berdegué, alguns elementos se destacam na literatura mais recente de DTR: a competitividade, a inovação tecnológica, o caráter sistêmico, a demanda externa, as relações urbano-rurais, o desenvolvimento institucional e o território visto como uma construção social (ibid., p. 29-30).

É dentro dos debates de DTR e inspirada pelas teorias de desenvolvimento econômico local que a abordagem SIAL vai se desenvolver. Boucher traz uma dessas visões de DTR, onde, segundo ele, as propostas de desenvolvimento local trazem uma maior participação dos atores locais através de novos mecanismos de governabilidade local. É uma visão multidimensional do desenvolvimento local composta pelas dimensões: econômica, com atores mobilizando recursos específicos do seu território para acessar novos mercados e ter competitividade; sócio-cultural, com valores ligados a identidade e patrimonialização; e política-administrativa, relacionada aos processos de descentralização e governança local com maior participação dos atores (BOUCHER, 2006, p. 2-3).

O desenvolvimento rural é visto então como um elemento central do desenvolvimento rural sustentável e o conceito de território passa a ser central. Muchnik, Cañada e Salcido, alguns dos principais autores sobre SIAL, definem território como “um espaço elaborado, construído socialmente, marcado culturalmente e regulado institucionalmente” (MUCHNIK, CAÑADA & SALCIDO, 2008, p. 514). O território não quer dizer somente a parte física de uma atividade, mas sim sua matriz cultural, natural, que molda a atividade local e que vai permitir que ela se integre na economia mundo (ibid.). Ou seja, o território não é somente um espaço geográfico, mas um espaço de afirmação de identidades e culturas. Mais à frente esse conceito será retomado e aprofundado no que significa dentro da abordagem SIAL.

1.3.2 Agroindústrias Rurais (AIR)

O tema das Agroindústrias Rurais (AIR) também aparece como um componente essencial para a promoção de um desenvolvimento rural que garanta equidade e inclusão social de forma sustentável desde os anos 1980 na América Latina (BOUCHER; POMÉON, 2010, p. 1). O fomento de pequenas agroindústrias rurais por políticas públicas surge como demanda que permite que o valor agregado de produtos alimentares seja absorvido por esses agricultores familiares, aumentando sua renda e melhores condições de vida. Segundo Boucher, essas agroindústrias familiares estão envolvidas em

uma complexa articulação entre território-atores-sistemas de inovação e relações campo-cidade que se fortalecem, além de tornar os produtos mais competitivos e passíveis de comercialização não só na escala local, mas também regional e global (BOUCHER, 2006, p. 4).

A AIR pode ser definida como a atividade que permite aumentar e reter o valor agregado da produção da agricultura familiar nas zonas rurais através da realização de atividades pós-colheita da matéria-prima, como seleção, limpeza, classificação, armazenamento, conservação, transformação, embalagem, transporte e comercialização (BOUCHER; POMÉON, 2010, p. 2). A origem das AIR deve ser tradicional ou incluída por projetos de desenvolvimento, com produtos campestinos, de terreno ou artesanais e organizadas por cooperativas e associações da agricultura familiar. Também são caracterizadas por processos de inovação e articulação com outros produtores agrícolas e com mercados (locais, nacionais e internacionais). Ao analisar uma AIR deve se distinguir seus níveis de formalização e grau de inserção na economia formal, bem como sua lógica própria, que deve ser mais próxima da economia campestina do que da empresarial (ibid.).

Porém todo o debate de AIR nos anos 1980 e 1990 não foi suficiente para se traduzir em políticas efetivas de redução da pobreza rural, que na verdade acabou aumentando. O contexto de globalização e liberalização comercial trouxe novos desafios para a AIR na medida em que reforça as disparidades entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, seja através da diminuição do preço internacional de matérias-primas agrícolas ou mesmo pela rápida mudança de hábitos alimentares dos consumidores, que são mais exigentes em termos de qualidade técnica e a pequena indústria acaba não tendo condições de acompanhar (BOUCHER, 2006, p. 4-5). Para manter-se no mercado e gerar maior renda a AIR necessitaria de novas fontes de competitividade (BOUCHER; POMÉON, 2010, p. 1).

Dentre os desafios trazidos pela globalização às AIR, podem ser identificados a diminuição de direitos de aduana, que favoreceu importações de produtos que competiam com produtos da AIR, gerando concorrência desleal, já que os produtos locais não conseguiam competir por problemas de quantidade, qualidade, preço, apresentação e promoção do produto e também a rápida inserção de multinacionais agroalimentares, das cadeias internacionais de “*fast food*” e empresas de grande distribuição, que transformaram totalmente os padrões de produção, consumo e distribuição, tornando impossível para as AIR se inserirem nesses circuitos. Mas a globalização também trouxe

oportunidades, como uma nova onda de demanda de consumo saudável e de produtos de qualidade, uma mudança nos hábitos alimentares voltada para uma alimentação mais equilibrada e natural, além de socialmente responsável, que criou novas possibilidades de mercados de nicho para produtos tradicionais de qualidade. Mas essa oportunidade é bastante dificultada pelas atuais normas sanitárias e de controle, baseadas na grande indústria e que muitas vezes tornam impossível o cumprimento pela pequena indústria, já que em geral os marcos regulatórios na América Latina mais excluem do que tentam integrar a pequena produção (ibid.).

É nesse contexto que, no fim dos anos 1990, estudiosos começam a olhar para o potencial competitivo de concentrações geográficas de AIR, potencializando o vínculo da AIR com o território. Esses estudos culminariam na criação do conceito de SIAL (ibid.). Na perspectiva de Boucher, essa relação entre atividade econômica e território perpassando o desenvolvimento local com características sistêmicas originou a abordagem SIAL, um processo que congregava ação coletiva, redes, processos de articulação no território, saberes-fazer e atores locais (ibid.).

1.4 O conceito de Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL)

Em meio ao *boom* de discussões sobre desenvolvimento territorial, agroindústria rural, mudanças complexas no sistema internacional, começa a surgir, ao final dos anos 1990 o enfoque de Sistemas Agroalimentares Localizados, ou SIAL, fomentado especificamente dentro do Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento (CIRAD) na França como uma forma particular de SPL, ligado à AIR (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2005). Enquanto a literatura anglo-saxã se aprofundou em trabalhos relacionados a redes alimentares alternativas (*Alternative Food Networks*, AFN, no acrônimo em inglês), na Europa Mediterrânea a academia e ativistas focaram mais em abordagens regulatórias, como as Indicações Geográficas (IGs), e outros movimentos como o Slow Food, muito voltados para o território, ou mesmo a abordagem SIAL (BOWEN & MUTERSBAUGH, 2014, p. 202).

A primeira definição/aparição da abordagem SIAL, que então não era pensada como uma abordagem, foi feita em 1996 pelo departamento de Sistemas Agroalimentar e Rural (SAR) do CIRAD. Os SIAL eram entendidos nesse primeiro momento como uma variedade do SPL, uma modalidade produtiva localizada e específica, com foco nas

características organizacionais (REQUIER-DESJARDINS, 2013, p. 95). Essa definição colocava os SIAL como:

[...] organizações de produção e de serviço (unidades de produção agrícola, empresas agroalimentares, comerciais, de serviços de restauração) associadas, por suas características e seu funcionamento, a um território específico. Os meios, os produtos, os homens, suas instituições, seu know how seus comportamentos alimentares, suas redes de relações se combinam em um território para produzir uma forma de organização agroalimentar, numa determinada escala espacial. (CIRAD-SAR, 1996)

O termo SIAL, nesse momento bastante vinculado a uma visão territorial de AIR (BOUCHER; POMÉON, 2010, p. 5), surge em meio a trabalhos do CIRAD sobre pequenas e médias empresas agroalimentares na África e aos debates de AIR na América Latina, principalmente focados na problemática da alimentação urbana e valorização de recursos locais como possibilidade de gerar valor agregado para a agricultura familiar pelo beneficiamento dos seus produtos. Foram identificadas concentrações locais de AIR especializadas e redes verticais e horizontais estruturando cadeias alimentares que possibilitavam a mobilização de recursos locais diversos, como o saber-fazer, tecnologias sociais, condições climáticas e ambientais locais, que também estavam atrelados a formas organizativas de proximidade e a processos de inovação, promovendo o desenvolvimento local. A partir dos projetos com essas pequenas unidades de produção articulando todos esses elementos e, inspirado na economia do território e elementos do SPL, o CIRAD desenvolveu o conceito de SIAL (IICA, 2013, p. 15), que também contou com *inputs* teóricos de outras áreas, como a antropologia das técnicas e dos alimentos, gestão de redes de empresas, geografia humana e Sociologia. Com isso foi se tornando uma área multidisciplinar, aplicada especialmente na Europa e América Latina (ibid., p. 17).

A abordagem SIAL veio se formando a partir da influência de diferentes perspectivas teóricas, como a geografia econômica, a antropologia econômica, neoinstitucionalismo das ciências sociais, sociologia da agricultura e dos sistemas agroalimentares, teoria das convenções, dentre outros. Bowen e Mutersbaugh (2014, p. 3) identificam três principais vertentes dentro da abordagem SIAL: uma primeira mais apegada aos enfoques de clusters e distritos industriais que se centra mais na concentração espacial das empresas agroalimentares e suas atividades em um território; outra que estuda processos de qualificação e certificação de produtos com base em seus territórios; e uma última que integra o conceito de SIAL em um contexto mais amplo dos desafios

socioambientais enfrentados pelas comunidades rurais (BOWEN & MUTERSBAUGH, 2014, p. 203).

Essa primeira conceitualização de SIAL se mostrou relativamente flexível, sofrendo algumas alterações ao longo dos anos. Segundo Muchnik, Cañada e Salcido (2008), existem três grandes períodos de evolução do conceito de SIAL. O primeiro é focado nas concentrações espaciais das agroindústrias rurais e busca de proximidades semânticas. Porém, foi sendo constatado que a densidade espacial não era o elemento determinante para os SIAL e que os clusters não abarcavam o tamanho da diversidade presente neles. No segundo período, os trabalhos foram orientados pelo processo de qualificação territorial dos produtos, o que contribuiu para uma disseminação e maior caracterização do conceito de SIAL, mas ainda assim era uma visão limitada porque reduzia os SIAL a produtos com certificações de qualidade territorial. Já no atual debate, que configuraria um terceiro período, o conceito de SIAL passa a integrar desafios da sociedade contemporânea, como a localização e deslocalização das atividades produtivas, a multifuncionalidade da agricultura, questões ambientais e de reprodução da biodiversidade (MUCHNIK, CAÑADA & SALCIDO, 2008, p. 514).

Boucher e Poméon (2010) também dividem em três ondas a evolução conceitual dos SIAL. A primeira onda seria sua formação, na segunda metade dos anos 1990, como uma continuidade do pensamento teórico de SPL, DI e clusters, aplicada em pesquisas no setor agroalimentar, em sistemas produtivos conformados por redes locais de empresas e baseados em dinâmicas territoriais e institucionais específicas interagindo com territórios, inovação e qualidade dos produtos, um vínculo forte com uma visão territorial das AIR (BOUCHER & POMÉON, 2010, p. 4-5). A segunda onda, no início dos anos 2000, passa pela ativação territorial e o ciclo social, ou seja, a identificação de recursos específicos de um determinado território que traga vantagens competitivas, que precisam ser ativados por uma “ação coletiva estrutural” – criação de um coletivo, cooperativa, associação... – e uma “ação coletiva funcional” – construção de um recurso territorializado com base na sua qualidade, como uma marca coletiva, selo de qualidade, denominação de origem, canastra de bens e serviços (ibid., p. 6-7)...

Já a terceira onda, segundo os autores, que teria começado na segunda metade da década de 2000, se baseou na análise de alguns desses processos de ativação territorial combinada com o surgimento de novos desafios para o setor, como a acelerada segmentação dos mercados, evolução da relação produtor-consumidor, a temática da multifuncionalidade da agricultura, necessidade de diversificar a atividade da agricultura

familiar para pensar a superação da pobreza, novos nichos de mercado, questões ambientais e de desenvolvimento sustentável. A abordagem SIAL passa então a ser pensada como um novo método para acompanhar o desenvolvimento de concentrações de AIR com ênfase no fortalecimento das capacidades, no território e nas estratégias para aproveitar oportunidades trazidas com a globalização (ibid., p. 8-10).

Segundo relatório do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA, 2013), o SIAL é composto geralmente de pequenas empresas que se articulam em volta de unidades de processamento, ou agroindústrias, e o sistema pode abarcar uma ou mais cadeias produtivas e gerar uma relação rural-urbana. A abordagem SIAL se propõe a possibilitar perspectivas de pesquisa das diferentes formas em que esse tipo de organização se manifesta e evolui e permite refletir sobre a competitividade da interação setorial e territorial dos seus impactos. Ela dialoga com outras abordagens de desenvolvimento rural na medida em que também perpassa eixos como a relação entre território e alimentação, relação rural-urbano, inovação, luta contra a pobreza, desenvolvimento rural, proteção do meio ambiente, novas modalidades de consumo, qualidade dos produtos, dentre outros (IICA, 2013, p. 16).

Na abordagem SIAL há dois principais enfoques para analisar as relações entre uma atividade econômica e seu entorno sócio-espacial: as redes, ou seja, análise das estruturas sociais e racionalidade das redes; e o enfoque cognitivo, que parte das especificidades socioculturais do território. Os principais elementos que diferenciam o SIAL de outros métodos de análise são: i) se volta para mercados de produtos incompletos, segmentados e parcialmente institucionalizados; ii) leva em consideração a importância da cultura e tradições, especialmente pelas redes sociais; iii) considera a heterogeneidade do setor; iv) tem preocupação com a possibilidade de superação de quadros de pobreza; v) perspectiva de centralização das políticas; vi) chama atenção para as falhas de mercado do mundo rural, como o acesso a crédito, seguros, informação, tecnologia, insumos e especulação da terra e vii) bem como para os baixos salários e sazonalidade do trabalho; viii) considera a complexidade da definição dos direitos de propriedade, especialmente sobre a terra (IICA, 2013, p. 16).

Segundo Gerardo Torres Salcido, uma das principais referências na abordagem SIAL nos últimos anos e que vem contribuindo na sua evolução conceitual, em publicação recente (SALCIDO, 2017) tentou organizar e localizar o debate SIAL através de uma revisão da literatura. O autor coloca o elemento do território no centro e a relação dos alimentos com ele, entendendo que essa relação passa não por uma volta à tradição, mas

uma reatualização das estruturas de ação coletiva e das instituições baseadas na valorização dos territórios, e nesse espaço que o enfoque SIAL se insere, como uma abordagem sobre a persistência do local e alternativas no campo da alimentação (SALCIDO, 2017, p. 20).

A abordagem SIAL para este autor congrega os elementos de território, da organização produtiva, transformação industrial e serviços em um dado espaço, cultura e as representações dos alimentos. Ele reconhece a evolução conceitual da abordagem, colocando que ela transitou da ideia de organizações agrupadas por um produto para um conceito mais amplo de bem-estar que leva em consideração questões como sustentabilidade, satisfação subjetiva, sociabilidade, valorização do local, entre outros (ibid., p. 21). Para este autor, essa “terceira fase” da evolução do SIAL fica mais evidente na América Latina conforme se mescla mais com a realidade de movimentos sociais, por exemplo movimentos de produtores indígenas, que trazem com força o debate político da riqueza e biodiversidade das áreas rurais (ibid., p. 30).

1.4.1 O território e o “localizado”

O conceito de territorialidade surge a princípio no debate dos SPL, proposto por Pecqueur e fundamentado em quatro elementos: o sentimento de pertencimento, a transmissão de saberes tácitos, presença de longo prazo e importância dos atores individuais. Mas enquanto a abordagem de SPL é focada na concentração espacial por clusters, nas externalidades positivas dessa concentração e nos fenômenos de localização da atividade produtiva, a abordagem SIAL incorpora a especificidade trazida pelos alimentos, que são o único bem de consumo que se incorpora, literalmente, ao corpo de quem o consome (BOUCHER, 2006, p. 7). Além disso, enquanto na abordagem de clusters os recursos territoriais são considerados “vantagens passivas”, na SIAL esses recursos são considerados ativos territoriais.

Dessa forma, na abordagem SIAL os alimentos são considerados diferentes dos outros bens de consumo, seja pela forma com que constrói identidades individuais e coletivas, pela relação intrínseca do consumidor com a qualidade do alimento que ingere, além de sua produção ser diretamente articulada com a forma biofísica do território e dos recursos naturais. Os atores que fazem parte do SIAL também têm sua especificidade: são movimentos e organizações camponesas, instituições que qualificam a origem dos produtos, festividades relacionadas ao valor simbólico do produto, etc. (ibid., p. 8). Existe

um “saber-fazer” local associado às atividades produtivas que é intransferível e elemento essencial para o SIAL (MORAES, 2013, p. 93).

A noção de território como um espaço de proximidades é chave para o SIAL, que aborda dois tipos de proximidade: a proximidade geográfica e a organizacional. A geográfica é um espaço determinado onde há a difusão de “externalidades passivas”, disponibilidade de mão de obra e dinâmicas de inovações e que permite as relações de cooperação e a criação de uma identidade sociocultural. Mas no caso do território para o enfoque SIAL a proximidade organizacional também é de grande importância, que é voltada para o comportamento dos atores econômicos, o compartilhamento de regras comuns, a institucionalidade. A articulação entre elas permite entender a estruturação das atividades agroalimentares (BOUCHER, 2006, p. 9-10). Nesse sentido, um SIAL não se restringe a uma definição delimitada de território, mas aborda uma atividade em relação à sua localização, ou seja, um SIAL pode ter uma base em um território geográfico, mas não se limita a ele, já que as relações organizacionais podem transcender esse espaço.

Salcido lembra que o enfoque SIAL se relaciona também com as abordagens de redes alimentares alternativas (AFN) no que diz respeito à articulação entre vínculos históricos e culturais com o território a partir de características agro-climáticas, onde a qualidade dos alimentos está ligada aos territórios e qualificada por produtores e consumidores identificados pelo seu conhecimento do entorno (SALCIDO, 2017, p. 25). Enquanto na AFN o local se refere a uma qualidade inerente a um espaço sem uma definição temporal, a qualquer momento, nas abordagens SIAL, a utilização do termo “localizado” traz um sentido de processos, um sistema que foi localizado e que não necessariamente esteve sempre nesse lugar e que pode não ficar ali para sempre também. A “conexão territorial” dos SIAL se refere às relações históricas e culturais que vão diferenciar esse SIAL de outros clusters que são somente baseados numa delimitação espacial (BOWEN & MUTERSBAUGH, 2014, p. 203).

Nos debates sobre desenvolvimento rural o “enfoque territorial”, que compreende os conceitos de território e territorialidade, funciona como modelo para diversas frentes, como a coordenação de atores sociais, manejo sustentável dos recursos naturais, análise e desenho de políticas públicas e institucionalidade em um espaço geográfico. Esse enfoque também permite uma análise multidimensional que considera elementos econômicos, sociais, políticos e ambientais, e promove o empoderamento dos atores locais (IICA, 2013, p. 12).

Um território possui diferentes tipos de recursos: os recursos específicos são aqueles ancorados no território, que remetem à natureza do sistema produtivo e os processos sociais e naturais que o geram, e esses recursos podem ser transferíveis por redes sociais, como o saber-fazer, ou intransferíveis, como as condições climáticas; já os recursos estratégicos dizem respeito à territorialidade como um espaço de proximidade que integra os atores econômicos através de sentimentos de pertencimento, transmissão de conhecimentos tácitos e a força dos atores individuais (IICA, 2013, p. 12).

Segundo os autores Muchnik, Cañada e Salcido (2008), do ponto de vista teórico, o SIAL pode contribuir para construir uma abordagem agroalimentar de base territorial na medida em que reúne a organização e funcionamento de um conjunto de atividades produtivas, sociais e culturais que formam um sistema, e do ponto de vista prático pode ser interessante para promover políticas públicas de desenvolvimento territorial e regional, já que traz uma articulação entre competitividade econômica, dinâmica social e condicionantes ambientais.

As coordenações entre atores do território têm base em referências identitárias comuns que trazem o que os atores chamam de "solidariedade territorial", que por sua vez cria regras que facilitam ações coletivas e num SIAL isso pode significar uma redução dos custos de transação. Além da solidariedade, eles também introduzem a ideia de "inteligência territorial", que seria uma forma de inteligência coletiva envolvida em um projeto ou processo de inovação que é resultado da sinergia entre os diferentes atores em um território, que é mais o que a soma das inteligências individuais. Um SIAL pode contemplar também múltiplas redes sociotécnicas - elas acumulam uma diversidade de práticas de produção que podem gerar qualidades diversas do produto em questão (CHAMPREDONDE, 2016, p. 41).

É importante lembrar também as diferenças entre os debates de territorialização na Europa e na América Latina. Enquanto na Europa a territorialização pode ser vista como uma titularidade sobre recursos de um espaço em um dado período histórico, ou seja, só sendo possível através de selos, na América Latina esse conceito está mais ligado a movimentos sociais e à luta pela terra, arraigado ao conflito social (SALCIDO, 2017, p. 27). Segundo Salcido, esse pode ser um dos elementos que indicam porque as Indicações Geográficas (IG) e as Denominações de Origem (DO) deram tão certo na Europa, mas não conseguem emplacar na América Latina, ao menos não como uma forma de pensar possibilidades de distribuição de riqueza, já que acaba se tornando mais um mecanismo de apropriação do saber-fazer tradicional por grandes corporações ou outros atores

fortes economicamente. Para este autor isso mostra ainda mais a importância das alternativas localizadas como forma de resistência e busca de autonomia pelos atores locais em um mercado globalizado (ibid., p. 27).

A abordagem SIAL pensa os efeitos dos sistemas de qualificação dos produtos a partir da governança territorial, levando em conta um território-ator, que valoriza as tradições e culturas alimentares através de uma reinvenção dessas tradições por processos de inovação, ou seja, o território como um ativo específico (MUCHNIK, CAÑADA & SALCIDO, 2008, p. 516-517). Um elemento importante da abordagem é o entendimento de que o território tem recursos que são culturais, sociais, biológicos, etc. e que podem ser ativados, podendo assim trazer competitividade para os produtos através da sua valorização. O território deve passar pela identificação, especificação e ativação desses recursos locais (ibid., p. 515).

O conceito de capital social também é muito usado na literatura SIAL, mas os autores alertam que a difusão do uso desse conceito tornou-o um pouco mais vago do que o de Pierre Bourdieu, onde capital social se refere ao capital simbólico que alguns atores mobilizam em seu favor ao se integrar em uma categoria social específica. Algumas correntes de pensamento econômico passaram a pensar a questão da confiança a partir dessa ideia, como uma fonte de coesão social que minimiza conflitos negociações e processos de exclusão comumente associados aos processos de organização territorial. No SIAL o capital social é considerado um recurso possível de ser potencializado pelas políticas de desenvolvimento territorial, mas não deve ser dissociado da análise específica das solidariedades territoriais.

No campo da certificação, enquanto a literatura anglo-saxã de AFN se caracteriza pela racionalidade crítica, mais associada a certificações de agricultura biológica ou produção integrada, a literatura SIAL caminha bem próxima ao desenvolvimento de estudos e trabalhos empíricos de outro tipo de certificação, as indicações geográficas (IG). Enquanto a AFN foca nos produtos e processos de produção, o SIAL foca no território, mas ambas pensam os produtos não só a partir dos fatores biológicos e naturais, mas também os fatores econômicos, sociais e culturais já mencionados. O diferencial do SIAL está em trazer uma perspectiva dos efeitos sistêmicos da qualificação desses produtos sobre a governança da cadeia local, e especialmente sobre a governança territorial do território.

Ainda, os autores chamam atenção para a questão das identidades em movimento. Eles acreditam que a valorização das culturas alimentares territoriais não é

necessariamente uma volta às origens, mas sim uma reinvenção das tradições e processos de inovação que afetam as raízes territoriais dessas produções, e que na abordagem SIAL é importante considerar que o consumidor será ainda inserido nesse conhecimento conforme ele seja integrado nas novas tendências culinárias e passe a ser apreciado por sua qualidade. Esse produto passará a ligar o produtor e o consumidor, gerando um processo de territorialização de segmentos do mercado. Por isso a abordagem SIAL deve levar em conta também atores do lado do consumo, que criam tendências culinárias, novos engendramentos sociais, nutricionais e ambientais (MUCHNIK, CAÑADA, SALCIDO, 2008).

Nesse aspecto, Salcido lembra que é um erro comum entender o território como algo intacto, alheio às mudanças, sem considerar que as mentalidades se transformam pelos meios de comunicação e pelas migrações. Mas o autor também coloca que nem por isso se deve pensar que hoje se vive uma era histórica do “fim dos territórios” (SALCIDO, 2017, p. 32).

Desde o princípio, por trabalhar com a ideia do produto tão atrelado ao território, a ideia de uma qualificação pelo território sempre esteve implícita, de acordo com Requier-Desjardins. A questão da qualificação pela origem vem ganhando corpo na literatura e a abordagem SIAL acompanha esse movimento, entrando na sua segunda fase conceitual. A aplicação prática do SIAL na França se deu em grande parte em sistemas de Denominação de Origem (DO) e de Indicações Geográficas (IG). Na América Latina, os exemplos geralmente usados de SIALs se referem a produtos de forte tipicidade, de qualidade muito ligada à origem territorial e a produtos artesanais.

Requier-Desjardins (2013) defende que a questão da qualificação como forma de estabelecer a relação específica com o território é a base que permite distinguir o SIAL dos SPLs, e que isso quer dizer que os SIAL não podem ser entendidos apenas como SPLs agroalimentares. A noção de SIAL está intrinsecamente vinculada a processos de qualificação territorial, ou seja, a relação entre a atividade e os atores tem caráter patrimonial – as atividades refletem a identidade do território, que é compartilhada pelos atores e reconhecida e qualificada pelos consumidores (REQUIER-DESJARDINS, 2013, p. 103).

Este autor reforça que em sua evolução conceitual, a abordagem SIAL se torna cada vez mais uma estratégia de desenvolvimento territorial com base na ativação de recursos específicos do território através de uma ação coletiva dos atores envolvidos. Também levanta a semelhança dos estudos SIAL com os estudos de desenvolvimento territorial

rural da rede RIMISP (Centro Latino-americano para o Desenvolvimento Rural), já que trabalham com realidades muito parecidas e considera que a característica da qualificação territorial é o que permite integrar estudos de desenvolvimento territorial rural da RIMISP à literatura SIAL, considerando que a ativação de recursos específicos com qualificação territorial tem papel determinante (REQUIER-DESJARDINS, 2017, p. 77-78).

Uma importante diferença da abordagem SIAL para os SPL é que a primeira traz uma maior complexidade em relação à sua delimitação espacial por causa da diversidade das unidades envolvidas, já que inclui a produção, transformação e comercialização, e pela sua dispersão e inclusão de zonas rurais e urbanas. A ideia de território, como já mencionado, é indissociável da abordagem SIAL e é ela que vai definir as relações entre os produtos, atores e instituições a partir de uma perspectiva de tempo e espaço. Essa noção dá uma grande flexibilidade analítica para a abordagem, que pode ser usada para escalas totalmente diferentes de análise em termos espaciais (IICA, 2013, p. 18-19). Mas o caráter multidisciplinar também torna a análise mais complexa.

1.4.2 Identidade, qualidade e redes

Muitos economistas trabalham a questão da qualidade há décadas, como a Sociologia Econômica e a Teoria das Convenções. Dentro da Sociologia Econômica, o papel em ajustar a oferta e a procura é tão importante quanto o preço. A incerteza sobre a qualidade, que é dada pela assimetria de informação entre o fornecedor e o comprador, pode comprometer a regulação pelo mercado e excluir bons produtos, e isso afeta especialmente a fase do consumo final da cadeia.

No caso da área agroalimentar, a dimensão identitária do alimento e o fato de que ele é incorporado à pessoa, gera uma peculiaridade para os processos de qualificação, já que o consumidor tem uma relação específica com o produto. Ao mesmo tempo em que há uma necessidade pela qualificação sanitária e nutricional dos alimentos por questões de segurança, há também a possibilidade de qualificação pelas dimensões patrimoniais e culturais, associadas a produtos "típicos" ou ao saber-fazer, bem como a referência à sua origem geográfica, ou, mais especificamente, ao território, que é endógeno a esse sistema produtivo.

No SIAL a demanda é o motor das relações que articulam a localização, a atividade econômica e o processo identitário. A globalização dos mercados permitiu que as identidades gastronômicas se tornassem de certa forma independentes da proximidade

geográfica do território de produção, essa dependência passou a ser mais da ordem cognitiva, baseada no reconhecimento da qualidade entre o produto e o território, que não se dá necessariamente por um selo de qualidade (IICA, 2013, p. 20)

Um conceito importante para Resquier-Desjardins é o de "identidade patrimonial", que se refere à conexão material e simbólica que se dá entre uma população e um espaço quando o espaço tem a qualificação identitária e conservação do patrimônio, garantindo ao consumidor que o produto se manterá inalterado e de acordo com o processo produtivo. Essa qualificação territorial é um recurso que somente um processo de desenvolvimento local pode ativar e que se torna uma forma de reduzir a elasticidade de substituição da sua produção específica, o que pode trazer autonomia para tal economia (REQUIER-DESJARDINS, 2013, p. 100-101).

Em relação à importância de redes e instituições como ativos específicos territoriais, esse debate surgiu ainda na literatura de distritos industriais e SPLs, já que a dinâmica desses sistemas depende da eficácia da rede de atores locais. No SIAL também é de grande importância o papel da organização em rede de atores sociais de todo o sistema, mas muitos autores passam a questionar a relevância da proximidade geográfica em relação à proximidade organizacional, trazendo a questão das redes desterritorializadas, ou seja, redes vinculadas pela forma comum de organização e não por estarem próximas espacialmente. Nesse sentido a abordagem SIAL vai se tornando cada vez mais particular, ao ligar a qualificação à ativação de recursos específicos e à ação coletiva (ibid., p. 103-105). A ação coletiva dentro de um SIAL se baseia nos atores sociais que estão no território e que fornecem e controlam os recursos locais territoriais, contribuindo para fortalecer as redes locais.

A abordagem SIAL acaba criando suas próprias redes, uma forma organizativa, que pode ser uma aglomeração de produtores primários, uma concentração de indústrias, um território, uma cadeia produtiva, uma comunidade étnica, dentre outros. Cada exemplo de SIAL é diferente, com processos de governança particulares, mas levando em consideração a autonomia das partes em torno de um objetivo comum. Por isso a abordagem ressalta a importância das redes localizadas de agroindústrias, já que podem favorecer a confiança, acesso a inovação e informação e cooperação (IICA, 2013, p. 18)

O grande desafio em relação à qualificação territorial, no caso das IGs por exemplo, é justamente a adequação dos pequenos produtores. Se pressuporia que índices de qualidade territorial deveriam ter referência local ou ao menos nacional, no entanto, as regras e padrões para a qualificação formal são baseadas nas capacidades e instalações de

grandes produtores. Estes muitas vezes são estruturados para exportação dos produtos, se favorece o controle dos índices de qualidade pelos atores globais dominantes.

Segundo o CIRAD e o IICA, este último parceiro do CIRAD e um dos principais disseminadores da abordagem na América Latina, a visão dinâmica do SIAL permite reconhecer que os recursos evoluem conforme as relações que os dominam, por isso o foco na análise das interações e interdependências entre os atores que manejam esses recursos, a produção, os intercâmbios e o consumo. Estas instituições olham também para a construção social da qualidade, como parcialmente dependente das relações entre os atores para reprodução e uso dos recursos de um dado território. Essas relações por sua vez exigem uma coordenação e que trazem formas e intensidades que podem gerar novos recursos para o território (IICA, 2013).

Em qualquer setor do mercado, a inovação é um elemento essencial para gerar a competitividade de uma empresa (ou grupo de empresas), seja ela técnica, comercial, organizativa ou institucional, e a qualidade desses sistemas de inovação depende muito da ação coletiva funcional, que compreende comportamentos coletivos como regras, normas e instituições. A proximidade geográfica é um dos fatores que favorece a circulação de conhecimentos e, portanto, o sistema de inovação. No caso da produção agroalimentar, a inovação tem muito a ver com os conhecimentos transmitidos, os processos de aprendizagem ao fazer, que dependem menos da proximidade geográfica e mais da proximidade organizacional. Para a abordagem SIAL, a combinação de território com ação coletiva gera um terreno fértil para inovações, principalmente de origem organizacional e institucional, que tem potencial de ativar territórios. Esse processo é conhecido como Ativação Territorial com enfoque de SIAL (AT-SIAL) e é bastante trabalhado pela IICA (IICA, 2013, p. 24) e por alguns autores já mencionados aqui.

1.4.3 Incorporação no debate de desenvolvimento sustentável

Outro elemento que a abordagem SIAL vem abraçando recentemente é a questão do desenvolvimento sustentável. De certa forma esse elemento também estava implícito desde os primórdios, já que sempre houve a referência ao desenvolvimento local de territórios marginalizados, mas veio se tornando uma questão mais explícita e direta nos últimos colóquios da rede SIAL, como reflexo da discussão global desse tema.

Apesar de promover o desenvolvimento territorial, nem sempre o impacto ambiental de um SIAL pode ser positivo. Muitas vezes um SIAL pode se referir a

produtos oriundos de práticas agrícolas altamente sustentáveis, com baixo impacto ambiental, mas outras podem ser intensivas e trazer consequências prejudiciais ao meio ambiente e ao ecossistema local (ibid., p. 109).

Mesmo em relação ao pilar social do desenvolvimento sustentável, um SIAL pode ter efeitos de geração de empregos e renda em zonas que costumam ser marginalizadas, com agricultores familiares muitas vezes em situação de pobreza, ao inserir produtos em um mercado globalizado; no entanto esse movimento pode também reforçar as desigualdades existentes entre os atores locais caso estabeleçam dispositivos de exclusão sobre os ativos estratégicos (ibid., p. 110).

Porém, Requier-Desjardins defende que a qualificação pela origem vai prever uma ligação lógica entre práticas de conservação e os SIAL, mesmo porque a própria reflexão sobre conservação da biodiversidade se baseou em criação de áreas protegidas, além de a noção de território trabalhada pelo SIAL ser essencialmente baseada em um conceito ecológico e de convívio harmônico e sustentável entre prática humana e meio ambiente. Muitos exemplos de SIAL podem ser uma oportunidade de valorizar e privilegiar o saber-fazer e as práticas que respeitam o meio ambiente e sua conservação, o que não significa que será fácil de se colocar no mercado (ibid., p. 110-111). De acordo com publicação recente do IICA e CIRAD (IICA, 2013, p. 17), o enfoque SIAL possibilita abordar de forma integrada a questão do desenvolvimento sustentável com a preservação do meio ambiente ao reconhecer que os produtos agropecuários são recursos vivos e têm sua própria racionalidade, dado a seus atributos biológicos.

1.4.4 Perspectivas acadêmicas

Um dos possíveis desdobramentos da abordagem SIAL é o debate mais normativo, voltado para influenciar políticas públicas de desenvolvimento territorial rural e superação da pobreza rural, que é trazido geralmente com as produções sobre processos de inovação e de ativação coletiva do território dentro da abordagem SIAL. Nessa perspectiva, é a ação coletiva que mobiliza os recursos territoriais de forma horizontal (entre atores do mesmo elo da cadeia produtiva) ou vertical (entre atores de diferentes elos) e que reforma as proximidades e cooperação (IICA, 2013, p. 23).

A abordagem compreende a ação coletiva estrutural, que prevê a criação formal de um grupo onde vão acontecer as trocas, e a ação coletiva funcional, que prevê a construção do recurso territorializado baseado na qualidade do bem ou serviço (selos,

marcas, DO...) e pode gerar regras e instituições também, mas implica em procedimentos de inclusão e, conseqüentemente, de exclusão (IICA, 2013, p. 23).

Segundo Fournier e Muchnik (2010, p. 8), a abordagem SIAL não deve ser usada de forma determinista, ao contrário, ela se propõe a servir como um quadro analítico para entender a organização ou evolução de atividades agroalimentares baseadas em um território. Isso quer dizer que não há um “modelo SIAL” que defina uma trajetória específica, uma proposta ideal, na verdade é uma proposta de enfoque que se propõe a oferecer uma compreensão sobre os recursos territoriais e as capacidades de integração de atores, práticas e usos, considerando escalas espaço-temporais e diferentes disciplinas (FOURNIER & MUCHNIK, 2010, p. 8).

Para Salcido (2017, p. 25-26), a abordagem SIAL é pertinente e se destaca pelo fato de refletir sobre as formas de apropriação e transformação dos conceitos bioculturais alimentares, já que, como as AIR, promove o aumento da competitividade territorial com base na qualificação dos produtos, porém levando em conta assimetrias de poder e desigualdades ao identificar conflitos. Este autor também é um dos mais vocais em colocar que abordagens como SIAL devem transcender o meio acadêmico e passar a fazer parte da agenda pública (ibid., p. 29).

Salcido é bastante crítico de mecanismos que somente servem para cooptar o que se suporia tradicional pelo grande capital e manutenção das desigualdades e acredita que a sustentabilidade dos sistemas tradicionais de produção enfrenta grandes desafios, especialmente quando as políticas de proteção aos produtos territoriais, à cultura e à diversidade, se concentraram na mercantilização e na concentração industrial voltadas para exportações. Mas acredita também que as capacidades locais dos territórios são uma força poderosa de resiliência capaz de fazer renascer atividades antes abandonadas ou em desuso em um território, considerando o paradoxo de um mundo globalizado que ora banaliza experiências autênticas via consumo massivo, ora valoriza e promove essas experiências (ibid., p. 32).

De acordo com Boucher e Riveros-Cañas, os estudos que utilizam a abordagem SIAL vêm mostrando que a falta de acesso a mercados dinâmicos é um dos principais freios para o desenvolvimento econômico dos territórios rurais, com a dificuldade dos agricultores familiares em ser incluídos nessas dinâmicas econômicas, especialmente nos países da América Latina e Caribe (BOUCHER; RIVEROS-CAÑAS, 2017, p. 41-42). A comercialização se apresenta como principal limitante, portanto acreditam que o acesso a novos mercados é um ponto crítico dos processos de ativação das AIR (ibid., p. 54).

Através da análise de seis estudos de caso (todos na ALC), Boucher e Riveros-Cañas identificaram quatro características que facilitaram o acesso a novos mercados nos diferentes SIAL (ibid., p. 55):

1. Articulação dos atores, com fortalecimento das organizações de produtores e grupos de AIR impulsionando espírito de cooperação;
2. Fortalecimento do capital social aportando confiança e sentido de pertencimento ao patrimônio do território, fortalecendo capacidade dos agricultores familiares;
3. Valorização da origem territorial dos produtos e fomento dos casos tradicionais, permitindo conservação e melhoramento do saber-fazer local;
4. Interação dos AF nas dinâmicas de desenvolvimento através de projetos que facilitem o acesso dos seus produtos a novos nichos de mercado.

Requier-Desjardins acredita que ainda falta à abordagem SIAL abarcar melhor o tema da demanda, que até então, segundo ele, não vem sendo explorado o suficiente, de forma sistemática, nesta abordagem, principalmente na América Latina. Ao analisar alguns casos, este autor também identifica algumas constantes que considera importante para o desenvolvimento de um SIAL: o turismo, o nível socioeconômico dos consumidores e a relação com uma demanda de origem urbana voltada para o aspecto cultural e simbólico de um produto com arraigo territorial (REQUIER-DESJARDINS, 2017, p. 84).

O turismo ele identifica como um turismo de proximidade, geralmente interno, de interesse no patrimônio de territórios rurais, aos finais de semana. Em relação ao nível socioeconômico dos consumidores, o autor identificou consumidores majoritariamente de classe média e classe média alta de origem urbana, o que acredita estar vinculado ao crescimento da classe média na América Latina na primeira década dos anos 2000, mas que agora é um elemento de maior preocupação considerando o contexto de crise e estagnação desse crescimento, apesar de ver esse interesse da classe média não só ligado ao aumento do poder aquisitivo, mas aliado a uma mudança de comportamento e hábitos alimentares. A urbanização por sua vez também é elemento fundamental considerando uma população majoritariamente urbanizada e o elevado crescimento de pequenas e médias cidades na América Latina. Segundo o autor essa urbanização gera também uma demanda de ruralidade, particularmente nos níveis socioeconômicos citados, mas também traz o surgimento de territórios mistos, rural-urbanos, e a difusão do comportamento urbano nos territórios rurais. O elemento da demanda dos produtos SIAL deve ser visto,

segundo o autor, dentro desse marco mais amplo de ruralidade de origem urbana (ibid., p. 84-88).

Enquanto a abordagem SIAL se apresenta cada vez mais como uma alternativa ao desenvolvimento agroalimentar baseado em um modelo de agricultura de grande escala, financeirizada e desterritorializada, ao mesmo tempo traz elementos de uma proposta de alternativa de consumo alimentar em contraposição aos produtos altamente industrializados. Nesse aspecto, Requier-Desjardins acredita que os elementos de qualificação orgânica e de circuitos curtos podem ser combinados com uma dinâmica SIAL (ibid., p. 88), o que mostra consonância com outros autores já apresentados, como Boucher e Riveros-Canãs. No entanto, Requier-Desjardins acredita que do ponto de vista da demanda, os SIAL não são uma forma de desenvolvimento territorial alternativa às formas dominantes, são mais vistos como uma possibilidade para alguns tipos de território e pode inclusive gerar conflitos entre territórios, assim contribuindo mais na diversificação das pautas de consumo do que para uma mudança de rumo da transição nutricional nos países da América Latina (ibid., p. 88-91).

Outros nomes cada vez mais importantes no debate SIAL e na sua institucionalização (tratada no próximo capítulo), como Marcelo Champredonde e Gilberto Mascarenhas, argentino e brasileiro respectivamente, acreditam que muitos autores SIAL ainda têm uma visão economicista da abordagem, muito mais atrelada aos SPL do que de fato uma abordagem mais interdisciplinar e holística. Em entrevista para este trabalho³, Champredonde colocou que a abordagem SIAL chegou na América Latina muito atrelada ao debate de AIR, e que isso lhe conferiu esse viés mais econômico, e por isso ele não concorda com a visão de “evolução conceitual” e das três gerações, pois acredita que esse movimento faz perder a essência multidisciplinar e compreensiva com que a abordagem foi criada. Champredonde não acredita que os conceitos de eficiência e competitividade são estruturantes para a abordagem SIAL, estruturante é a compreensão, multidisciplinaridade e visão construtivista.

Mascarenhas tende a compartilhar visão mais próxima à de Champredonde⁴. Ele também vê que o debate na América Latina foi construído muito vinculado ao de AIR,

³ Entrevista realizada para esta pesquisa por telefone, com perguntas semi-estruturadas, em 29 de janeiro de 2018.

⁴ Entrevista realizada para esta pesquisa por videoconferência, com perguntas semi-estruturadas, em 17 de maio de 2018.

mas não acredita que um SIAL precise, necessariamente, de uma agroindústria rural ou produtos beneficiados, tem uma visão mais ampla e também crítica. Ao fazer um levantamento das principais críticas à abordagem, Mascarenhas aponta: : i) sua baixa evolução ou continuidade teórico-analítica e a dificuldade de construção de um corpo teórico definido, em função de ser um enfoque multidisciplinar; ii) a necessidade de agregar ao conceito de território um debate sobre relações de poder; iii) por ser contexto-dependente, não há como criar uma metodologia única a ser aplicada a todos os casos, o que dificulta sua ampla utilização por órgãos de pesquisa e extensão que se baseiam em abordagens mais cartesianas; iv) há necessidade de melhor desenvolvimento de instrumentos de acompanhamento e de análise de impactos da ação coletiva e da qualificação; v) a maioria dos estudos adota uma perspectiva orientada pela oferta ao invés de buscar uma visão que considera ao mesmo tempo a oferta e a demanda; vi) falta maior consideração sobre os aspectos dinâmicos, desterritorialização, evolução das redes, embate de grupos de interesse, inovações sobre o patrimônio e a tradição; vii) muita ênfase no desenvolvimento endógeno, ignorando a importância de fatores exógenos e das políticas públicas, bem como o papel dos governos, entre outros; viii) baixa consideração ou incorporação da influência ou extensão das redes que vão além do território.

Este capítulo procurou contextualizar conceitualmente e teoricamente o surgimento da abordagem SIAL, o estado-da-arte do mundo das ideias que promoveu o ambiente fértil para a criação dessa abordagem em um contexto global, bem como apresentar as principais características que essa abordagem traz e como ela se diferencia de outras abordagens de desenvolvimento territorial. Essa definição foi importante para construir uma base para as discussões que virão a seguir. O próximo capítulo se propõe a analisar mais a fundo a inserção institucional da abordagem SIAL e entender no que isso influi, identificando os principais atores por trás da sua disseminação e aprofundamento, e também procurando entender seu papel na América Latina.

CAPÍTULO II. A INSERÇÃO INSTITUCIONAL DA ABORDAGEM SIAL

2.1 Antecedentes e surgimento institucional

O maior nome por trás do surgimento dos SIAL é o do poeta e antropólogo argentino José Muchnik, por isso a trajetória institucional da criação do SIAL perpassará pela trajetória deste autor neste trabalho, ao menos nos seus primórdios. Antes de poeta e antropólogo, Muchnik primeiro se formou em engenharia química, ainda em seu país de origem, onde teve a oportunidade de trabalhar no então Ministério de Indústria e Comércio. Nessa experiência Muchnik percebeu que o maquinário agrícola que era fomentado não era adequado para a agricultura familiar e que as técnicas tradicionais eram ignoradas. A partir dessa motivação começou a estudar antropologia das técnicas ao se mudar para a França em 1976, com o recrudescimento da ditadura militar na Argentina. A partir de 1985 já era pesquisador do CIRAD.

A maior parte de seus trabalhos para o CIRAD na década de 1980 versava sobre sistemas e técnicas de inovação na alimentação, em grande parte em países africanos, mas também na América Latina⁵. Nesse período já estava se desenvolvendo na América Latina os estudos sobre AIR, dos quais Muchnik se aproximou. Junto a Boucher e Bustamante, apresentaram no primeiro Seminário sobre Desenvolvimento Agroindustrial Rural na América Latina, em San José, em 1985, dois trabalhos: “*Inserción socioeconómica de la industria alimentaria*”⁶ e “*Rol de las tecnologías autónomas en la alimentación*”⁷.

Em 1977 foi criado o Grupo de Interesse Científico (GIS) ALTERSYAL (Alternativas para os Sistemas Alimentares), pelo CIRAD, *École Nationale Supérieure des Industries Agricoles et Alimentaires* (ENSIA) e a *Groupe de Recherche et d’Echanges Technologiques* (GRET), uma rede de profissionais que compartilham uma dada idéia de desenvolvimento tecnológico e uma concepção de trabalho de campo (TREILLON, 1992) com o objetivo de buscar contribuir para o desenvolvimento agroalimentar de

⁵ A produção de Muchnik para o CIRAD pode ser encontrada em: <<https://agritrop.cirad.fr/view/creators/Muchnik=3AJos=E9=3A=3A.html>>. Acesso em 03 jan. 2018.

⁶ Inserção Sócio-econômica da indústria alimentar, na tradução livre.

⁷ Papel das tecnologias autônomas na alimentação, na tradução livre.

países em desenvolvimento, inicialmente através da revalorização de tecnologias indígenas e artesanato agroalimentar (BOUCHER, 2004, p. 22).

Por volta de 1985, o ALTERSYAL realizou uma parceria com a Rede de Tecnologias Apropriadas para o Desenvolvimento Rural Agroalimentar, criada por iniciativa do CITA (*Centro de Investigación en Tecnología Alimentaria*), para promover a agroindústria rural na América Latina e no Caribe. Na segunda parte da década de 1980 o grupo começa a focar no debate de inovação, porém partindo de uma perspectiva de ir além da lógica puramente técnica. Vários estudos de caso foram realizados em países em desenvolvimento, como em Burkina Faso e Tailândia⁸.

Ainda no fim dos anos 1980 uma iniciativa do CIRAD, com financiamento do Ministério da Pesquisa e da Tecnologia francês, deu o pontapé aos primórdios do SIAL com estudos de caso no Peru, Brasil e Benim. Como parte do *Centre d'études et d'expérimentation en mécanisation agricole et technologie alimentaire tropicales* (CEEMAT, Centro de Estudos e Experimentação em Mecanização Agrícola Tropical e Tecnologia de Alimentos), um extinto departamento do CIRAD, precursor do CIRAD-SAR, e em parceria com o *Institut National de la Recherche Agronomique* (INRA, Instituto Nacional da Pesquisa Agrônômica), os projetos foram tomando forma em parceria com universidades e instituições desses países.

Durante 1989 e 1991 foi implementado um projeto pelo CIRAD em parceria com a Faculdade de Ciências Agrônômicas da Universidade Nacional do Benim (FSA/UNB) intitulado "*Filières courtes et systèmes techniques de transformation de produits alimentaires au Bénin*"⁹, coordenado por Muchnik, que respondia pelo INRA/CIRAD-CEEMAT, e pelo professor C. Mathurin Nago, da FSA/UNB. Claire Cerdan atuou como estagiária neste projeto. O projeto tinha apoio do Ministério da Pesquisa e Tecnologia francês. A FSA/UNB já trabalhava desde 1982 em colaboração com o GIS ALTERSYAL. De acordo com relatório do projeto, assinado por Muchnik em 1991, o objetivo do projeto consistia em apoiar a dinâmica de inovação de técnicas e processos, produtos e organizações sociais em andamento no setor de alimentos artesanais (MUCHNIK, 1991), e nele abarcava:

⁸ Essas informações foram encontradas no website < <http://base.d-p-h.info/fr/fiches/premierdph/fiche-premierdph-2957.html>>. Acesso em 04 jan. 2018.

⁹ Cadeias curtas de abastecimento e sistemas técnicos de processamento de alimentos no Benin, na tradução livre.

Como parte de uma pesquisa realizada em colaboração com a ALTERSYAL com financiamento do Ministério da Pesquisa e Tecnologia da França, a FSA/UNB realizou um diagnóstico tecnológico e socioeconômico das principais atividades artesanais de processamento de produtos agrícolas do Sul do Benin (NAGO, 1989). Também identificou a dinâmica da inovação neste setor relacionada a ferramentas e processos, produtos e organização social dos setores. Este estudo possibilita a identificação de gargalos técnicos que limitam a produtividade do trabalho e/ou que não permitem obter produtos de qualidade constante ou melhor durabilidade. Exemplos: classificação de grãos, secagem de mawe, cozimento no vapor de massa de milho, moagem, prensagem, embalagem, etc.¹⁰ (MUCHNIK, 1991) (tradução livre)

Nessa primeira metade da década de 1990 Muchnik se debruçou em produzir sobre AIR. Em 1995, CIRAD, IICA e CIID (Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento, do Canadá), lançaram sob edição de Muchnik (INRA-CIRAD/SAR) e Boucher (PRODAR/CIRAD-SAR) a publicação “*Agroindustria rural: Recursos técnicos y alimentacion*”, só com experiências na ALC. O livro foi fruto de uma oficina realizada pelo PRODAR (Programa Cooperativo de Desarrollo Agroindustrial Rural), programa criado em 1989 pelo CIRAD e IICA com o objetivo de promover e fortalecer a AIR na América Latina oferecendo serviços de cooperação para projetos de AIR¹¹. Nessa publicação não há nenhuma menção sobre SIAL.

Segundo entrevista com a pesquisadora Claire Cerdan, que trabalhou com Muchnik durante esse período, havia uma preocupação por parte dele de o debate de AIR estar muito isolado e um entendimento de que isso prejudicava uma visão sistêmica da produção agroindustrial familiar. Muchnik começa a se debruçar então sobre a literatura de SPL, clusters e distritos industriais e esse ambiente, dentro do CIRAD, é que viria então a inspirar a criação do SIAL. Os SPL não eram suficientes já que, para Muchnik, o sistema agroalimentar apresentava diferentes relações endógenas e também um tipo de

¹⁰ “Dans le cadre d'une recherche menée en collaboration avec ALTERSYAL sur un financement du Ministère Français de la Recherche et de la Technologie, la FSA/UNB a réalisé un diagnostic technologique et socio-économique des principales activités artisanales de transformation des produits agricoles du Sud-Bénin (NAGO, 1989). Elle a également repéré les dynamiques d'innovation dans ce secteur portant sur les outils et procédés, les produits et l'organisation sociale des filières. Cette étude permet d'identifier des goulots d'étranglement techniques qui limitent la productivité du travail et/ou qui ne permettent pas d'obtenir des produits de qualité constante ou de meilleure durée de conservation. Exemples : triage des céréales, séchage du mawé, cuisson vapeur de pâtes de maïs, mouture, pressage, emballage, etc.”

¹¹ As informações sobre o PRODAR foram encontradas no website: <<http://base.d-p-h.info/es/fiches/premierdph/fiche-premierdph-2773.html>>. Acesso em 04 jan. 2018.

produto totalmente diferente, onde a produção é um desafio, já que se trata de matéria-prima e depende de fatores externos (ambientais, ecológicos).

Duas influências muito importantes para Muchnik neste período foram Christine de Sainte-Marie e François Casabianca, que realizavam à época trabalhos sobre produtos locais e qualidade, com críticas aos distritos industriais. Grande parte desses trabalhos versavam sobre experiências na Europa, principalmente na região de Córsega (França). Além desses autores, outras influências que fizeram parte desse “grupo” foram Jean-Antoine Prost, também com trabalhos em Córsega, Philippe Marchenay e Laurence Bérard, também com estudos sobre produtos locais na França, e Pascale Moity-Maïzi com estudos em países africanos. Também houve influência dos estudos de Amédée Mollard e Bernard Pecqueur sobre canastra de bens e produtos de origem e qualidade territorial como estratégia de desenvolvimento.

Essa efervescência de estudos sobre produtos locais e sistemas de qualificação neste grupo de pessoas próximas, pesquisadores do INRA e CIRAD, trouxe os aportes para conformar o berço da criação da abordagem SIAL, da qual Muchnik foi o grande articulador e mobilizador.

2.2 Origem SIAL

Na base de publicações do CIRAD, Agritrop, existem 120 publicações de autoria de José Muchnik, entre livros, capítulos, artigos, documentos técnicos e relatórios de campo¹². Considerando que a maior parte desses arquivos era de acesso restrito a integrantes do CIRAD, só foi possível fazer uma análise do conteúdo considerando os títulos. Na década de 1980 havia 13 documentos, a maioria referente a estudos de caso sobre técnicas e inovação na África e América Latina. Na década de 1990 a produção cresce bastante, somando 63 itens. É possível notar uma forte aproximação com o debate de AIR, com muitas publicações em co-autoria com François Boucher, como a edição dos livros “*Les agro-industries rurales en Amérique Latine*” (1998) e “*Agroindustria rural: Recursos técnicos y alimentacion*” (1995), além de alguns capítulos destes livros. Também é nessa década que começa a aparecer o termo e conceito de SIAL, com duas

¹² A pesquisa pode ser acessada pelo website:
<<https://agritrop.cirad.fr/view/creators/Muchnik=3AJos=E9=3A=3A.html>>. Acesso em 04 jan. 2018.

publicações que incluem o termo em seu título: “*Globalizacion y evolucion de la agroindustria rural en America Latina: sistemas agroalimentarios localizados*” (1998), de autoria de Boucher François, Bridier Bernard, Muchnik José, Requier-Desjardins Denis; e “*L’émergence d’une recherche sur les systèmes agroalimentaires localisés*” (1998), de Devautour Hubert, Muchnik José, Sautier Denis, ambas posteriores à primeira aparição do conceito em 1996 na publicação do CIRAD-SAR. Nos anos 2000 mais de 40% dos documentos de autoria de Muchnik na base do CIRAD tinham em seu título a palavra SIAL.

Quadro 2. Publicações com autoria de Muchnik na base do CIRAD

	1980s	1990s	2000s	2010s
TOTAL	13	63	41	3
África	5	19	15	0
AL	7	18	3	0
AIR	1	10	8	0
SIAL	0	2	17	2

Como já foi mencionado, diversos pesquisadores do INRA-SAD e CIRAD foram fundamentais para influenciar a base do que viria ser o SIAL, como Cerdan, Boucher, Sautier, Requier-Desjardins, Christophe Albaladejo e especialmente François Casabianca e Christine de Sainte-Marie. Muchnik trabalhou com os dois autores no SAD escrevendo principalmente sobre territórios de produção, qualificação territorial de produtos (especialmente IGs) e finalmente sobre SIAL. Sainte-Marie especialmente publicou diversos artigos sobre SIAL com ambos, especialmente Muchnik, com quem editou o livro “*Les Temps Du SYAL*” (2010).

A criação do conceito SIAL se materializou mesmo com os resultados de duas Ações Temáticas Programadas (ATPs) do CIRAD-SAR: “*Pilotage par l’aval des innovations agroalimentaires dans les filières courtes de produits vivriers*”¹³ (1988-1992) e “*Conditions d’émergence et de fonctionnement des entreprises agroalimentaires rurales*”¹⁴ (1992-1995) (CIRAD-SAR, 1996, p. 2). Tais ATPs foram desenvolvidos em países da América Latina e da África Ocidental com os objetivos de estudar como a transformação de produtos da agricultura familiar poderia aumentar a renda dos

¹³ Gestão posterior (*downstream management*) das inovações agroalimentares em cadeias de produtos alimentares de curta duração, na tradução livre.

¹⁴ Condições para o surgimento e funcionamento de empresas agroalimentares rurais, na tradução livre.

produtores e a alimentação da população urbana através do desenvolvimento de recursos locais (GIS SYAL, 2009, p. 6).

Finalmente em abril de 1996 foi realizado pelo CIRAD uma reunião intitulada “Estratégias de pesquisa no campo da Socioeconomia da Alimentação e das Indústrias Agroalimentares”, com diversos pesquisadores do CIRAD, incluindo Muchnik e Boucher e a direção científica do centro, mas com convidados externos de universidades parceiras, como Denis Requier-Desjardins (Universidade de Versalhes), Colette Fourcade (Universidade de Montpellier), Mathurin Nago (FSA/UNB), Jean-Pierre Chauveau (ORSTOM/APAD) e Pascale Maizy (CNEARC/EHESS Marseille). O objetivo da reunião era pensar perspectivas da pesquisa no laboratório de sistemas técnicos agroalimentares e ciências do consumo (STSC) do CIRAD-SAR (CIRAD/SAR, 1996, p. 25-28) após a realização das duas ATPs mencionadas acima. Ao avaliar os resultados delas, ficou claro para o grupo que faltava uma ferramenta teórica para articular os diversos elementos encontrados de forma sistêmica.

Dessa reunião resultou então um documento publicado em novembro do mesmo ano, 1996, que sistematizou esse debate e propôs uma ferramenta que visava responder duas principais questões (CIRAD-SAR, 1996, p. 4):

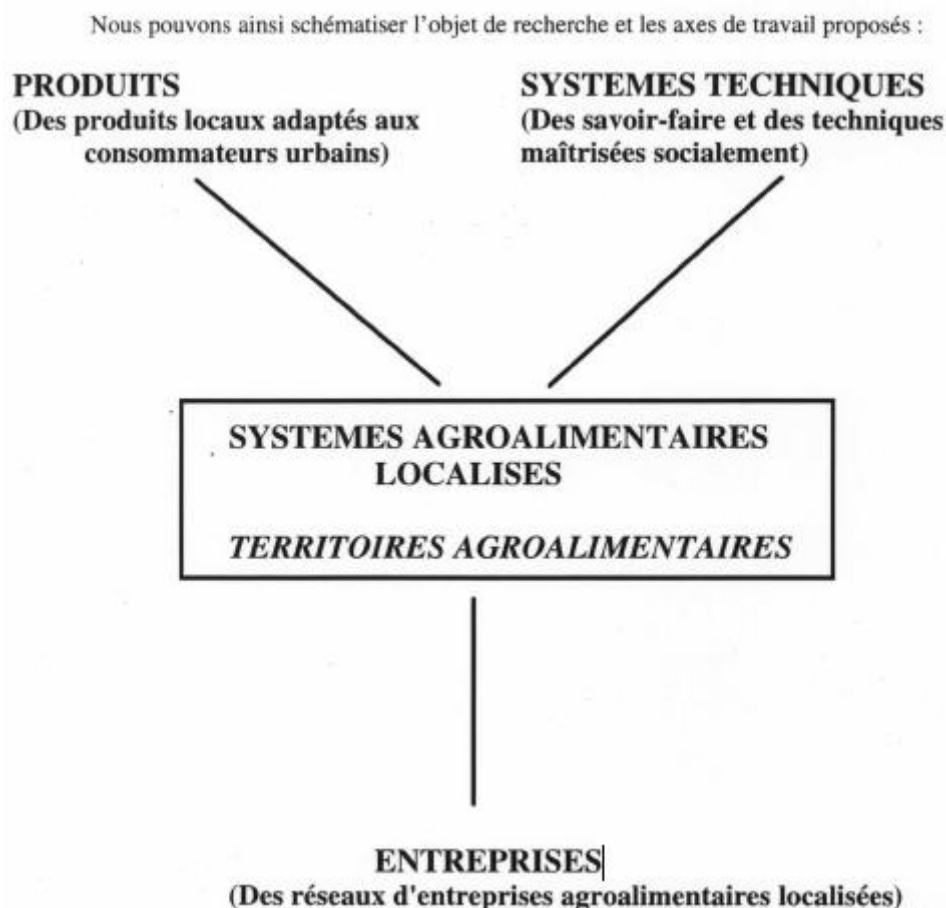
- 1) Como articular melhor o fornecimento de alimentos para as cidades com a agricultura familiar existente?
- 2) Quais ações devem ser tomadas para melhorar o controle social dos diversos processos de inovação (alimentares, técnicos, organizacionais e institucionais) e suas interações para satisfazer a demanda social por produtos alimentares?

Nasce então um novo objeto de pesquisa para o CIRAD-SAR, os SIAL. Ao considerar diversos casos já estudados por eles, como as “panelas” na Colômbia (em Hoya del rio Suarez, Santander), a farinha de mandioca no Benim (em Savalou dans le Zou), o sistema de açúcar de palma na Tailândia (na Sathing Phra), os queijos de territórios franceses, os presuntos de territórios italianos e as cervejas de territórios alemães, constataram que os SIAL, como definiram, eram capazes de associar os produtos, as técnicas, os hábitos alimentares, os territórios e a organização das unidades de produção (CIRAD-SAR, 1996, p. 5). Esse documento já traz um conteúdo robusto para definir os SIAL nesse momento e dar partida no projeto de pesquisa.

De fato, nesse momento é apresentado mais como um modelo de desenvolvimento, mas que se pretende ser construído a partir da interação com a pesquisa de campo como fundamento da abordagem metodológica do grupo. Segundo o documento:

Do ponto de vista da produção do conhecimento, trata-se, antes de tudo, de começar observando fatos sociais (fatos alimentares, fatos técnicos, fatos organizacionais) e analisá-los como produtos históricos localizados em áreas geográficas específicas. A análise comparativa dessas observações em diferentes contextos pode fornecer hipóteses e teorias explicativas em relação aos fatos observados. (CIRAD-SAR, 1996, p. 12, tradução nossa)¹⁵

Quadro 3. Modelo original de SIAL



Fonte: (CIRAD-SAR, 1996, p. 15)

¹⁵ “Du point de vue de la production des connaissances, il s'agit d'abord de partir de l'observation des faits sociaux (faits alimentaires, faits techniques, faits organisationnels), et de les analyser en tant que produits historiques situés dans des espaces géographiques donnés. L'analyse comparée de ces observations dans des contextes différents peut fournir des hypothèses et des théories explicatives par rapport aux faits observés.”

Esse documento também foi norteador para reorientar alguns projetos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) existentes. Os projetos de P&D selecionados como prioritários foram: ALISA (Alimentação, Saber-Fazer e Inovações Agroalimentares) na África Ocidental; AVAL (Ação de valorização do saber-fazer agroalimentar local) na África Ocidental; PADAF (Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura Familiar) Nordeste do Brasil; e PRODAR (Programa de Desenvolvimento da Agroindústria Rural) na América Latina. Além desses projetos, também apoiariam a sessão sobre “inovações e aspectos socioeconômicos da valorização dos produtos amazônicos” e o projeto PRASAC (projeto de pesquisa sobre agricultura em zonas de savana na África Central em Garoua, norte do Camarões) (ibid., p. 15-16).

Cada um desses projetos tinha parceiros institucionais específicos e pesquisadores, dessa forma a disseminação institucional do conceito de SIAL começou a tomar marcha.

Quadro 4. Projetos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) – CIRAD

Projeto	Instituições Cooperantes
ALISA	<ul style="list-style-type: none">✓ Freie Universitat Berlin- Institut d'ethnologie✓ Humboldt Universitat-Berlin IPEDA✓ CERNA (Centro de Estudos e Pesquisa em Nutrição e Alimentação) da Faculdade de Ciências Agrícolas do Benin✓ LBTA (Laboratório de Tecnologia de Alimentos) do CNRST (Centro Nacional de Pesquisa Científica e Técnica) do Burkina Faso✓ ENDA-GRAF Senegal✓ Apoio da União Europeia (DG. XIII/INCO)
AVAL	<ul style="list-style-type: none">✓ CERNA (Centro de Estudos e Pesquisa em Nutrição e Alimentação) da Faculdade de Ciências Agrícolas do Benin✓ LBTA (Laboratório de Tecnologia de Alimentos) do CNRST (Centro Nacional de Pesquisa Científica e Técnica) do Burkina Faso✓ ENDA-GRAF Senegal✓ Apoio Ministério da Cooperação francês
PADAF	<ul style="list-style-type: none">✓ EMBRAPA Programa 09 Brasil• No Nordeste em apoio ao PADAF (Programa de Apoio à Agricultura Familiar)• Na Amazônia, em colaboração com o CPATU (Centro de Pesquisa do Tropicó Urnido)✓ INTA- Programa "rminifundios" Argentina
PRODAR	<ul style="list-style-type: none">✓ Consórcio CIRAD-IICA✓ + 15 redes nacionais que permitem associar várias instituições locais (organizações de pesquisa ou de ensino, ONGs, serviços administrativos, etc.)

O grupo responsável pela liderança do projeto seria o laboratório STSC, do CIRAD-SAR, que já contava com uma colaboração inter-institucional com o INRA-SAD, disponibilizando o Muchnik, e com o antigo CNEARC (Centro Nacional de Estudos Agrônômicos das Regiões Quentes, Montpellier), com os pesquisadores associados Hubert Devautour e Pascale Maizi. O trabalho seria desenvolvido dentro da unidade de pesquisa ISAA (Inovações nos Sistemas Agrícolas e Agroalimentares e Ciências do

Consumo) do CIRAD-SAR com a colaboração dos laboratórios de Comunicação e Organização dos Produtores (pesquisadores Mercoiret e Bosc) e de Estratégias de Atores e Marketing (pesquisadores Yung e Losch). Também teria sinergia com os programas “Gestion des Espaces Ruraux et des Exploitations”, liderado por Claire Cerdan e Denis Sautier no Brasil, e “Technologie, Entreprises, Marchés”, liderado por Nicolas Bricas e Bernard Bridier (França), François Boucher (Costa Rica, Peru), Abraão Silvestre (Brasil), Thierry Ferre (Camarões) (ibid., p. 20).

As principais contrapartes científicas externas do projeto são identificadas na tabela abaixo:

Quadro 5. Contrapartes do CIRAD-SAR no primeiro projeto SIAL

Universidade	Unidade	Pesquisadores
Universidade de Versalhes Saint Quentin en Yvelines C3ED	Centro de Economia e Ética para o Meio Ambiente e Desenvolvimento	D . Requier Desjardins; R. Mahieu
Universidade de Montpellier I ERFI	Equipe de Pesquisa em Empresa e Indústria	C. Fourcade; M. Marchesnay
ENSIA Massy	CEPAL (Centro de Economia da Produção de Alimentos)	R. Treillon
Universidade Paris Nanterre	Cátedra de Geografia e Prática do Desenvolvimento	J .P. Raison; A. Dubresson
Universidade de Lyon II – CNRS	Laboratório "Economia da mudança técnica"	J. Perrin
ENSAM Montpellier	DEA (Economia do desenvolvimento agrícola agroalimentar e rural)	Ph Lacombe
EHESS Paris	Cátedra de História e Técnicas	F. Sigaut
EHESS Marseille	Cátedra de Etnologia	J.P. Olivier de Sardan

2.3 Criação do GIS SYAL

Em seguida, no ano de 1998, outra iniciativa daria gás na disseminação do SIAL, o ciclo de seminários “Sistemas Agroalimentares Localizados e Construção de Territórios”, que aconteceu em Toulouse, Montpellier e Corte, organizado por um grupo de pesquisadores e professores do INRA-SAD, CIRAD-TERA (hoje CIRAD-ES) e CNEARC (hoje Montpellier SupAGRO). As Universidades de Montpellier e Versalhes foram também parceiros importantes. O objetivo desse ciclo era compartilhar experiências e pensar em melhores respostas para adaptação às rápidas mudanças de contexto do desenvolvimento agroalimentar baseado em recursos locais reunindo pesquisadores de diferentes disciplinas das ciências sociais e biotecnológicas. Com os seminários foram definidos eixos para estruturar a produção de conhecimento, todos orbitando o conceito de SIAL (GIS SYAL, 2009, p. 6).

Em 1999-2000 o debate se aprofundou através do ciclo “SIAL – Teses Abertas” para debater teses em andamento de pesquisadores ligados aos grupos de debate SIAL que uniu pesquisas sobre diversos SIAL. Em 2000 aprovaram o projeto “Sistemas Agroalimentares Localizados” com apoio financeiro do Fundo Comum INRA-CIRAD, que repassou 30 mil euros para execução de 2000 a 2002. Cada centro tinha uma equipe ou equipes que se dedicaram ao projeto em diferentes níveis, conforme descrito abaixo (GIS SYAL, 2009, p. 6-7):

Quadro 6. Composição do Projeto “Sistemas Agroalimentares Localizados” – INRA-CIRAD

INRA	CIRAD	Montpellier SupAGRO
Equipe PIDAL (Processos de Inovação no Desenvolvimento Agroalimentar Local)	Equipe Qualiter (Qualificação territorial, redes de atores e inovação agroalimentar)	Grupo VALOR (Valorização de produções: mercados, organizações, qualidades)
4 unidades de pesquisa + 1 unidade experimental do SAD - Ecodéveloppement Avignon - UMR Innovation Montpellier - LRDE Corte - SAD Toulouse - Domaine du Mas Blanc – Alénia	Cirad-Tera	Mestrado DAT (Desenvolvimento Agrícola Tropical)

Como desdobramento desse processo foi publicado em 2001 o livro “Systèmes agroalimentaires localisés: Terroirs, savoir-faire, innovations”, editorado por Moity-Maïzi, Sainte-Marie, Geslin, Muchnik e Sautier, publicado pelo INRA-SAD em colaboração com CIRAD-SAR e CNEARC. Mas ainda mais importante foi a criação, neste ano de 2001, do GIS SYAL (Grupo de Interesse Científico Sistemas Agroalimentares Localizados), então presidido por Guy Paillotin. Esse processo também levou à estruturação da UMR Inovação de Montpellier (GIS SYAL, 2009, p. 6-7).

O GIS SYAL foi composto inicialmente por seis instituições: Agropolis International (pelo Agropolis Muséum), CIRAD, CNEARC, INRA, Universidade de Montpellier I e Universidade de Versailles St-Quentin en Yvelines. O GIS conta com um Conselho de Orientação Científica (COS) composto por representantes das instituições membro, personalidades externas (que podem ou não ter um vínculo institucional, mas que colaboram como pessoa física) e os facilitadores do grupo, que dedicam uma pequena parte do seu tempo de trabalho (em geral 10%) a depender dos períodos e projetos e não precisam ser vinculados a uma das instituições membro. No momento de sua constituição o INRA indicou José Muchnik para assumir a diretoria do grupo e o CIRAD indicou Pascale Lajous para assumir o secretariado técnico.

Quadro 7. Composição do Conselho de Orientação Científica do GIS SYAL entre 2001 e 2005

Instituições Membro	INRA	Marion Guillou (Presidente e Diretora Geral) Ph. Lacombe - suplente
	CIRAD	B. Bachelier (DG) R. Guis - suplente
	CNEARC	Marc Latham (Diretor)
	U. Versalhes	D. Gentil (Presidente) M. Bied-Charreton - suplente
	U. Montpellier	A. Uziel (Presidente)
	Agropolis Museum	J. Lefort Ch. Bourdel – suplente
Personalidades externas		G. Paillotin (Président du GIS)
	MAAPAR-DPEI	E. Vidal (Vice-présidente du GIS)
	Datar Paris	P. Pommier
	ARIA Languedoc- Roussillon	G. Vignals, J.F de la Guérivière
	FSA/UNB	Mathurin Coffi Nago
	Ensia Massy	R. Treillon
	Coopérative des Vignerons des Pays d’Ensérune	M. Bataille
Facilitadores		Colette Fourcade F. Casabianca D. Chabrol H. Devautour G. Linden J. Muchnik (Directeur du GIS) D. Requier-Desjardins D. Sautier.

Quadro 8. Composição do Conselho de Orientação Científica do GIS SYAL entre 2005 e 2008

Instituições Membro	INRA	Marion Guillou (Presidente e Diretora Geral) Ph. Lacombe (Presidente do GIS) – suplente
	CIRAD	Lesafre e M. Gerard Matheron (DGs) R. Guis e P. Caron - suplentes
	SupAGRO / IRC	E.Landais (Diretor) Bringuier e F.Dreyfus - suplentes
	U. Versalhes	Sylvie Faucheux (Presidente) M. Bied-Charreton - suplente
	U. Montpellier	Dominique Deville de Périère (Presidente)
	Agropolis Internacional/ Agropolis Museum	Gerard Matheron e Henri Carssalade (Presidentes) Puygrenier e Salas - suplentes
Personalidades externas	MAAPAR-DPEI	E. Vidal (Vice-présidente du GIS)
	Datar Paris	P. Pommier
	Slow Food	Didier Chabrol
	FAO, CGIAR	Rupert Best
	ex Ensia Massy	R. Treillon
	Conseil Supérieur de recherche Scientifique, Espagne	Javier Sanz Cañada
Facilitadores	CIRAD	Denis Sautier Ludovic Temple (suplente)
	CIRAD	André Rouzière
	INRA	José Muchnik (Diretor do GIS) François Casabianca (suplente)
	INRA	Bertrand Schmitt Thierry Linck (suplente)
	Agropolis International	Michel Chauvet

	SupAGRO / IRC	Pascale Maizi Stéphane Fournier (suplente)
	Univ. Montpellier I	Colette Fourcade
	Univ. Versailles Saint-Quentin	Denis Requier-Desjardins

FACILITADORES DO GIS SYAL

NOME	INSTITUIÇÃO
- Christophe ALBALADEJO	INRA Sad Toulouse
- Laurence BERARD	CNRS - Bourg en Bresse
- Rémi BOUCHE	INRA Sad Corté
- François BOUCHER	CIRAD Es – Umr Innovation
- Jean-Pierre BOUTONNET	INRA Sad – Umr Innovation
- Dominique BRESSOUD	INRA Sad Alenya
- Bernard BRIDIER	CIRAD Es – Umr Innovation
- Aurélie CARIMENTRAND	IHEA – Doct. C3ED Univ. Versailles St Quentin
- François CASABIANCA	INRA Sad Corté
- Claire CERDAN	CIRAD Es - Umr Innovation
- Didier CHABROL	CIRAD Es – Umr Innovation
- Michel CHAUVET	INRA – Agropolis International
- Fabrice DREYFUS	INRA SUPAGRO Irc
- Guillaume DUTEURTRE	CIRAD Es
- Colette FOURCADE	UNIV MONTPELLIER 1
- Stéphane FOURNIER	SUPAGRO Irc
- Philippe GESLIN	INRA Sad Toulouse
- Thierry LINCK	INRA Sad Corté
- Pascale MAIZI MOITY	SUPAGRO Irc
- Philippe MARCHENAY	CNRS Bourg en Bresse
- Paulette POMMIER	Ex DATAR
- Denis REQUIER DESJARDINS	Univ. Versailles St Quentin/LEREPS Univ. Toulouse
- Christine de SAINTE MARIE	INRA Sad Avignon
- Bertrand SALLEE	CIRAD Persyst
- Denis SAUTIER	CIRAD Es – Umr Innovation
- Ludovic TEMPLE	CIRAD Es – Umr Moisa
- Jean-Marc TOUZARD	INRA Sad – Umr Innovation
- Roland TREILLON	Ex ENSIA Massy

Figura 1: Facilitadores do GIS SYAL

Nesse primeiro momento os pesquisadores identificaram um elemento que unia esses sistemas agroalimentares localizados: os processos de inovação. Os sistemas de ação e rede, processos locais de qualificação dos produtos, saberes locais e a patrimonialização foram considerados os quatro elementos que proporcionam a criação de um SIAL (GIS SYAL, 2009, 11-12).

Seis projetos, alguns já mencionados, podem ser considerados os principais catalisadores do desenvolvimento e aplicação do conceito, com protagonismo do GIS SYAL: i) Projeto SIAL do Fundo Comum INRA-CIRAD (2000-2002); ii) ATP CIRAD Sistemas agroalimentares localizados e construção de territórios (1999-2002); iii) Projeto PIDAL no INRA (2000-2004); iv) Avaliação ambiental da agroindústria *panela* (açúcar de cana) na Colômbia (1997-2002); v) Sistemas Produtivos Localizados no setor agroalimentar (2003-2005); e vi) Territórios e iniciativas para a agricultura multifuncional (TERRIAM, 2005-2007).

Na tabela abaixo que detalha melhor cada um desses projetos é possível identificar que a coordenação dos mesmos é encabeçada pelos nomes já destacados neste trabalho na fundação do SIAL: Muchnik, Sautier, Requier-Desjardins, Sainte-Marie, Fourcade e Treillon. O único novo nome no âmbito da coordenação é o de Gonzalo Rodriguez Borray, da contraparte colombiana do estudo das *panelas*. As principais instituições implementadoras dos projetos também são em geral as mesmas, INRA-SAD, CIRAD-TERA, Universidades de Versalhes e de Montpellier – as instituições por trás dos pesquisadores que compõem o GIS SYAL. O financiamento dos projetos, em geral do INRA e do CIRAD, também é, na maior parte, proveniente do governo francês, não só do Ministério de Pesquisa, mas também do Ministério da Agricultura e do Ministério de Assuntos Estrangeiros (GIS SYAL, 2009, p. 16-27).

Quadro 9. Projetos Pré-SIAL (CIRAD/INRA/GIS SYAL)

Projeto	SIAL – Fundo Comum INRA-CIRAD	ATP SIAL e construção de territórios	PIDAL	Avaliação ambiental da agroindústria <i>panela</i> (açúcar de cana) na Colômbia	Sistemas Produtivos Localizados no setor agroalimentar	Territórios e iniciativas para a agricultura multifuncional (TERRIAM)¹⁶
Duração	2000 a 2002	1999 a 2002	2000 a 2004	1997-2002	2003 a 2005	2005 a 2007
Instituição principal	INRA-Sad CIRAD-ES (ex TERA equipe Qualitier)	CIRAD	INRA-Sad	Universidade de Versalhes St. Quentin Corpoica	GIS SYAL (encomendado pelo Ministério da Agricultura francês)	FRCivam/ INPACT Bretagne
Coordenadores	José Muchnik Denis Sautier	Denis Sautier	José Muchnik Christine de Sainte-Marie	Denis Requier-Desjardins Gonzalo Rodriguez Borray	Colette Fourcade José Muchnik Rolland Treillon	Rolland Treillon (pelo GIS SYAL)

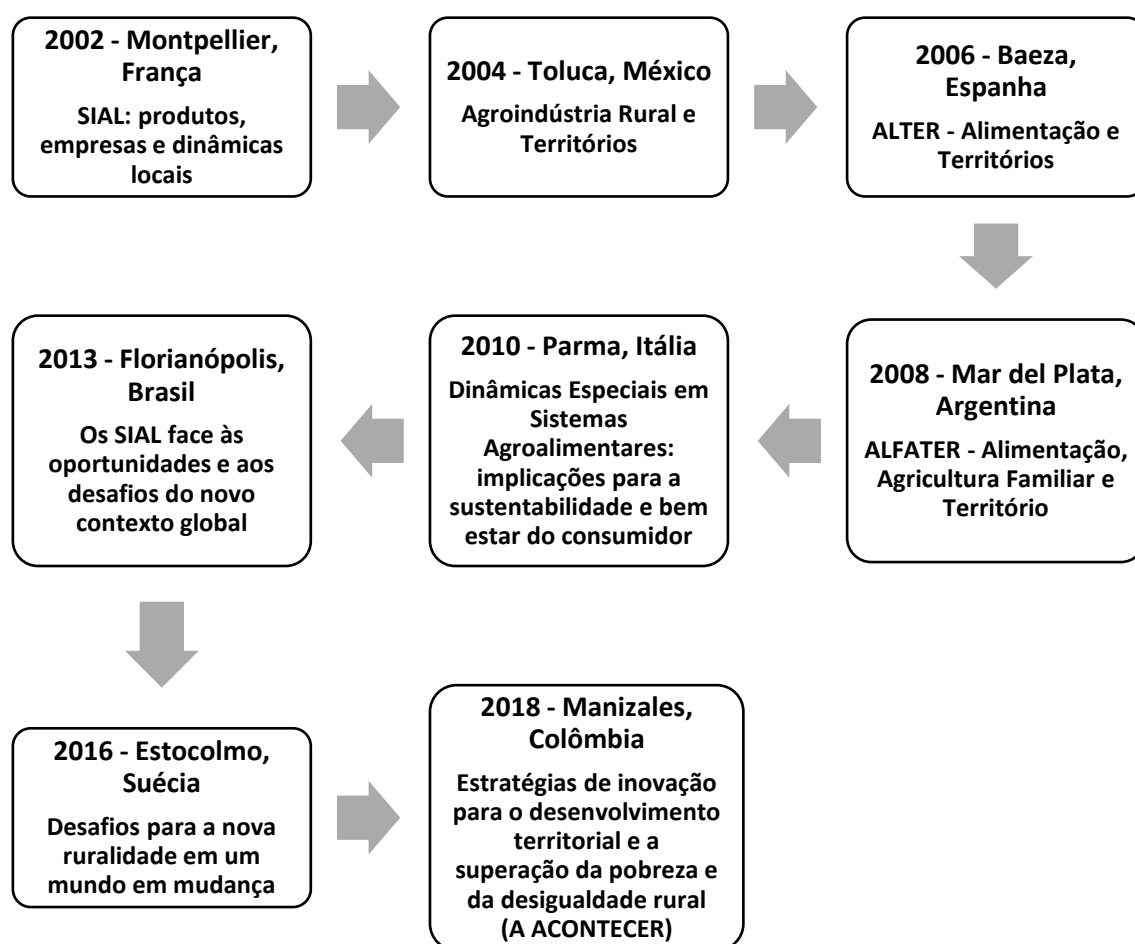
¹⁶ Informações disponíveis em: <http://www.civam-bretagne.org/files/fil_bd/dep-TERRIAM.PDF>. Acesso em 08 jan. 2018.

Instituições científicas parceiras	Montpellier SupAGRO (ex CNEARC)	FSA/UNB EMBRAPA	GIS SYAL SupAGRO Montpellier CIRAD-ES	ECOS (Ministério dos Assuntos Estrangeiros – financiador) C3ED/UVSQ CIRAD/TERA INRA-SAD GIS SYAL Corpoica Universidade dos Andes	Ministério da Agricultura e Pesca (Diretoria de Políticas Econômicas e Internacionais) DIACT (Delegação Interministerial para o Desenvolvimento Territorial e Competitividade) DATAR (Delegação para o Planejamento e Ação Regional)	- Agrocampus Rennes - Ecole Supérieure d'Agriculture d'Angers - Ecole Normale Supérieure de Lyon - ENITA de Clermont Ferrand - GIS SYAL - INRA SAD - Université de Rennes 1 - Université de Rennes 2 Haute Bretagne
------------------------------------	---------------------------------	-----------------	---------------------------------------	--	--	--

2.4 Congressos Internacionais SIAL

Um importante elemento na história da abordagem SIAL são os colóquios internacionais SIAL, ou congressos, que vêm acontecendo a cada dois ou três anos desde 2002. Desde então já foram realizadas sete edições: a primeira, naturalmente, aconteceu em Montpellier na França, em 2002 e em seguida foram se alternando países do Sul e do Norte global: Toluca, México (2004); Baeza, Espanha (2006); Mar del Plata, Argentina (2008); Parma, Itália (2010); Florianópolis, Brasil (2013); e o último em Estocolmo, Suécia (2016). O oitavo congresso está previsto para acontecer em novembro de 2018 em Manizales, Colômbia.

Quadro 10. Linha do tempo dos Congressos SIAL (2002-2018)



O I Colóquio Internacional SIAL: Produtos, Empresas e Dinâmicas Locais foi estruturado por cinco eixos temáticos: i) papel dos atores locais na inovação agroalimentar; ii) os processos locais de qualificação de produtos; iii) os saberes, os saber-fazer e a formação de competências;

iv) a patrimonialização; e v) a evolução das políticas públicas. Contou com a participação de 200 pessoas de 29 países e 93 trabalhos apresentados (GIS SYAL, 2009, p. 28).

A instituição responsável pela concepção e realização do colóquio foi o CIRAD-Dist, tendo o GIS SYAL como editor científico, composto pelas instituições INRA, CNEARC, Agropolis Museum, Universidade de Montpellier 1 e Universidade de Versalhes Saint Quentin. Outros parceiros para a realização do colóquio foram a DATAR, a antiga Região de Languedoc-Roussillon, o Ministério da Agricultura, Alimentação, Pesca e Assuntos Rurais, o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD) e a Agropolis Internacional.

O Colóquio apresenta os SIAL como:

Los sistemas agroalimentarios localizados (SYAL) representan una forma de organización y un proceso de desarrollo local basados en una concentración geográfica de unidades agroalimentarias (explotaciones agrícolas; empresas agroalimentarias; empresas de servicios, de comercialización, de restauración...) que les permiten estructurarse en torno de una actividad común. El proceso actual de globalización y los cambios registrados, tanto en el plano político, en el económico como en el social han despertado un interés creciente por estas formas de producción. La noción de “Sistemas agroalimentarios localizados” conlleva, por lo tanto, la generación de modelos de desarrollo agroalimentario basados en la valorización de los recursos locales (productos, empresas, saberes, capacidades, instituciones....) : i) que presten mayor atención a la diversidad y a la calidad de los productos agrícolas y alimenticios; ii)- más preocupados por las dinámicas de desarrollo local y de los nuevos desafíos planteados en el mundo rural; iii) más interesados en desarrollar formas de articulación específicas con los consumidores. (GIS SYAL, 2002)

O comitê científico foi composto majoritariamente por pesquisadores integrantes do GIS SYAL ou de suas instituições, mas também de algumas instituições de outros países, como Brasil, Quênia, Benim, Colômbia, Itália, Espanha e Inglaterra, conforme tabela abaixo (GIS SYAL, 2002, ComSci).

Além do comitê científico havia um comitê formado pelos patrocinadores que foi composto por Edith Vidal (Ministério da Agricultura e da Pesca), Paulette Pommier (DATAR), Guy Paillotin (GIS SYAL) e Gérard Matheron (Agropolis Internacional) (GIS SYAL, 2002, ComSci). A composição completa de ambos comitês se encontra no Anexo A.

Segundo os títulos dos trabalhos, pelo menos 15 foram estudos de caso em países africanos, 21 em países europeus e 30 em países da América Latina. De todos os trabalhos apresentados, somente nove tinham SIAL no título, e desses, cinco eram estudos de caso na América Latina. Os autores desses nove trabalhos foram: Fournier e Requier-Desjardins; Gonzales Rojas; Rodriguez-Borray; Filippa; Sandoval Sierra; Mendonça Menezes; Jussaume e Kazuko; Zakhia, Fernandez R. Ruiz, e Trujillo; Forsman e Paananen. Houve também diversos trabalhos sobre Indicações Geográficas, mercados de qualidade e SPLs (vide Anexo C).

Esse primeiro congresso marcou o momento em que se apresenta os SIAL como algo mais estruturado. Segundo Marcelo Champredonde, em entrevista para este trabalho, a disseminação na América Latina se deu muito por contatos de Boucher no México, Cerdan no Brasil e Muchnik na Argentina.

O segundo colóquio SIAL foi uma parceria do GIS SYAL com universidades Mexicanas e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação (FAO) e o IICA, sob o título de “Agroindústrias Rurais e Territórios (ARTE), na cidade mexicana de Toluca, em 2004. Desta vez foram mais de 250 participantes, provenientes de 22 países, em sua maioria da América Latina. Contou com 90 trabalhos apresentados organizados nos seguintes eixos estruturantes: i) pobreza e segurança alimentar; ii) AIR – qualificação de produtos e comercialização; iii) SIAL, sociedades rurais e meio ambiente; e iv) institucionalidade e políticas públicas (GIS SYAL, 2004).

As instituições envolvidas na realização do Congresso foram: IICA (dentro do projeto PRODAR), CICA/UAEM (Centro de Pesquisa em Ciências Agropecuárias/Universidade Autônoma do Estado do México), Universidade Autônoma Metropolitana unidade Xochimilco, Centro de Pesquisas Econômicas Sociais e Tecnológicas da Agroindústria e da Agricultura Mundial (CIESTAAM) da Universidade Autônoma de Chapingo, Rede Nacional de Desenvolvimento da Agroindustrial Rural (REDAR), CIRAD-TERA e GIS-SYAL. A composição completa de ambos comitês se encontra no Anexo A (GIS SYAL, 2004).

Dentro do eixo III, “SIAL, sociedades rurais e meio ambiente”, foram apresentados 23 trabalhos, onde quatro continham o termo SIAL nos seus títulos e pelo menos 15 indicam ser estudos de caso em países da América Latina. Pelos títulos só foi possível identificar dois estudos de caso na África e nenhum europeu. Em outros eixos foram identificados um trabalho de Requier-Desjardins (“*Agro-Industria Rural, Acción Colectiva y Siales: Desarrollo o Lucha Contra la Pobreza?*”) e um de José Muchnik (“*Identidad Territorial de los Alimentos: Alimentar el cuerpo humano y el cuerpo social*”) que introduzem o enfoque SIAL também (GIS SYAL, 2004) (vide Anexo C).

A estratégia de realizar o congresso SIAL dentro de um congresso maior sobre agroindústria rural foi importante para difundir o debate para fora do grupo usual e para fora da França. A América Latina já vinha se destacando nos estudos de caso, como pôde ser percebido acima, especialmente com México, Brasil e Colômbia. Fica clara uma variação nos autores dos trabalhos, já que somente 31 autores se repetem nos dois congressos, se considerados todos os trabalhos do ARTE 2004, não só os do eixo III. Se considerado somente o eixo III, são 15

autores comuns entre os dois congressos. A maior parte dos autores que se repetem é de latino-americanos ou franceses, em geral com trabalhos sobre América Latina. Dentre os autores que estão presentes em ambos congressos estão os já mencionados membros do GIS SYAL, como Muchnik, Boucher, Requier-Desjardins, Cerdan, Rodriguez-Borray, mas muitos nomes que ainda não foram destacados neste trabalho. Abaixo a relação dos 31 autores com trabalhos nos dois primeiros congressos SIAL:

Quadro 11. Autores com trabalhos apresentados nos dois primeiros Congressos SIAL

Eixo I	R. Luna; F. Tartanac; B.-G. Hounmenou
Eixo II	L. Gonzalez; G. Roche; A. Deberdt; C. Cerdan; A. Gonzalez-Diez; A. Maggio; I. Vellarde; A. A. Gonzalez; J. Muchnik
Eixo III	N.V. Sandoval Sierra; M. Cascante Sanchez; M.C. Rangel; F. Boucher; D. Requier-Desjardins; M. Marasas; G. Rodriguez-Borray; M. Dirven; F. Fort; J.-L. Rastoin; L. Temri; M.A. Filippa; T. Linck; L. Berard; P. Marchenay
Eixo IV	H. Riveros; M. Koussou; G. Duteurtre; B. Tanguy

Ao fim do Congresso foi aprovada a “Declaração de Toluca”, que sintetiza os pontos acordados entre os congressistas e propõe um modelo equilibrado nas relações entre a sociedade, a alimentação e o meio ambiente por meio de dinâmicas de harmonia entre as pessoas, os processos produtivos e seus territórios (MACÍAS, 2007, p. XI-XII).

Do congresso resultou a publicação de dois livros, editados pelo Comitê Científico, “*Agroindustria rural y territorio: Los desafíos de los sistemas agroalimentarios localizados*” e “*Agroindustria rural y territorio: Nuevas tendencias en el análisis de la lechería*”. O primeiro livro, como já diz o subtítulo, é focado em apresentar a abordagem SIAL, com uma primeira parte apresentando o conceito, com diferentes perspectivas, seguido de outra parte só com estudos de caso, todos na América Latina. O segundo livro é focado na cadeia de laticínios e também traz análises baseadas no enfoque SIAL (MACÍAS, 2007, p. XI-XII). Os livros foram publicados pela própria UAEM, mas em colaboração com todas as instituições organizadoras do Congresso.

Além dos livros, o congresso possibilitou estruturar o SIAL como um campo de pesquisa através de áreas temáticas e começou a organizar a comunidade científica em redes SIAL, possibilitando a construção de projetos comuns (MUCHNIK, 2006). Nesse sentido fica clara a

importância desse Congresso em disseminar a noção de SIAL na América Latina, em especial no México, ao menos no meio acadêmico, ampliando o escopo de pesquisadores trabalhando com o tema. Com esses debates também começa a mudança de perspectiva de SIAL, que começa a ser pensado como uma abordagem mais do que um modelo. Além disso, o IICA também surge com maior protagonismo, instituição que terá papel central na disseminação da aplicação da abordagem SIAL na América Latina em parceria com o CIRAD nos anos seguintes.

Segundo Boucher e Poméon (2010, p. 6), dos dois primeiros congressos resultou a revisão da primeira definição de SIAL, que tinha um viés mais territorial, para incorporar novos elementos mais econômicos, da economia de proximidades, ações coletivas e coordenação de atores que permitissem fortalecer as concentrações de AIR em um contexto de liberalização comercial.

O terceiro congresso SIAL volta para a Europa, dessa vez para a Espanha, na cidade de Baeza, em 2006, com o tema “Alimentação e Territórios”. As instituições organizadoras desde congresso foram: *Instituto de Investigación y Formación Agraria y Pesquera (IFAPA)*, *Junta de Andalucía*, *Universidad Internacional de Andalucía*, *GIS SYAL*, *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)*, *Universidad de Jaén*, *IICA-PRODAR*. Dentre as instituições parceiras estão o governo espanhol, o Instituto Nacional de Investigación y Tecnología Agraria (INIA), CIRAD, INRA, C3ED (U. Versalhes St Quentin), Instituto de Desarrollo Regional, Instituto de Estudios Giennenses - Sección Cultura del Olivo, governo de Baeza e as universidades Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Sevilla e o Centro de Investigación y Tecnología Agroalimentaria (CITA) de Aragón.

Interessante notar que o IICA permanece como instituição organizadora após o segundo congresso. Desde o primeiro estão como organizadores o GIS SYAL, INRA, CIRAD e C3ED. As novas instituições são todas espanholas. Também já é possível analisar um padrão que se repete de pesquisadores que compõem os comitês organizador e científico. A composição completa de ambos comitês se encontra no Anexo A.

Os únicos nomes presentes no comitê científico nas três edições são os de José Muchnik e Requier-Desjardins, porém alguns pesquisadores que não estiveram no comitê do segundo congresso retornam para o terceiro e outros se mantêm desde o segundo. Os que retornaram são: R. Best, F. Casabianca e D. Sautier. Os que se mantiveram do segundo para o terceiro congresso são: A. A. Macías, F. Tartanac, T. Linck e F. Boucher. Importante notar que, apesar de quase a totalidade dos participantes serem de instituições de pesquisa, além do IICA, a FAO

passa a estar presente no segundo congresso consecutivo, representada por F. Tartanac. Também destaca-se a aparição de Sanz Cañada e Torres Salcido que viriam a contribuir muito na produção acadêmica sobre SIAL (vide Anexo B).

O congresso se estruturou em quatro áreas temáticas: i) desenvolvimento rural, meio ambiente e patrimônio; ii) capital social e associativismo, exclusão social e pobreza; iii) SIAL e processos de inovação; iv) símbolos distintivos, certificação de qualidade e território. Com cerca de 230 participantes de 26 nacionalidades, o congresso contou com 92 apresentações de trabalho e 53 pôsteres (GIS SYAL, 2009, p. 28).

Na conferência de abertura, a fala de Muchnik apresenta os SIAL como três possibilidades: como objeto concreto, como enfoque e como figura institucional (MUCHNIK, 2006). Já Torres Salcido e Sanz Cañada, que compartilharam a conferência de abertura com Muchnik, pela leitura dos slides usados em suas apresentações pode-se entender que Salcido explorou mais questões como multifuncionalidade da agricultura e capital social e Sanz Cañada símbolos de qualificação territorial. Ambos se referem a SIAL como “o/os SIAL”, indicando que ainda entendiam SIAL como um objeto ou modelo e não ainda como enfoque (ALTER, 2006).

Durante o congresso houve um momento específico garantido na programação para reuniões da rede SIAL Europa e da rede SIAL América Latina, ainda informal. Houve também mesas de debates baseadas nas áreas temáticas. A mesa de debate da área temática III, SIAL e processos de inovação, foi composta por Carlos Pomareda Benel (comentarista), François Boucher e Ricardo Méndez Gutiérrez del Valle (ALTER, 2006). Em relação à apresentação de trabalhos, dentro da área temática III foram apresentados 26 trabalhos e 14 pôsteres, totalizando 40 trabalhos. Além da área III, foram identificados três trabalhos que mencionavam SIAL em seus títulos na área II, de autoria de: P. Tillie; G. Torres Salcido et M. del Roble Pensado Leglise; e Y. Chiffolleau et J. M. Touzard.

Em relação aos 40 trabalhos da área III, 11 continham o termo SIAL em seus títulos, quase três vezes a quantidade do segundo congresso, e são identificados alguns autores novos, não identificados em outros congressos. Sobre os estudos de caso, considerando análise dos títulos, foram identificados 3 casos na África, 1 na América do Norte, 1 na Ásia, 10 na Europa e 20 na América Latina. Os casos na América Latina continuaram predominando os estudos de debates SIAL, com ainda mais estudos que no segundo congresso, mesmo considerando que esse congresso foi realizado na Espanha (vide Anexo C).

Ao fim do Congresso foi elaborada uma declaração, a Declaração de Baeza, que anuncia a criação da Rede SIAL Internacional, cujo objetivo de pesquisa seriam os processos de desenvolvimento agroalimentares baseados na valorização dos recursos territoriais para promover o desenvolvimento local das atividades produtivas e garantir a segurança alimentar das populações. A rede se organizaria através de reflexões coletivas pela internet, mas para dar o pontapé inicial foi organizado um ano após o congresso um workshop em Collecchio, Itália, com a participação de 44 pesquisadores de nove países europeus para trocar experiência, que culminou na criação do Grupo Europeu de Pesquisa SIAL (ERG SYAL) (GIS SYAL, 2009, p. 29-13).

Em setembro de 2007, foi lançado um número da revista “Economies et Sociétés” contendo um dossiê inteiro sobre SIAL, com artigos de J. Muchnik, D.Requier-Desjardins, D. Sautier, J-M. Touzard; Y. Chiffolleau, J-M. Touzard; D. Barjolle, S. Révillon, B. Sylvander; C. Aubron, P. Moity-Maïzi; e C. Praly, C. Chazoule, C. Delfosse, J. Pluvinage (ÉCONOMIE ET SOCIÉTÉS, 2007).

Em 2008, o IV Congresso SIAL volta para a América Latina, dessa vez sendo realizado em Mar Del Plata, Argentina, com o tema “Alimentação, Agricultura Familiar e Território - ALFATER 2008”. As instituições organizadoras do ALFATER 2008 foram o Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INTA) argentino, GIS SIAL, Universidades Nacionais de Mar Del Plata, de La Plata e Del Sur, Plider, Agriterris e o IICA-PRODAR. Dentre patrocinadores estão o INRA, CIRAD, Fundación ArgenINTA, a Agência Nacional de Promoção Científica e Tecnológica argentina, PROCISUR-IICA, CYTED e FAO¹⁷.

Os membros dos comitês organizador e científico se encontram no Anexo A. Das 29 pessoas presentes no comitê científico, 12 já haviam feito parte do comitê científico de um congresso anterior. Dos que entraram no III Congresso, Sanz Cañada, Torres Salcido, Mutersbaugh e Valagão permaneceram, os demais já tinham feito parte de outras edições também (INTA, 2008).

O congresso foi estruturado em cinco eixos: i) Agriculturas Familiares, Desenvolvimento Territorial e Alimentação; ii) Consumo de Alimentos, Segurança e Soberania Alimentar; iii) SIAL; iv) Qualificação de produtos, Comercialização e Dinâmicas Territoriais; e v) Institucionalidade e Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural.

¹⁷ Informações disponíveis em:

<<http://anterior.inta.gov.ar/f/?url=http://anterior.inta.gov.ar/balcarce/alfater2008/index.asp>>. Acesso em 10 jan. 2018.

O maior congresso até então, contou com cerca de 350 participantes de 20 diferentes nacionalidades. Foram ao todo 222 trabalhos apresentados nos cinco eixos. Somente no eixo III, sobre SIAL, foram 58 trabalhos apresentados, onde 24 apresentavam a expressão SIAL em seu título. De acordo com os títulos, havia ao menos dois estudos de caso na África, seis na Europa e 38 na América Latina. Pelo menos mais cinco trabalhos apresentados em outros eixos também utilizavam o enfoque SIAL (vide Anexo C).

Ao fim do Congresso foi aprovada a “Declaração de Mar Del Plata”, que já em seu primeiro parágrafo se refere a SIAL como um enfoque, não mais um objeto per se. A declaração, e o Congresso, foram marcados pelo contexto de crise financeira global e aumento dos preços dos alimentos, que deu o tom dos debates. O fortalecimento das redes SIAL na Europa e América Latina é um dos compromissos para assegurar a continuidade das pesquisas e de projetos de cooperação, mas também como forma de influenciar o desenho e implementação de políticas públicas (INTA, 2008).

O V Congresso SIAL “Dinâmicas espaciais dos Sistemas Agroalimentares: implicações para a sustentabilidade e o bem-estar do consumidor”, sediado em Parma, Itália, foi uma colaboração entre o GIS SYAL e a Associação Europeia de Economistas Agrícolas (EAAE), que também realiza seus congressos internacionais a cada três anos. O evento foi organizado pelo EAAE, GIS SYAL, Universidade de Parma e IICA-PRODAR, em parceria com ERG SYAL, Ministério de Política Agrícola, Alimentar e Florestal italiano, governo da região de Emília-Romanha, da província e da cidade de Parma, ALMA (escola internacional de cozinha italiana), editora MUP, Fundação Cariparma, DOP Parmigiano Reggiano, Prosciutto di Parma, Europass Parma e a Sociedade Italiana de Economia Agrária (EAAE-SYAL, 2010).

Em relação ao comitê científico, dos 24 membros somente nove fizeram parte de comitês científicos dos congressos anteriores. Até agora o único nome que permaneceu em todos os comitês científicos, sem exceção, é o de José Muchnik. Pela primeira vez Requier-Desjardins não compõe o comitê. Tartanac, da FAO, se mantém presente desde o II Congresso. Sautier, Torres Salcido, Sanz Cañada, Verlarde e Anthopolou se mantiveram desde o III Congresso (vídeo Anexo B). A relação completa dos comitês científico e organizador do V Congresso SIAL se encontra no Anexo A (EAAE-SYAL, 2010).

O congresso se estruturou em cinco áreas temáticas (AT): i) O estado atual da dinâmica espacial dos sistemas agroalimentares em termos de produção, distribuição e estratégias de marketing; ii) Impactos socioeconômicos e ambientais dos sistemas agroalimentares no desenvolvimento rural; iii) O papel dos recursos locais nos SIAL; iv) Governança e políticas

públicas de SIAL; e v) Abordagens metodológicas para a análise da dinâmica territorial dos sistemas agroalimentares.

Considerando que todas as áreas temáticas dessa vez se remetiam aos sistemas agroalimentares localizados, foram analisados os títulos e autores de todos os 104 trabalhos apresentados durante o congresso. A quantidade de trabalhos por área temática estava equilibrada, sendo a menor a AT I, com 18 trabalhos, e a maior a AT IV, com 25 trabalhos, seguida pela AT III, com 23. Da totalidade de trabalhos, 17 mencionam explicitamente os SIAL em seu título, dos quais metade indica estudos de caso na América Latina, quatro dentro da AT III, 6 na AT IV, 5 na AT V (vide Anexo C).

É interessante notar que esse congresso apresenta a maior variação de estudos de caso em diferentes continentes, segundo análise dos títulos. Foram ao todo 32 trabalhos sobre países latino-americanos, 30 em países europeus, sete em asiáticos e quatro em africanos.

Apesar de somente 16% dos trabalhos indicarem o uso do enfoque SIAL em seus títulos, um número expressivamente menor do que a proporção na edição anterior (26%), o fato de realizar o seminário em conjunto com um grupo tão grande e forte como o EAAE foi uma grande oportunidade de disseminação do conceito na Europa, principalmente levando em conta os debates em plenária e mesa-redonda que também expuseram o conceito com Torres Salcido, Muchnik e Casabianca.

Um dos resultados do congresso foi a posterior publicação do livro “*Local Agri-food Systems in a Global World: Market, Social and Environmental Challenges*” que se propõe como uma contribuição para atualizar o debate teórico em SIAL no que diz respeito às relações entre as estratégias locais e globais de produção e processamento agroalimentar considerando sua rápida evolução (ARFINI; MANCINI; DONATI, 2012, p. xiii). O livro foi editado por Filippo Arfini, Maria Cecilia Mancini and Michele Donati, da Universidade de Parma, e publicado pela Cambridge Scholars Publishing em 2012.

O VI Congresso SIAL “Os SIAL face às oportunidades e aos desafios do novo contexto global” aconteceu em 2013, em Florianópolis, Brasil, cerca de dois anos e meio após seu antecedente. Foi organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina e as instituições associadas UFRRJ, IEA/SP, USP, UFS e UFRGS, em colaboração com a RedSIAL Americana, ERG-SYAL, GIS SYAL, Associação de Ciência Regional de Língua Francesa (ASRDLF),

CAPES, COFECUB, IICA, CEPAL e Cátedra UNESCO “Alimentação do Mundo” Montpellier SUPAGRO¹⁸.

Contando com cerca de 200 participantes, o Congresso teve 160 trabalhos aceitos para apresentação, sendo metade de origem latino-americana e europeia e a outra metade brasileira, que por sua vez teve metade dos trabalhos oriundos da região Sul do Brasil e a outra metade distribuída pelos outros estados do país (VI Congres SYAL, 2013). Os trabalhos foram divididos em quatro eixos: i) O aumento da demanda por commodities, consequências e interações com sociedades e territórios rurais; ii) A segurança alimentar, seu o lugar na orientação da produção agrícola e alimentar e nas agendas internacionais; iii) Renovação de políticas públicas estaduais, sua implementação em diferentes escalas de governo (territorial e nacional); iv) Dinâmica econômica e a dimensão local na mudança ambiental e climática e crise energética.

A popularidade do tema da segurança alimentar no Brasil se confirma quando quase 36% (39) dos trabalhos foram enquadrados no Eixo 2. 23% estavam no eixo 1, 22% no eixo 3 e 19% no eixo IV. Dos 109 artigos apresentados presentes nos anais, 31 (28%) apresentaram o termo SIAL em seus títulos. A esmagadora maioria de artigos apresentavam estudos de caso em países da América Latina (75%, ou 83 trabalhos), enquanto 2% foi de estudos de caso na África (2), 1% na Ásia (1), 5% na Europa (6) e os demais 17% não eram estudos de caso, mas contribuições teóricas gerais (19). Dois trabalhos apresentados faziam estudos comparativos de casos na Europa e América Latina, por isso foram contabilizados duas vezes (vide Anexo C).

Dos 25 pesquisadores que foram membros de pelo menos dois comitês científicos dos congressos SIAL até então, 20 compuseram como membros do comitê do VI Congresso. Foi o maior comitê científico, formado por 56 pesquisadores de diversas instituições (vide Anexos A e B).

Com base na programação das mesas redondas pode-se analisar que grande parte dos palestrantes foi de pesquisadores que fazem parte das Redes SIAL, a maioria não brasileiros. Apesar de em outros congressos se encontrar alguns estudos de caso no Brasil, mesmo usando a abordagem SIAL, ainda era muito pequena, ainda mais se comparado ao México, por exemplo, a produção de estudos no Brasil usando esta abordagem. No entanto a realização desse seminário no país trouxe o tema para um maior número de pesquisadores possibilitando

¹⁸ Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/ciaal/noticias/2013/VICONGRESOSIAL_esp.pdf>. Acesso em 11 jan. 2018.

inclusive posteriormente a criação da Rede SIAL Brasil. Um marco importante do Congresso foi a fundação oficial da Red SIAL Americana, que será melhor explorada posteriormente neste trabalho.

Outro resultado do Congresso foi a publicação de um dossiê contendo nove artigos na revista *INTERthesis* (v. 10, n. 12, 2013), chamado “Desenvolvimento territorial, sistemas agroalimentares localizados e ecologia”. Com apresentação de Paulo Vieira e Claire Cerdan, a edição ainda contou com artigos de Pecqueur, Courlet, Torres Salcido, Requier-Desjardins, dentre outros.

O congresso seguinte foi realizado em 2016 em Estocolmo, na Suécia, sob o título “Desafios para a Nova Ruralidade em um mundo em mudança”, organizado pelo ERG SYAL, Red SIAL Americana, Associação Nórdica de Cientistas Agrícolas (NJF) e Universidade de Södertörn. Além disso, foi apoiada e financiada pelo Centro de Estudos do Báltico e da Europa Oriental (CBEES), Fórum ENTER e a própria Universidade de Södertörn.

O comitê científico foi composto por somente nove pesquisadores, todos nomes que já haviam feito parte de comitês científicos dos congressos anteriores. Pela primeira vez Muchnik não compõe o comitê¹⁹. Não foram encontradas informações sobre as pessoas que compuseram o comitê organizador (vide Anexo A).

Quatro eixos estruturaram o Congresso: i) Nova Ruralidade; ii) Governança Territorial e SIAL; iii) SIAL e o mercado: cadeias agroalimentares curtas, compras públicas e turismo; iv) Meio ambiente e agroecologia para os SIAL. Entre os 62 trabalhos apresentados, oito mencionam os SIAL em seus títulos e ao menos 22 indicam ser estudos de caso na Europa e 19 na América Latina, pela primeira vez o número de casos europeus é maior. Interessante notar também que ao longo dos congressos os casos franceses foram diminuindo e os casos europeus se diversificando. Neste sétimo Congresso fica claro um predomínio de estudos de caso na Itália, por exemplo, que já havia recebido um congresso. Infelizmente não foi possível identificar nenhum estudo em países africanos ou asiáticos (vide Anexo C).

Naturalmente, os congressos realizados em países europeus atraem mais pesquisadores europeus e os na América Latina, pesquisadores latino-americanos, já que leva-se em conta o fator distância e custos de viagem. Também é interessante notar como a realização de um congresso em um país, com o esforço de encontrar parceiros locais, instituições de pesquisa locais, tem impacto na disseminação da abordagem no meio acadêmico. Apesar de o último

¹⁹ Disponível em: <<http://calenda.org/354497?lang=pt>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

congresso ter um número menor de trabalhos, é notória a diferença entre o primeiro congresso e o último, em termos do uso da abordagem, da quantidade de pesquisadores interessados e participantes.

2.4.1 Eixos Temáticos

Outro elemento interessante é olhar para os eixos temáticos de cada congresso e ver como eles evoluem junto à evolução também do conceito de SIAL, apresentado no capítulo um deste trabalho. No primeiro congresso os eixos indicam elementos de um modelo, como um desmembramento do SIAL como objeto. Já na segunda e terceira edições o SIAL é um eixo, praticamente separado, enquanto os demais eixos debatem pobreza, políticas públicas, AIR e outros elementos bastante em voga nos respectivos contextos. É interessante notar que os debates sobre qualificação de produtos têm um eixo só para si até a quarta edição. É nesta edição também que o debate sobre Consumo começa a ganhar espaço. A partir de 2010, debates mais macro passam a ter maior relevância, no que parece um maior esforço de integrar aos debates sobre desenvolvimento rural num sentido mais amplo, bem como aspectos sobre impactos socioeconômico e ambientais. Interessante notar que no VI Congresso há um eixo que inclui a questão de crise energética e no último congresso já é incluída a agroecologia. Dessa maneira fica clara a ampliação do enfoque SIAL de forma mais holística. Outro elemento interessante é que o tema de inclusão em políticas públicas sempre esteve presente.

Quadro 12. Eixos Temáticos nos Congressos SIAL

Edição Congresso SIAL	Eixos temáticos
<i>I</i> 2002	i) papel dos atores locais na inovação agroalimentar; ii) os processos locais de qualificação de produtos; iii) os saberes, os saber-fazer e a formação de competências; iv) a patrimonialização; v) a evolução das políticas públicas.
<i>II</i> 2004	i) pobreza e segurança alimentar ii) AIR – qualificação de produtos e comercialização iii) SIAL, sociedades rurais e meio ambiente iv) institucionalidade e políticas públicas
<i>III</i> 2006	i) desenvolvimento rural, meio ambiente e patrimônio ii) capital social e associativismo, exclusão social e pobreza iii) SIAL e processos de inovação iv) símbolos distintivos, certificação de qualidade e território
<i>IV</i> 2008	i) Agriculturas Familiares, Desenvolvimento Territorial e Alimentação ii) Consumo de Alimentos, Segurança e Soberania Alimentar iii) SIAL iv) Qualificação de produtos, Comercialização e Dinâmicas Territoriais v) Institucionalidade e Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural.
<i>V</i> 2010	i) O estado atual da dinâmica espacial dos sistemas agroalimentares em termos de produção, distribuição e estratégias de marketing; ii) Impactos socioeconômicos e ambientais dos sistemas agroalimentares no desenvolvimento rural; iii) O papel dos recursos locais nos SIAL; iv) Governança e políticas públicas de SIAL; v) Abordagens metodológicas para a análise da dinâmica territorial dos sistemas agroalimentares
<i>VI</i> 2013	i) O aumento da demanda por commodities, consequências e interações com sociedades e territórios rurais

	ii) A segurança alimentar, seu o lugar na orientação da produção agrícola e alimentar e nas agendas internacionais. iii) Renovação de políticas públicas estaduais, sua implementação em diferentes escalas de governo (territorial e nacional) iv) Dinâmica econômica e a dimensão local na mudança ambiental e climática e crise energética
VII 2016	i) Nova Ruralidade ii) Governança Territorial e SIAL iii) SIAL e o mercado: cadeias agroalimentares curtas, compras públicas e turismo iv) Meio ambiente e agroecologia para os SIAL

2.5 Redes SIAL

Como já foi exposto acima, os GIS foram essenciais para a criação da abordagem SIAL, desde os primeiros debates no ALTERSYAL até a criação do GIS SYAL, em 2001. Esta seção se ocupará de discorrer sobre outros desdobramentos institucionais do GIS SYAL, como o ERG SYAL, a Red SIAL americana e as redes SIAL nacionais. Há certa disparidade de informações disponíveis sobre cada entidade, pois existem graus diferentes de institucionalidade e conteúdo disponível em fontes secundárias. Entrevistas com Claire Cerdan e Marcelo Champredonde ajudaram a clarificar alguns pontos, a partir de suas próprias perspectivas.

Esta seção trará informações e análises sobre o ERG SYAL, a Rede SIAL Americana, a REDSIAL México e a Red SIAL Argentina. A Rede SIAL Brasil será tratada no próximo capítulo.

2.5.1 ERG SYAL Europa

Como já foi indicado, o ERG SYAL foi criado após o III Congresso SIAL, da Espanha, durante um workshop realizado na Itália, em 2007, com o intuito de promover pesquisas em torno desta abordagem e coordenado por José Muchnik. O acordo inicial envolveu 30 instituições de oito diferentes países europeus – todas continuam membros do grupo. Os pesquisadores membro continuam fazendo parte de suas respectivas instituições enquanto colaboram com o ERG SYAL. As instituições membro são:

Quadro 13. Instituições Membro do GIS SYAL

País	Instituições
França	Agropolis International CIRAD INRA Montpellier SupAgro Université de Toulouse 1
Grécia	Panteion University
Hungria	Hungarian Academy of Sciences
Itália	GAIA SPERA Universidade de Ancona Universidade de Bari Universidade de Cassino Universidade de Firenze Universidade de Parma Universidade de Perugia Universidade de Pisa Universidade de Roma (La Sapienza) Universidade de Teramo Universidade de Torino Universidade de Tuscia-Viterbo
Portugal	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Espanha	CITA Universidade Complutense de Madri CSIS IFAPA Universidade de Santiago de Compostela Universidade de Jaén Universidade de Sevilha
Suécia	SödertörnS Högskola
Suíça	AGRIDEA

Em seu website, o ERG SYAL apresenta como sua missão desde o desenvolvimento de pesquisas e promoção do ensino, até o apoio técnico para criação de políticas públicas e cooperação com países não-europeus. Também apresentam oito temáticas para a sua investigação científica: SIAL; SIAL e mudanças rurais; empresas locais e redes institucionais; sistemas territoriais de formação e inovação; marcas, rótulos e processos de certificação; culturas alimentares e gastronômicas; capital social, exclusão e território; políticas de apoio aos sistemas agroalimentares. Interessante notar que não há um eixo temático especificamente sobre temas ambientais, como mudanças climáticas, sustentabilidade, ou até agroecologia.

O grupo tem dialogado com a Associação das Regiões Europeias de Produtos de Origem (AREPO), com quem publicaram um *position paper* em 2015 destinado à Comissão Europeia sobre uma abordagem estratégica da União Europeia (UE) para uma pesquisa e inovação na agricultura que inclua sistemas agroalimentares localizados e produtos de qualidade²⁰. O documento faz toda uma introdução sobre o que é a abordagem SIAL e mostra uma clara intenção de influenciar políticas públicas e angariar mais investimento em pesquisas nesse campo, insistindo na viabilidade desta abordagem considerando o contexto de novos desafios econômicos, sociais e ambientais, como a segurança alimentar e nutricional, as mudanças climáticas e o crescimento e emprego em áreas rurais na Europa. Ainda relacionam como o enfoque SIAL dialoga com o conceito usado pela Comissão Europeia de bioeconomia sustentável.

Mesmo com o último congresso sendo realizado na Europa, é possível notar nos últimos anos que o grupo europeu tem estado menos ativo, com poucas publicações e website desatualizado desde 2016. Segundo Claire Cerdan o grupo de fato teria dispersado em 2017 devido a outras prioridades dos pesquisadores e falta de uma liderança para mobilizar.

2.5.2 Rede SIAL Americana

A Rede SIAL Americana foi criada no ano de 2013, durante o VI Congresso SIAL em Florianópolis. As instituições que dela fazem parte são as Redes SIAL da Argentina, Brasil, México e Venezuela, e também a rede ALTERSIAL, o RIMISP, o IICA e o CIRAD e grupos de trabalho na Colômbia e Costa Rica. O estatuto da Rede, disponível em seu website, reforça a importância dos processos dos Congressos em gerar a criação da mesma, bem como as

²⁰ Disponível em: <<http://www.arepoquality.eu/it/news/1503/14-dic>>. Acesso em 16 jan. 2018.

dinâmicas de interação no ERG SYAL, no grupo de e-mail ALTERSIAL da América Latina, nas redes nacionais SIAL já existentes e no programa PRODAR.

A primeira ideia de criação de uma rede americana surgiu quase 10 anos antes, no II Congresso SIAL no México. No II Congresso foi criado o grupo de e-mail ALTERSIAL América Latina, proposto por François Boucher. Somente em 2011 a Red SIAL México elaborou uma proposta concreta para a criação da rede americana, que foi revista em reunião com diversos pesquisadores de vários países latino-americanos na Venezuela, puxada pelas pesquisadoras Isabel Macia (Red SIAL Venezuela), Angelica Espinoza-Ortega (UAEM) e Irene Velarde (Universidad de La Plata) no mesmo ano e então aprovada em assembleia no VI Congresso. Neste momento foi eleito como coordenador da Red SIAL Americana Marcelo Champredonde (INTA, Argentina), que se manteve nesta posição, como animador do grupo, até junho de 2016.

Em junho de 2016 a coordenação foi passada para o Gonzalo Rodriguez Borray (CORPOICA, Colômbia). Desde então o grupo de e-mails, principal forma de comunicação e animação da rede, tem estado menos ativo. Já foi anunciado o próximo Congresso na Colômbia em novembro 2018, porém o andamento da organização está devagar, com baixo envolvimento dos pesquisadores usuais até o momento.

O website da Red SIAL americana ainda contém pouco conteúdo, mas apresenta uma definição da abordagem explicando seu surgimento como um objeto e seu entendimento atual como um enfoque que contém ferramentas para pesquisa e intervenção sobre processos de identificação, resgate e valorização dos recursos locais que podem potencializar políticas públicas²¹. A ideia da rede é ser uma plataforma de encontro das redes nacionais para trocar experiências e disseminar a abordagem.

Sobre as redes nacionais que compõem a Plataforma, as principais são as do México, Argentina e Brasil, já que a instabilidade política e socioeconômica da Venezuela nos últimos anos prejudicou qualquer evolução da discussão do tema no país e não chegou a ser realmente estruturada uma rede nacional, por isso não será analisada neste trabalho, mas o ponto focal no país é a pesquisadora Isabel Macia.

²¹ Disponível em: <<http://redsial-americana.blogspot.com.br/p/que-es-el-enfoque-sial.html>>. Acesso em 28 jan. 2018.

2.5.3 REDSIAL México

A Rede SIAL México foi criada em 2009 com apoio do Fundo de Cooperação Internacional em Ciência e Tecnologia União Europeia-México (FONCICYT) e também de projetos de pesquisa da UNAM e do CONACYT. É a rede mais estável e estruturada, que conta com financiamento e apoio institucional de entidades de peso, como o IICA e a UAEM. Boucher e Torres Salcido são grandes disseminadores do tema, com alta produtividade acadêmica, bem como Angelica Espinoza-Ortega. Por este motivo, os mexicanos acabam dando bastante o “tom” da discussão SIAL na América Latina, com uma alta produtividade científica no tema.

Em seu website – o mais sofisticado e completo dentre as redes latino-americanas –, a rede é definida como um grupo de pesquisadores, estudantes, produtores, organizações civis e instituições interessados em discutir um desenvolvimento rural sustentável e inclusivo que contribua com a segurança alimentar, redução da pobreza e melhora das condições de vida no meio rural através do estudo de ações sociais e instituições que perpassam alimentos tradicionais, típicos e artesanais. Segundo a definição da rede, o que une essa diversidade de atores é o conceito de SIAL, “quase como uma escola de pensamento, pesquisa e aplicação”, que estabelece uma relação próxima entre desenvolvimento econômico a partir das AIR e do território, articula atividades produtivas no nível local (produção, transformação e comercialização) e favorece a valorização dos recursos territoriais de forma sustentável social, econômica e ambientalmente. O caráter interdisciplinar da abordagem é destacado (RED SIAL MÉXICO).

Um dos objetivos da rede, que faz parte da sua missão e visão, é o uso da abordagem SIAL como forma de influenciar políticas públicas de desenvolvimento rural. Também deixam clara a ênfase na agricultura familiar e no combate à pobreza rural.

É notável a maior institucionalização desta rede em comparação às outras. É provável que isso aconteça porque a rede mexicana conta com financiamento de projetos específicos para ela, o que além de trazer recursos para tal requer de contrapartida relatórios e produtos mais específicos. O financiamento do FONCICYT (para o período 2009-2011) e apoio de projetos da UNAM e CONACYT foram usados para formalizar a rede. No documento “Programa Geral

de Trabalho Red SIAL México”, encontrado no site²², é mencionado o plano de visibilização e difusão da rede a partir de 2016, para ampliá-la incorporando novas instituições e atores diversos para aprofundar o processo de “internacionalização” da rede. Para tal eles apostam no trabalho conjunto com IICA e instituições acadêmicas da América Latina e Europa. O objetivo atual da rede seria então de incorporar a abordagem SIAL na agenda pública e no desenho de políticas públicas no México e América Latina. Além de instituições acadêmicas e tomadores de decisão, a rede tem como planos se aproximar também de empresas privadas, associações de produtores, funcionários dos governos (dos diferentes níveis) e membros do poder Legislativo.

O projeto financiado pelo FONCICYT entre setembro de 2009 e junho de 2011 permitiu que a rede se consolidasse com a criação de uma plataforma de trocas de experiências e difusão de conhecimento e formação de capacidade técnica, que incluiu dentre outras coisas a criação do curso de mestrado em “Agroindústria Rural, desenvolvimento territorial e turismo agroalimentar”, oferecido pela UAEM. Este projeto envolveu pesquisadores da UAEM, UACH, Colegio de Postgraduados (COLPOS), Campus Montecillo; UNAM e Instituto Politécnico Nacional (IPN). Com o término do projeto, estes pesquisadores em colaboração com consultores do CIRAD e IICA decidiram seguir com a rede, a nomeando finalmente REDSIAL México.

O site também disponibiliza o Plano Estratégico 2014-2018 da rede²³, que permite encontrar mais informações sobre o período entre o fim do projeto do FONCICYT e a elaboração deste plano. As atividades que seguiram o fim do projeto, entre 2011 e 2014 foram a publicação de livros, organização de um fórum, interação por grupos de e-mail, participação no VI Congresso SIAL (Florianópolis), seminários anuais no país, workshop sobre conceito SIAL e mesas sobre SIAL em outros congressos. Também implementaram o enfoque SIAL em projetos de governança territorial da UNAM e do CONACYT. No entanto, não haviam conseguido um novo financiamento específico para a rede, limitando seu funcionamento adequado. Mas devido à grande procura decidiram em junho de 2014 abrir a rede a novos membros, iniciando um processo de refundação com a realização de um workshop para desenvolver o atual plano estratégico.

²² Disponível em: <<http://redsialmexico.com/1programa.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

²³ Disponível em: <<http://redsialmexico.com/1plan.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

A “nova rede” seria naturalmente vinculada à Rede SIAL Americana e outras redes SIAL nacionais e grupos de trabalho, mas também a outras iniciativas, nomeadamente: a “Red para la Gestión Territorial del Desarrollo Rural” (Red GTD), liderada pelo INCA Rural; “Red Ibero americana Pro-territorios” (Secretário Técnico: Rafael Echeverri); e a “Red de políticas públicas e inequidad América Latina”, liderada pelo CIRAD (Eric Sabourin). Nesse primeiro momento foi acordado não formalizar a rede juridicamente e estrutura-la a partir de um comitê executivo, composto por presidente, secretário, tesoureiro, coordenadores dos grupos de trabalho e assembleia.

Foram determinados quatro grupos de trabalhos: i) publicações, divulgação e promoção; ii) vinculação e laboratório de campo; iii) criação de conhecimentos e investigação; e iv) formação de capacidades humanas. Também foram identificados três eixos transversais aos grupos: gestão de conhecimento, políticas públicas e operação da REDSIAL México.

Em 2016 a REDSIAL México foi integrada como uma Rede Temática de Pesquisa do CONACYT. No site pode ser encontrado também o documento regimento da rede que determina seu funcionamento²⁴. Hoje o Comitê Técnico Acadêmico (CTA) é composto por:

Quadro 14. Membros do Comitê Técnico Acadêmico REDSIAL México

Pesquisador	Instituição
Dr. Gerardo Torres Salcido	UNAM Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC)
Dra. Marie- Christine Renard	UACH
Dra. Angélica Espinoza Ortega	UAEMEX
Dra. María del Carmen Hernández Moreno	Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo (CIAD)
Dra. María del Carmen del Valle Rivera	UNAM
Dra. Jessica Mariela Tolentino Martínez	UNAM
Dr. Fernando Manzo Ramos	ColPos
Dr. Fernando Cervantes Escoto	UACH
Dr. Francois Boucher	IICA

²⁴ Disponível em: <<http://redsialmexico.com/1reglamento.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

A rede tem quatro linhas temáticas: i) Território, organização e ação coletiva; ii) Governança e Políticas Públicas; iii) Mercados, valorização, qualidade e consumo; iv) Agroindústria, artesanabilidade e inovação. Os pesquisadores que compõem cada linha são:

Quadro 15. Composição de pesquisadores nas linhas temáticas da REDSIAL México

Linha temática	Composição
Território, organização e ação coletiva	Dra. Marie Christine Renard Dra. Rosa María Larroa Torres Dra. Jessica Mariela Tolentino Martínez Dr. Fernando Manzo Ramos Dr. Francois Boucher Dr. Mario del Roble Pensado Leglise Mtro. Raul Antonio Riveros Cañas
Governança e Políticas Públicas	Dr. Gerardo Torres Salcido
Mercados, valorização, qualidade e consumo	Dra. Marie Christine Renard Dra. Angélica Espinoza Ortega Dra. Rosa María Larroa Torres Dra. Jessica Mariela Tolentino Martínez Dr. Fernando Cervantes Escoto Dr. Francois Boucher Dr. Mario del Roble Pensado Leglise
Agroindústria, artesanabilidade e inovação	Dra. Angélica Espinoza Ortega Dra. María del Carmen Hernández Moreno Dr. Fernando Manzo Ramos Dr. Fernando Cervantes Escoto Mtro. Raul Antonio Riveros Cañas

Em setembro de 2017 foi realizado o IX Seminário Internacional da REDSIAL México, intitulado “Sistemas Agroalimentares Localizados e Políticas Públicas”, cujo objetivo era:

[...] convocar pesquisadores, pequenos produtores, atores governamentais e tomadores de decisão para refletir sobre a importância da articulação do SIAL na construção de políticas públicas voltadas para a valorização, qualidade, alternativas de marketing e consumo de mercados locais para combater a desigualdades socioeconômicas e territoriais no campo (CIAD, 2017).

O seminário se destacou por reunir pela primeira vez produtores de alimentos artesanais, funcionários governamentais e um membro do Congresso da União mexicana (ibid.)

Segundo a lista de membros disponibilizada no site, a rede conta com 134 membros (pelo menos 13 são de outros países) pesquisadores. São 14 instituições membro/aliadas: CONACYT, UNAM, CIAD, CIALC-UNAM, CIEMAD-IPN, ColPos, FCPyS- UNAM, IB-UNAM, IIBI-UNAM, IIEC-UNAM, IICA, IPN, UACH e UAEMEX.

O Diretório é composto por 14 pesquisadores, sendo todos os nove membros do CTA somados de: Rosa María Larroa Torres (UNAM), Alejandro Ramos Chávez (UNAM), Mario del Roble Pensado Leglise (IPN), Álvaro Urreta Fernández (Frente de Produtores e Comerciantes da CEDA) e Raúl Antonio Riveros Cañas (IICA).

2.5.4 Red SIAL Argentina

A Red SIAL Argentina não é tão estável quanto a mexicana, tem uma mobilização mais baixa, mas segue existindo. Segundo um dos principais mobilizadores da rede, Marcelo Champredonde, em entrevista para este trabalho, mesmo pequena, a rede vem possibilitando influenciar políticas públicas, tendo tido, por exemplo, incidência direta na criação das denominações de origem no país.

Segundo seu website²⁵, a rede foi criada em 2007 durante o primeiro seminário “Aportes para o enfoque SIAL na Argentina”, que desde então se tornou um encontro anual para compartilhar experiências e avanços no uso da abordagem SIAL. Em 2015 formou-se o novo comitê gestor da rede, composto por Joaquín Gonzalez Cosiorovski (coordenador), Marianela Porro (secretária), Elena Eschiavone, Irene Velarde, Gaby Quagliariello, Roberto Bustos Cara, Marcelo Champredonde, Fernando Carduza, Andrea Benedetto e José Muchnik. O website da

²⁵ Disponível em <<http://sialargentina.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 mar. 2018.

rede, que é na realidade um blog, tem sido usado mais para divulgar congressos e eventos relacionados com SIAL.

É interessante notar que os encontros anuais da rede SIAL Argentina têm participação de pessoas ligadas ao Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária, que faz parte do Ministério da Agroindústria da Nação, e representantes do próprio Ministério, o que mostra um caráter de incidência em políticas públicas além da pesquisa acadêmica.

A atual composição do comitê gestor da rede, eleita em 2015, tem como coordenador o professor Joaquin Gonzalez Cosiorovski, como secretária Marianela Porro e no comitê geral estão: Elena Eschiavone, Irene Velarde, Gaby Quagliariello, Roberto Bustos Cara, Marcelo Champredonde, Fernando Carduza, Andrea Benedetto e José Muchnik.

De acordo com Joaquin Gonzalez, em entrevista para este trabalho, a rede não conta com nenhuma figura jurídica, é somente uma rede formada por pesquisadores, técnicos de centros de pesquisa, etc., que trabalham com temas relacionados ao agroalimentar de forma ampla e que têm interesses mais específicos em temas como alimentos locais, vínculos com o território, questões culturais. Hoje a rede segue atuando dependente da vontade das pessoas envolvidas em realizar pelo menos um encontro anual, em torno de alguma temática relacionada aos alimentos (a última foi sobre antropologia alimentar), convidam acadêmicos para debater e realizam intercâmbio entre os presentes. Também tentam participar de encontros das outras redes, porém o fato de não terem orçamento prejudica essas atividades.

2.5.5 Tendências identificadas

A história de pouco mais de 20 anos da abordagem SIAL parece ter chegado em um momento interessante de arrefecimento de grandes nomes envolvidos na sua criação, como Muchnik, mas também de maior autonomia e disseminação, com uma grande quantidade de pesquisadores na Europa e especialmente na América Latina conhecendo e utilizando a abordagem. É notável o crescimento dos congressos, o uso da abordagem por pesquisadores que não fazem parte do “núcleo duro” dos criadores da mesma, ao mesmo tempo em que as redes passam por dificuldades de liderança, mobilização e financiamento. No entanto não é possível dizer que a abordagem SIAL já ganhou independência e sustentabilidade suficiente para não depender das redes, ou mesmo dos principais autores, para continuar sua difusão.

Apesar do interesse claro das redes e grupos em usar a abordagem SIAL para influenciar políticas públicas, essa ainda não é uma realidade consolidada. O esforço de convidar tomadores de decisão e autoridades governamentais para os eventos SIAL é altamente válido,

mas não parece ter sido de fato incorporado por esse tipo de ator. O atual cenário de austeridade e guinada neoliberal na América Latina não ajuda na potencialização de políticas para a agricultura familiar, então não é muito favorável para pensar a incorporação da abordagem em políticas. No entanto a capacitação de quadros técnicos é uma forma de influenciar por baixo que pode ser inclusive mais duradoura.

Outra debilidade que pode ser identificada é que não se vê quase nenhum envolvimento, e menos ainda protagonismo, de movimentos sociais em toda a história SIAL e nos congressos e redes. Ao menos na América Latina é complicado influenciar políticas públicas legítimas para a agricultura familiar sem debater com movimentos sociais, trocar ideias e incluir nas suas pautas e demandas. A implementação dessas políticas sem validação dos movimentos seria ainda mais difícil. Os estudos de caso que aplicam a abordagem SIAL em geral são feitos em parceria com organizações locais, cooperativas, associações, mas não fica claro o nível de devolutiva desses estudos. Talvez falte um protagonismo dos atores locais no núcleo do pensamento SIAL para que seja ainda mais interdisciplinar e inclusivo, conforme sua proposta desde o início.

Este capítulo também mostrou que, mesmo com o DNA bastante francês da abordagem SIAL, a América Latina vem tomando o protagonismo nessa agenda, principalmente com o enfraquecimento do ERG SYAL e a proliferação de redes na América Latina, ainda que frágeis. Os estudos de caso SIAL nos Congressos, conforme demonstrado neste capítulo, são muito mais numerosos na América Latina, que vem se apresentando como uma região possivelmente mais fértil para a implementação dessa abordagem, o que tem a ver também com o histórico de uma região onde os debates sobre desenvolvimento rural, agricultura familiar e segurança alimentar são muito fortes, além da atuação de grandes movimentos sociais rurais e de povos e comunidades tradicionais e povos indígenas.

CAPÍTULO III. A PROPAGAÇÃO DA ABORDAGEM SIAL NO BRASIL

3.1 Produção acadêmica SIAL no Brasil

Uma busca do termo “Sistemas Agroalimentares Localizados” em páginas em português no Google Scholar, sem filtro temporal, revelou, nas 20 primeiras páginas (200 resultados), 71 trabalhos acadêmicos que utilizavam o termo, ou abordagem SIAL (vide Anexo D). A partir da página 21, a busca passou a trazer resultados da utilização das palavras de forma separada (sistemas ou agroalimentares ou localizados), portanto foram desconsiderados.

O primeiro trabalho encontrado em português data de 2002, dos autores Claire Cerdan e Denis Sautier, ambos envolvidos na criação da abordagem dentro do CIRAD, em um artigo que foi publicado pela EMBRAPA sobre sistemas de produção de queijo em Sergipe – pesquisa que os autores conduziam em uma parceria do CIRAD com a EMBRAPA à época, identificada também no capítulo 2 desse trabalho.

A segunda aparição identificada do termo SIAL em publicações brasileiras foi dois anos depois, em 2004, de autoria do pesquisador Hoyêdo Nunes Lins, com o trabalho “Território, cultura e inovação: a ótica dos sistemas agroalimentares localizados”, apresentado no IX Encontro Nacional de Economia Política. O economista, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, vinha pesquisando nesse período relações entre o global e o local, clusters, desenvolvimento local. Em 2006 publicou um novo artigo usando a abordagem SIAL como “chave de leitura” sobre a maricultura em Santa Catarina (LINS, 2006), cujo acrônimo foi traduzido por ele como SAL. As referências bibliográficas de SIAL utilizadas por ele foram Moity-Maïzi, Requier-Desjardins, Cerdan, Sautier e traz uma perspectiva bastante economicista da abordagem.

Em 2006, outros pesquisadores começaram a usar a abordagem. Guilherme Cunha Malafaia, doutorando no programa de Agronegócios da UFRGS, orientando do professor Júlio Otávio Jardim Barcellos, publicou artigos em vários congressos e fez sua tese usando a abordagem, mas utilizando a tradução “Sistemas Agroalimentares Locais” e o acrônimo SIAL. Os autores da sua revisão literária foram Requier-Desjardins, Lins, Borray, Velarde e Boucher. Até 2011 foram pelo menos 7 artigos de autoria, ou co-autoria, deste autor, atualmente funcionário da EMBRAPA.

Em 2007 a abordagem foi aplicada na dissertação de mestrado de Larissa Bueno Ambrosini, pelo PPGDR da UFRGS, orientada pelo Eduardo Ernesto Filippi, que publicou pelo

menos quatro estudos em português utilizando a abordagem. Os referenciais teóricos foram Muchnik, Boucher, Pecqueur, Requier-Desjardins, dentre outros.

A partir de 2008 o número de publicações aumenta e a diversidade de autores também. Em 2008 foram 3 artigos apresentados no IV Congresso SIAL, um no XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), dois em revistas/periódicos da área de desenvolvimento rural e uma tese de doutorado defendida na UFRGS.

Em 2009 mais uma tese foi publicada, também pela UFRGS, seis artigos publicados em revistas/periódicos que variaram entre revistas de economia, política e desenvolvimento rural. Também houve mais um artigo apresentado no XLVII SOBER, por pesquisadores diferentes. Em 2010 e 2012 foram sete artigos publicados em diferentes revistas sobre desenvolvimento rural, dois artigos apresentados em diferentes congressos de geografia, um de desenvolvimento regional, um de economia e uma publicação pela RIMISP.

Em 2013 houve um pico de nove publicações, coincidindo com o ano em que foi realizado o VI Congresso SIAL no Brasil. Quatro dessas nove foram apresentadas no próprio congresso e os demais foram artigos publicados em revistas – três deles na revista *INTERthesis*, cuja edição foi dedicada ao congresso SIAL.

Desde então foram defendidas duas teses de doutorado (2014 – USP; 2015 – UFRGS) e duas dissertações de mestrado (2014 – UFSC; 2016 – UFPR). A maior parte do restante das publicações foram artigos em diferentes periódicos (17) e o restante em congressos (4) e uma publicação da EMBRAPA. Em 2016 também foram ao todo 9 publicações, igualando ao boom de 2013 (6 artigos em periódicos, uma dissertação e três apresentações em congressos).

Quadro 16. Número de publicações por ano utilizando o termo SIAL em português (no Brasil)

Ano	Nº de publicações
2002	1
2003	0
2004	1
2005	0
2006	3
2007	3
2008	7
2009	8
2010	3
2011	6
2012	4
2013	9
2014	6
2015	7
2016	9
2017	4
TOTAL	71

Quadro 17. Quantidade de publicações brasileiras sobre SIAL por tipo

Tipo de publicação	Quantidade
Anais Congressos	20
Teses/Dissertações	8
Artigos em Revistas/Periódicos	40
Outros	3
TOTAL	71

Entre os 71 trabalhos levantados, 44 são estudos de caso utilizando a abordagem SIAL (62%), e os demais são contribuições do ponto de vista teórico, em geral inserindo o debate de SIAL dentro de uma perspectiva mais ampla de desenvolvimento territorial rural. Os trabalhos mais teóricos só começam a aparecer a partir de 2008 (com exceção ao artigo de Hoyêdo Lins, de 2004, mencionado acima).

Somente 10% (7) destes trabalhos foram apresentados em algum dos Congressos SIAL – 3 no IV Congresso na Argentina e 4 no VI Congresso no Brasil. Como dessa busca só foram procurados trabalhos em português, isso poderia explicar o baixo número, já que a maior parte dos artigos nos congressos SIAL são apresentados em espanhol ou inglês. Porém, ao retomar

os dados levantados no capítulo 2 desta pesquisa, dos trabalhos apresentados nos Congressos, é notória a baixa presença de brasileiros, com exceção ao congresso realizado em Florianópolis.

Nesta amostra analisada, identifica-se um total de 118 diferentes autores. Dentre as instituições pelas quais esses autores respondiam à época da publicação, foram identificadas pelo menos 29 instituições brasileiras – 83% universidades e faculdades, que apresentaram certa diversidade regional (só não houve instituição da região Norte do país). No entanto, é notória a concentração de pesquisadores associados a universidades da região Sul do país – 11 diferentes universidades da região, totalizando 63 diferentes pesquisadores, apareceram na busca.

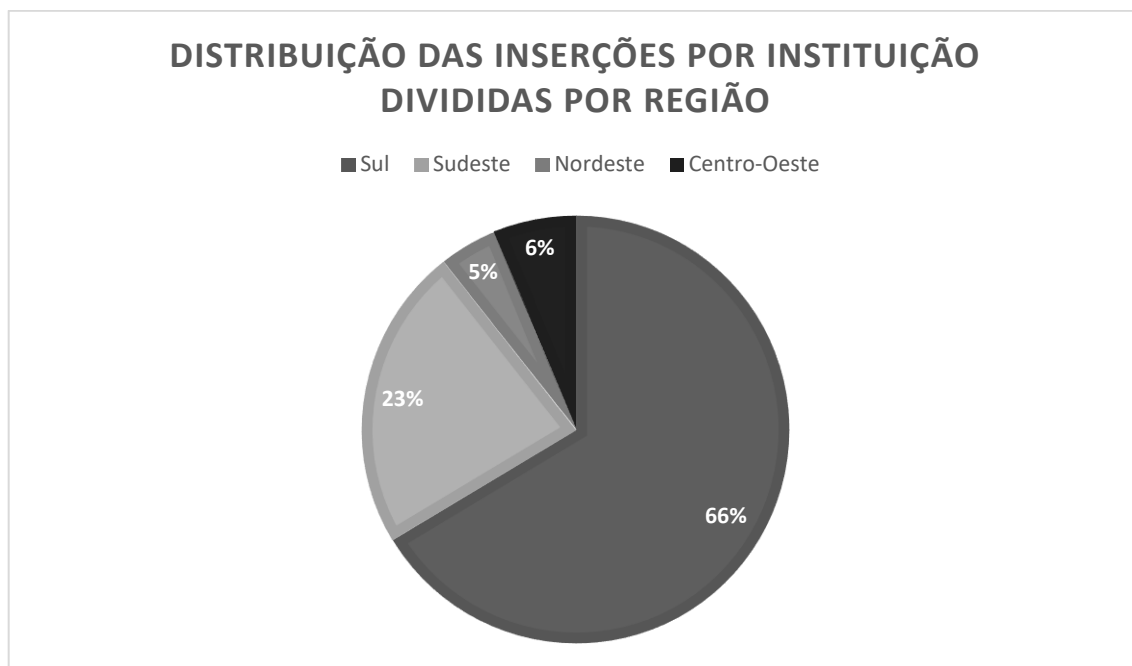
A campeã de inserções é a UFRGS, com 22 diferentes pesquisadores identificados na busca, quase 19% do total. 34% (24) do total dos trabalhos identificados tiveram pelo menos um autor pertencente à UFRGS no momento da publicação e desses, 54% foram publicados entre 2007 e 2009. Das 8 teses e dissertações identificadas, cinco foram de alunos da UFRGS, sendo quadro do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS) e uma do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios. Os pesquisadores que são/foram associados à UFRGS que mais publicaram sobre SIAL foram: Guilherme Cunha Malafaia, Larissa Bueno Ambrosini, Jorge Amaral de Moraes, Julio Otávio Jardim Barcellos, Suzimary Specht, Eduardo Ernesto Filippi, Sérgio Schneider, Paulo André Niederle e Kelly Lissandra Bruch.

Como um pesquisador pode ter sido associado a mais de uma instituição neste período e outros não tiveram uma instituição identificada, para viabilizar a amostragem serão consideradas todas as instituições que foram identificadas. Um pesquisador pode ter representado mais de uma instituição (em publicações diferentes ou não), mas um mesmo pesquisador associado a uma mesma instituição não serão contados de forma repetida. Serão excluídas as instituições de outros países. Somente um pesquisador não teve sua instituição identificada. Depois de aplicadas essas condicionantes, somou-se um total de 113 inserções de instituições, conforme distribuição no quadro abaixo:

Quadro 18. Instituições brasileiras representadas nas publicações sobre SIAL

Instituição	Inserções	UF
Associação Comunitária Amigos do Meio Ambiente (AMA)	3	SC
Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (CEPAN)	1	PE
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (GO)	1	GO
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (PI)	1	PI
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (SC)	3	SC
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI)	5	SC
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba (FAFICH)	1	GO
Instituto de Economia Agrícola (IEA)	1	SP
Instituto Federal de São Paulo (IFSP)	1	SP
Proterra	1	RS
Universidade de Caxias do Sul (UCS)	3	RS
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	1	RS
Universidade de São Paulo (USP)	3	SP
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	1	SC
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)	5	SC
Universidade Estadual de Maringá (UEM)	2	PR
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	4	SP
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	3	SC
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	2	MG
Universidade Federal de Goiás (UFGO)	1	GO
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	4	MS
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	11	SC
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	8	RS
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	8	SP
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	2	SE
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2	PR
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	1	PI
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	2	RJ
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	5	RS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	22	RS
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	5	RJ
TOTAL	113	11

Gráfico 1. Distribuição das inserções por instituição divididas por região



Mesmo considerando a predominância da produção proveniente da UFRGS e o engajamento da UFSC na organização do VI Congresso SIAL, não parece haver ainda uma instituição acadêmica ou grupo de pesquisa que realmente tenha abraçado a abordagem SIAL, nem mesmo pesquisadores específicos. A variedade de pesquisadores conhecendo, estudando e aplicando a abordagem é de grande importância para sua difusão, mas ainda falta no meio acadêmico no Brasil maior clareza das “mães e pais” da abordagem, pois as referências teóricas principais ainda são em sua maioria os franceses criadores e cada vez mais os mexicanos também.

Não foram identificados projetos ou grupos de pesquisa específicos dentro dessas universidades se propondo a utilizar a abordagem SIAL. Em geral, os pesquisadores fazem parte de grupos de pesquisa sobre desenvolvimento rural e políticas públicas para a agricultura familiar dentro dos programas de pós-graduação.

Tampouco há presença relevante dos pesquisadores brasileiros (ou atuantes no Brasil) que vêm utilizando a abordagem SIAL dentro dos comitês científicos dos Congressos SIAL. Até o Congresso no Brasil, somente Claire Cerdan, que tem vínculos com a UFSC pelo CIRAD, e John Wilkinson, professor do CPDA/UFRRJ, representaram instituições brasileiras em alguns comitês científicos. No comitê científico do IV Congresso, realizado no Brasil, pode se identificar a participação de mais pesquisadores brasileiros, ou ligados a instituições brasileiras, conforme demonstrado abaixo (as instituições dos pesquisadores à época do Congresso foram consultadas nos seus currículos na plataforma Lattes):

Quadro 19. Instituições Brasileiras no Comitê Científico do VI Congresso SIAL

Pesquisador	Instituição
Claire Cerdan	CIRAD/UFSC
John Wilkinson	UFRRJ
Paulo Vieira	UFSC
Ademir Cazella	UFSC
Adriana Verdi	IEA
Clecio Azevedo	UFSC
Clovis Dorigon	EPAGRI
Eric Sabourin	UnB
Fabiana Thomé da Cruz	UFRGS
Fabio Burigo	UFSC
Geni Satiko Sato	IEA
Hoyedo Lins	UFSC
Luis Carlos Mior	EPAGRI
Lussandra Martins Gianasi	UFMG
Mauro de Bonis	UDESC
Olivier Vilpoux	UCDB
Oscar Rover	UFSC
Paulo Niederle	UFRGS
Pedro Guerra	UFSC
Rubens Onofre Nodari	UFSC
Sergio Schneider	UFRGS
Sonia Menezes	UFS
Suzymari Specht	UFSM

No Congresso seguinte, somente Cerdan e Vieira continuaram como membros do comitê científico.

Em parte, para tentar mudar esse cenário, foi criada a Rede SIAL Brasil, que se configura hoje como o principal ator responsável pela difusão da abordagem no país, notadamente pelos seus coordenadores, conforme será descrito na próxima seção.

Ainda no ponto de vista acadêmico, em setembro de 2018 ocorrerá no Brasil, especificamente na UFRGS, a III Conferência Internacional Agricultura e Alimentação em uma Sociedade Urbanizada (AgUrb), cujo tema central é “Alimentos saudáveis, sociobiodiversidade e sistemas agroalimentares sustentáveis: inovações do consumo a produção”. Esta grande conferência internacional terá a presença de importantes personalidades no campo da segurança alimentar. É interessante notar que o Grupo de Trabalho 9 da conferência, intitulado “As (re)configurações rurais e urbanas na alimentação e a perspectiva territorial” e coordenado por Anelise Graciele Rambo (UFRGS), Ademir Antonio Cazella (UFSC), Giulia Giacchè

(AgroParisTech - França), Hannah Wittman (Universidade da Colúmbia Britânica - Canadá), Héctor Robles Berlanga (UAM - México) e Virgínia de Lima Palhares (UFMG), menciona em sua descrição que receberá trabalhos que contemple, dentre outras práticas, os SIAL:

Este grupo receberá trabalhos que contemplem: Práticas de resistência ao modelo hegemônico de produção de alimentos e perspectivas teóricas sobre a reconfiguração das articulações entre o rural e o urbano. Este eixo abarca análises sobre agrarismo urbano; agricultura urbana; agroecologia; construção social da tecnologia; inovação social; dispositivos coletivos; perspectiva de escala multinível; **sistemas agroalimentares localizados**; indicações geográficas; cesta de bens e serviços territoriais; feiras livres; quintais; hortas e redes de entregas domiciliares e múltiplas construções solidárias e identitárias em territórios urbanos e periurbanos. (AGRICULTURE... 2018, grifo nosso)

Este pode ser um indicativo de que a abordagem SIAL possa ganhar mais espaço dentro das discussões de desenvolvimento territorial rural no Brasil. A menção específica ao nome da abordagem é um avanço, já que em geral a abordagem costuma ser encontrada na miscelânea junto a “abordagens alternativas”, então é uma novidade no Brasil e uma oportunidade de se diferenciar e difundir junto a outros pesquisadores no campo do DTR.

3.2 A Rede SIAL Brasil

A Rede SIAL Brasil foi criada em outubro de 2015 como

uma iniciativa de um grupo de pessoas interessadas em discutir, refletir e estimular o enfoque dos sistemas agroalimentares com base territorial ou localizada, sob uma perspectiva de desenvolvimento rural sustentável, a partir do contexto da agricultura brasileira (REDE SIAL BRASIL, 2018)

Em entrevista com um dos coordenadores da Rede, Gilberto Mascarenhas, foi apurado que em 2013, a época do Congresso SIAL no Brasil, já havia existido uma primeira tentativa de criar a rede, porém não foi para a frente. Foi em um evento sobre IGs em 2015 que, ao encontrar Marcelo Champredonde, este provocou Mascarenhas para a criação real de uma rede SIAL no Brasil, que resolveu aceitar o desafio. Mascarenhas facilita uma rede sobre IGs no Brasil há anos e essa experiência poderia dar o pontapé para a rede SIAL no Brasil.

Ao ser fundada em 2015, a rede contou com cerca de 15 membros e este primeiro ano de vida foi focado na criação do website/blog, entendimento comum do conceito de SIAL para a rede e alimentação do website. Já em 2016, segundo entrevista com Mascarenhas, foi consensuado na Rede que seu propósito deveria ser além de acadêmico, mas provocar debates

e atividades sobre questões do dia a dia, envolvendo os produtores e outros atores, e então resolveram abrir a rede para pessoas externas, não necessariamente com vínculo acadêmico.

Segundo o blog da rede²⁶, os seus objetivos estão em constante construção e atualmente são seis: i) construir pontes de comunicação entre os interessados no tema; ii) fomentar atividades de pesquisa nos territórios; iii) refletir sobre dinâmicas produtivas para propor novos enfoques metodológicos adequados à realidade brasileira; iv) agregar atores dos sistemas agroalimentares brasileiros para promover ações em prol dos territórios; v) promover a formação de recursos humanos no âmbito da qualidade e diferenciação da produção agroalimentar; vi) organizar eventos dentro e fora do Brasil junto a outros pesquisadores da temática (REDE SIAL BRASIL).

Ainda na página sobre a organização, são apontadas 14 iniciativas e plataformas indicadas como convergentes à rede. São elas: Desenvolvimento Territorial, Produção Agroecológica/Orgânica, Produção Integrada/Sistemas de Baixo Carbono, Circuitos Curtos de Comercialização (CCC), Economia Solidária, Agricultura Familiar, Indicações Geográficas, Outros Signos Distintivos Ligados a Origem ou Tradição, Comércio Justo, Sistemas de Certificação Participativos, Turismo Rural, Sistemas Agroflorestais, Associativismo, Produtos típicos e da sociobiodiversidade.

Grande parte dessas temáticas são frentes muito mais consolidadas no Brasil, com um amplo conjunto da sociedade engajado – movimentos sociais, pesquisadores, formuladores de políticas públicas. A Rede ainda aponta cinco enfoques transversais: Gênero, Segurança e Soberania Alimentar, Desenvolvimento Endógeno e Territórios-Rede, Redes e Capital Social e Democracia Alimentar.

Ao menos na teoria, esse corpo estrutural mostra que a Rede SIAL Brasil promove a abordagem de forma mais holística do que a abordagem predominantemente econômica, de maior tendência na Europa e México. Para tentar entender o porquê, será analisado o background dos principais nomes envolvidos na animação da rede no Brasil.

O primeiro comitê coordenador da rede foi composto pelos pesquisadores Gilberto Mascarenhas, Simone Shiki e Ligia Inhan Matos. Na gestão 2015/2016 a liderança da animação do grupo foi de Mascarenhas, em 2016/2017 de Shiki e atualmente está a cargo de Inhan.

Mascarenhas, engenheiro agrônomo, pesquisou em seu doutorado no CPDA/UFRRJ (2002-2007) sobre comércio justo e durante seu pós-doutorado no CIRAD/UMR-Innovation

²⁶ <http://redesialbrasil.blogspot.com.br>

Montpellier (2010-2012) em Signos de Qualidade se aproximou das temáticas de produtos de base territorial, especialmente do tema das Indicações Geográficas, tema sobre o qual tem diversas publicações desde então (informações disponíveis no Lattes). É um dos principais pensadores e animadores da abordagem SIAL no Brasil, estimulando também sua adoção por parte de instituições governamentais. Mascarenhas foi servidor público do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), onde podia influenciar algumas ações através da sua perspectiva de SIAL e avançar na agenda de IGs, o que lhe dá um caráter também de *policy entrepreneur*²⁷ (empreendedor de políticas públicas), além de sua importância acadêmica.

Shiki, economista e professora da Universidade Federal de São João Del-Rei, estudou em seu doutorado (2003-2007) na Universidade de Brasília políticas públicas de desenvolvimento local e em seu pós-doutorado no CPDA/UFRRJ focou na temática das Indicações Geográficas, especificamente olhando para o caso dos queijos no Brasil. Desde 2013 Shiki vinha produzindo sobre associações da pequena indústria de laticínios e caminhou para o estudo das IGs.

Ligia Inhan, atual animadora da Rede SIAL Brasil, é economista, estudou cluster de vinho em seu mestrado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2009-2011, Portugal) e em seu doutorado na UFRJ (2012-2016) focou sua tese na indicação de procedência do queijo canastra, com um período de doutorado sanduíche cursado também no CIRAD/UMR-Innovation Montpellier, orientada por Claire Cerdan. Grande parte das suas publicações científicas recentes são voltadas para as IGs. Segundo descrição no seu currículo Lattes, seu papel hoje na Rede SIAL Brasil é “encaminhar a rede para a formalização e ajudar a estabelecer parcerias acadêmicas a fim de fortalecer os laços profissionais entre os membros internos e externos à rede”.

Pelo perfil dos coordenadores pode-se perceber porque a abordagem SIAL vem aparecendo no Brasil junto a discussões sobre IG, particularmente sobre os queijos artesanais. Existem mais oportunidades para debater IG no Brasil do que SIAL, ao menos por enquanto, e desta forma essas oportunidades são usadas por esses pesquisadores também para levar o tema SIAL e por isso as duas coisas vêm sendo associadas. Ainda segundo entrevista com Mascarenhas, a cada ano a rede escolhe um tema principal (e polêmico) para atuar: em 2016 foi justamente a questão dos queijos artesanais, que estava no centro do debate sobre marcos

²⁷ Segundo John Kingdon, *policy entrepreneurs* (empreendedores políticos) são pessoas que investem em políticas públicas, alocando recursos para convencer as enxergar problemas e soluções da mesma forma que eles (KINGDON, 2006, p. 228).

legais e fiscalização de produtos alimentares; em 2017 escolheram o tema dos produtos artesanais, que ainda segue em 2018.

A rede ainda conta com um comitê consultivo, membros honorários, membros aderentes e 116 convidados inscritos para receber a newsletter semanal.

Quadro 20. Comitê Consultivo Rede SIAL Brasil

<i>Pesquisador</i>	<i>Instituição</i>
John Wilkinson	UFRRJ
Marcos Borba	EMBRAPA
José Carlos Ramos	MAPA
Flavio Sacco dos Anjos	UFPeI
Nadia Velleda Caldas	UFPeI
Paulo Niederle	UFRGS
Geni Satiko Sato	IEA
Fabiana Thomé	UFRGS
Geise Assis	MDA
Jaqueline Sgarbi	UNILAB
Michelle Carvalho	UFS
Ricardo Bernardes	EMBRAPA
<i>Membros Honorários</i>	
Juliana Santilli (in memorian)	
Claire Cerdan	CIRAD (França)
Marcelo Champredonde	INTA (Argentina)
François Boucher	IICA (México)
José Muchnik	ERG SYAL (França)
<i>Membros Aderentes</i>	
Rede Sial Americana	
Rede Sial México	
Rede Sial Argentina	
Rede Sial Venezuela	
Instituto Maniva	
Rede Apedema	
Rodas do Saber	

Apesar dessa relação forte com IGs, há o esforço de associar SIAL aos demais enfoques transversais e plataformas convergentes mencionados. Esse esforço é de grande importância, pois há que se ter em mente que a última década e meia foram marcadas por importantes políticas públicas nacionais na área da segurança alimentar e nutricional, desenvolvimento rural, agricultura familiar e combate à pobreza, notadamente durante os governos do Partido dos Trabalhadores na Presidência da República. Foi um momento de grande expansão dessas pautas e protagonismo de movimentos sociais rurais e *policy entrepreneurs* dessas áreas. Esses debates, que já tinham grande força no terceiro setor e na Academia, tomaram também as políticas governamentais, ao menos até a ruptura em 2014, com o golpe que retirou a presidente Dilma Rousseff do poder – apesar de algumas das políticas desenhadas para a agricultura familiar já estarem sofrendo retrocessos desde o início do segundo mandato de Rousseff.

Debater, portanto, desenvolvimento territorial rural e sistemas agroalimentares sem dialogar com essas pautas, no Brasil, seria um caminho difícil ou pelo menos não tão legítimo do ponto de vista dos atores sociais que são o centro do SIAL – os produtores locais.

Outro caminho possível para a difusão do SIAL no Brasil seria por meio dos debates dentro da Administração e Engenharia de Produção, junto aos pesquisadores de *clusters*, APLs, SPLs, mas que provavelmente teriam um foco em médios e grandes produtores, ao invés de produtores familiares, já que são estes são “mundos” acadêmicos diferentes e que não costumam dialogar.

De qualquer maneira, a Rede SIAL Brasil ainda é bastante nova, pouco conhecida, ainda mais dada a quantidade enorme de atores atuando na agenda de desenvolvimento rural no Brasil, mas está caminhando para tornar o enfoque mais conhecido e expandir para políticas públicas, além dos estudos científicos.

A Rede tem um newsletter semanal que é enviada a todos os inscritos e, assim como o blog, tem um papel de divulgar atividades, notícias e publicações que perpassem todos esses temas transversais e plataformas convergentes. Há bastante conteúdo, com cerca de 20 postagens por mês, mas em geral são divulgações de iniciativas de parceiros ou dos temas transversais, e não conteúdo próprio. De qualquer maneira esse conteúdo mantém vivo e atualizado o blog, bem mais do que em comparação às outras redes SIAL.

Um momento importante para a Rede SIAL foi em 2016, durante o V Workshop Catarinense de Indicação Geográfica, onde a rede realizou uma oficina, com apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), sobre queijos artesanais para 140 participantes, dentre produtores, comerciantes, instituições relacionadas à produção e a

legalização dos queijos, de diversas regiões do país, para pensar a inserção dos produtos artesanais no mercado formal. A Rede ficou responsável pelos encaminhamentos da oficina, incluindo as sugestões de políticas públicas para apoiar a produção e a comercialização dos queijos artesanais no Brasil²⁸.

Dentre as diretrizes estabelecidas na oficina estão a criação de legislação específica para a produção, comercialização e transporte dos produtos artesanais; a ampliação de políticas públicas de crédito, assistência técnica e extensão rural; a pesquisa para aprimoramento de procedimentos; e maior interlocução dos produtores com os demais segmentos envolvidos com o setor. Segundo o Mapa, esse incentivo à cadeia de queijos artesanais é uma forma de expandir o uso das IGs e também de avançar das discussões sobre um marco legal para produtos artesanais agroalimentares (BRASIL, 2016).

Dando continuidade a esse processo, a Rede vem puxando o debate para trabalhar uma melhor conceituação do que é um Produto Agroalimentar Artesanal (PAA), pois não há consenso no país, o que dificulta a implementação de políticas públicas para tal, principalmente para sua regulação e fiscalização a partir de critérios técnicos (aspectos sanitários, infraestrutura de processamento, etc.). Hoje a realidade em termos de marcos legais no país desfavorece os pequenos produtores em detrimento da grande indústria no que diz respeito aos aspectos técnicos de qualidade, o que impõe padrões de produção inalcançáveis ao pequeno produtor.

Outras iniciativas em que a Rede SIAL está envolvida no âmbito de políticas públicas serão melhor descritas no próximo ponto. A Rede está atualmente discutindo sobre a necessidade de se institucionalizar ou não, com a criação de uma pessoa jurídica que a permita implementar projetos, captar recursos, participar formalmente de processos com os Ministérios, etc. Mas este é um ponto polêmico, pois a maior parte das pessoas que compõem a Rede são pesquisadores e professores com dedicação exclusiva às suas universidades e que não estão aptos ou mesmo interessados em investir mais tempo nesse processo, para além do comitê coordenador.

Isso aponta para o real desafio que perpassa a Rede, que é a clareza sobre si mesma, seu propósito, apontada pelos dois coordenadores entrevistados. Não há clareza ainda se é uma rede que estuda os problemas ou que atua sobre os problemas.

Em entrevista com Ligia Inhan, ela aponta que toda a Rede é muito vinculada à pessoa de Mascarenhas, que seria realmente o animador, quem teria clareza do conceito do SIAL e está

²⁸ Disponível em <<http://redesialbrasil.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>. Acesso em 9 de maio de 2018.

disposto a levar à frente. Ela explica que mesmo com todos os membros associados apontados, o engajamento real envolveu não mais que metade das pessoas. Acredita que a oficina de queijos artesanais em 2016 foi um ápice para a Rede, mas que desde então se perdeu bastante o fôlego, que seria característico de redes informais como esta, com momentos de alto e baixo engajamento.

Um dos problemas, de acordo com Ligia, é justamente a falta de pessoas realmente dedicadas à movimentação da Rede, já que nenhum membro tem dedicação exclusiva a ela. Por ter nascido da rede de IGs, apesar das IGs serem entendidas como um tipo de SIAL, esta rede, que é mais antiga e consolidada, é mais movimentada, e muitos acabam sem entender o propósito da rede SIAL, já que o conceito ainda é pouco conhecido e difundido no Brasil. Para ela a rede hoje é o website e que se este acabar, a rede também acabaria.

Após as duas entrevistas realizadas com duas das principais pessoas por trás da rede, pode-se perceber que esta rede também é muito dependente de um principal idealizador e facilitador, que está buscando oportunidades para expandi-la, mas de forma bastante centralizada, talvez menos por vontade própria e mais pela falta de interesse e tempo de outras pessoas, o que indica que a abordagem pode não estar tendo apelo forte o suficiente para pesquisadores da área no Brasil.

3.3 SIAL em Políticas Públicas no Brasil

Ainda não há no Brasil uma expressão forte e clara da abordagem SIAL orientando políticas públicas, mas a abordagem começa a plantar algumas sementes, em especial na Embrapa, que já conta com alguns projetos pilotos aplicando-a. Duas iniciativas em especial se destacam e serão melhor desenvolvidas nesta seção: o projeto Alto Camaquã e o projeto Rota do Cordeiro, dentro do programa de Rotas Programa Rotas de Integração Nacional.

O território do Alto Camaquã, localizado no Rio Grande do Sul (municípios de Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Bagé, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista), tem do ponto de vista produtivo predomínio da pecuária de campo nativo (caprinos e ovinos) através de pequenas e médias unidades produtivas desde o século XVIII, em uma área de campos naturais característicos do Bioma Pampa, e conta com formas de produção que envolvem relações particularizadas entre cultura, natureza e local, porém enfrentando dificuldades de competitividade com a pecuária extensiva da região, especialmente na comercialização (MATTE et al., 2016, p. 148-149).

Nesse contexto, em 2007 a Embrapa Pecuária Sul, sediada no município de Bagé, começou a desenvolver o Projeto Alto Camaquã, com o intuito de criar novos espaços e abordagens de entendimento e representação da pecuária familiar e do desenvolvimento para a região. O projeto inclui ações embasadas em uma abordagem territorial com o objetivo de redescobrir e revalorizar as experiências locais para gerar estratégias endógenas de desenvolvimento rural. Dentre os parceiros do projeto estão a Emater, associações de produtores, representações sindicais, governos municipal e estadual e algumas universidades (ibid.), como a UFPEL, a UFSM, a FURG e a UNIPAMPA (EMBRAPA, 2018).

No site da Embrapa podem ser encontrados 3 projetos para a região do Alto Camaquã, entre 2007 e 2016:

Quadro 21. Projetos Embrapa Pecuária Sul no Alto Camaquã

Projeto	Ecologização da pecuária familiar como estratégia de desenvolvimento territorial do Alto Camaquã²⁹	Manejo ecológico da vegetação natural campestre no contexto da pecuária familiar do Alto Camaquã³⁰	Bases científicas para a distinção das carnes de ovinos e caprinos do território do Alto Camaquã³¹
Duração	03/2007 – 12/2010	11/2010 – 09/2014	09/2012 – 08/2016
Líder	Marcos Borba	José Pedro Pereira Trindade	Sérgio Silveira Gonzaga
Objetivo	Ecologização da pecuária familiar como estratégia de desenvolvimento sustentável do território do Alto Camaquã	Construir estratégias produtivas duráveis para a pecuária familiar do Alto Camaquã	Avaliar potenciais aspectos para a diferenciação das carnes de cordeiros e caprinos do território do Alto Camaquã,

²⁹ Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/7679/ecologizacao-da-pecuaria-familiar-como-estrategia-de-desenvolvimento-territorial-do-alto-camaqua>>. Acesso em 10 mai. 2018.

³⁰ Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/37006/manejo-ecologico-da-vegetacao-natural-campestre-no-contexto-da-pecuaria-familiar-do-alto-camaqua>>. Acesso em 10 mai. 2018.

³¹ Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/204186/bases-cientificas-para-a-distincao-das-carnes-de-ovinos-e-caprinos-do-territorio-do-alto-camaqua>>. Acesso em 10 mai. 2018.

			considerando o ambiente natural local, o sistema de produção, a qualidade dos produtos e a opinião do consumidor
Resultados	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Avanços no manejo dos campos naturais e na adaptação de tecnologias voltadas para o pecuarista familiar ✓ Incremento da produção animal ✓ Melhor conservação dos recursos naturais ✓ Fomento do associativismo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Racionalização do uso da produção forrageira através da construção de estratégias de manejo voltadas a valorização dos recursos naturais e do conhecimento dos manejadores ✓ Classificação de plantas a partir de atributos morfológicos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Início à caracterização e diferenciação de produtos regionalizados atrelados à proteção de áreas ambientais consideradas únicas e com valor econômico agregado

Dentre os líderes de projetos e um dos principais entusiastas e pesquisadores do desenvolvimento local do Alto Camaquã está o pesquisador da EMBRAPA Marcos Borba, que é um dos membros da Rede SIAL Brasil. Em nenhum momento se encontra explicitamente no site da Embrapa o termo “sistemas agroalimentares localizados” associado ao projeto, no entanto, pelas descrições metodológicas é claramente uma experiência convergente e que vem sendo apresentada dentro da Rede SIAL Brasil como um dos mais emblemáticos exemplos de SIAL no Brasil. Além disso, em uma apresentação recente feita por Marcos Borba no II Seminario Técnico Internacional "Ganadería Familiar y Desarrollo Rural", que pode ser encontrada na internet (BORBA, 2018), com representação da Embrapa, é identificada a estratégia SIAL associada ao projeto Alto Camaquã.

Dentre os resultados mais importantes desse processo até o momento estão a criação Rede de Produtores do Alto Camaquã (ReAC), que por sua vez criou o Fórum do Alto Camaquã em 2008, que em 2009 decidiu criar a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto

Camaquã (ADAC) e que criou a marca coletiva Alto Camaquã (ALTO CAMAQUÃ, 2018). Em 2015 o Alto Camaquã foi reconhecido pelo Núcleo Estadual de Ações Transversais nos APLs (NEAT) do Estado do Rio Grande do Sul, com um Arranjo Produtivo Local (ALTO CAMAQUÃ, 2015).

Em março de 2018 a experiência foi apresentada no Seminário Internacional Inovação Social em Políticas Públicas, em Brasília, onde Borba deu a seguinte declaração, que deixa clara a relação estreita com a abordagem SIAL:

Essa participação é importante para dar visibilidade internacional a uma experiência de desenvolvimento territorial construída a partir da valorização dos recursos tangíveis (recursos naturais, pecuária sobre campo nativo, produtos tradicionais) e intangíveis (cultura, representações simbólicas, história etc.), próprias de uma região que permaneceu à margem dos modelos de desenvolvimento aplicados historicamente ao mundo rural brasileiro (EMBRAPA, 2018).

Além do projeto Alto Camaquã, outra experiência mais recente dentro da Embrapa vem propondo a utilização da abordagem SIAL como metodologia para um projeto de desenvolvimento local: o Plano Nacional de Desenvolvimento da Rota do Cordeiro.

Em 2007, foi instituída pelo governo federal a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), que tem como objetivo a redução das desigualdades entre as regiões brasileiras e a promoção da equidade no acesso a oportunidades de desenvolvimento (BRASIL, 2007). Dentro do marco do PNDR, o Ministério da Integração Nacional (MI) desenvolveu o projeto Rotas de Integração Nacional (ROTAS), o qual define como redes de APLs para promover inovação, diferenciação, competitividade e lucratividade dos empreendimentos através da ação de agências de fomento, com vistas a “promover a inclusão produtiva e a integração econômica das regiões menos desenvolvidas do país aos mercados nacionais e internacionais de produção, consumo e investimento” (BRASIL, 2014).

As diferentes rotas são concebidas a partir de uma dimensão territorial, que define o espaço de acordo com uma tipologia territorial, e uma dimensão setorial, que identifica a cadeia produtiva selecionada. O recorte setorial segue os seguintes critérios: potencial de inclusão produtiva, afinidade com a identidade regional, sustentabilidade ambiental, organização social presente, potencial de crescimento do setor, atividade intensiva em emprego, potencial de aprofundamento tecnológico, representatividade regional, potencial de encadeamento produtivo e setor amparado por outras iniciativas (BRASIL, 2017, p. 15-17).

Em 2012, o Ministério da Integração Nacional e a Embrapa Caprinos e Ovinos fizeram um acordo de cooperação que incluía a formulação de uma Rota do Cordeiro, após ser

identificada uma necessidade importante de construção de uma governança no setor da ovinocaprinocultura, um setor até então majoritariamente de produção informal ou clandestina. O objetivo da rota é justamente o de “promover o desenvolvimento territorial e regional por meio do fortalecimento dos APL associados à ovinocultura e à caprinocultura” através da identificação e desenvolvimento de redes de APL e articulação de agências públicas e privadas para apoiar a cadeia produtiva no território (ibid., p. 19-20). Também entrou como parceira da iniciativa a Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO) (ARCO, 2017, p. 32).

No relatório “Bases para o plano nacional de desenvolvimento da rota do cordeiro”, publicado pelo MI, a abordagem SIAL surge como a lógica recomendada pela Embrapa, parceira técnica da rota do cordeiro, a ser utilizada nos polos produtivos que apresentem produção tradicional, consumo frequente e produtos diferenciados, e também indica que dois polos seriam trabalhados a partir dessa abordagem: Polos de Bagé (RS – Alto Camaquã) e Tauá (CE - Sertão do Inhamuns) (ibid., p. 21). No relatório a abordagem SIAL é definida como uma forma de estimular:

o processo de resgate do valor dos produtos, da cultura e do saber fazer dos produtores locais. O estímulo às pequenas indústrias familiares, ao turismo rural, à gastronomia local e às manifestações culturais permite se estabelecer a diferenciação entre regiões (ibid. p. 21).

Durante a I Conferência Nacional da Rota do Cordeiro, em janeiro de 2017, foi realizada uma apresentação conduzida pelo pesquisador da Embrapa, Evandro Holanda, e o auditor do Mapa e coordenador da Rede SIAL Brasil, Gilberto Mascarenhas, intitulada “Rota do Cordeiro e Sistemas Integrados Agroalimentares Localizados (SIAL): desenvolvimento territorial e APLs”, que destacou como a abordagem SIAL pode contribuir para a Rota do Cordeiro através do beneficiamento de produtos baseado em experiências e conhecimentos locais e da possibilidade de diversificação dos canais de comercialização, considerando que os produtos ligados ao território pode reduzir custos, estimular a autogestão e promover o trabalho em conjunto (ibid., p. 37).

Neste mesmo ano, o Programa Rota do Cordeiro começou uma expansão para novos municípios. Como primeiro passo foram realizadas diversas oficinas nos municípios selecionados, coordenadas pela Embrapa, em parceria com o IICA. Segundo notícia publicada no site da Embrapa, o pesquisador Octávio Morais, da Embrapa Caprinos e Ovinos declarou que, nessa fase de expansão, a Rota do Cordeiro utilizará a abordagem SIAL, entendida por ele como:

redes de organizações de produção e serviço (envolvendo unidades agrícolas, empresas agroalimentares, restaurantes, etc.) associadas a um território. Esta abordagem destaca, além dos produtos típicos, a identidade cultural, conhecimentos locais e as redes que favorecem as atividades econômicas (EMBRAPA, 2017).

Morais também destaca a relevância da abordagem para um público composto por agricultores familiares, com produção mais voltada para o território (ibid.).

Em entrevista realizada em maio de 2018 com o pesquisador da Embrapa Caprinos e Ovinos em Sobral/CE, Jorge Luis de Sales Farias, para este trabalho, buscou-se saber a situação atual desses projetos da Embrapa baseados em SIAL. Foi averiguado que a primeira fase do Rotas do Cordeiro não conseguiu chegar a aplicar a abordagem SIAL e acabou usando o modelo convencional de cadeias produtivas globais, focado mais na modernização e capacidade produtiva do que no agricultor e nas redes locais. Com exceção ao Alto Camaquã, que já havia passado por um processo mais antigo de abordagem localizada, nem mesmo o Tauá conseguiu avançar na real implementação de SIAL.

No entanto, quando começou o processo de expansão do programa em 2017, amadureceu-se a ideia de usar a abordagem SIAL como principal metodologia nas novas localidades, a partir das lições aprendidas em Tauá, principalmente dos desafios encontrados.

A Embrapa Caprinos e Ovinos Sobral/CE vem tomando a liderança dentro da empresa na fomentação do debate SIAL, junto a Marcos Borba da Embrapa Pecuária Sul. A origem desse debate na Embrapa Caprinos e Ovinos se dá em paralelo ao Projeto Sustentare, cujo objetivo girava em torno da promoção do desenvolvimento rural sustentável e solidário em comunidades rurais do Território de Sobral por meio de metodologias com enfoque participativo e pesquisa-ação, procurando centrar e dar protagonismo aos agricultores, garantindo o embasamento naquela realidade.

Durante o projeto, a equipe percebeu como Sobral, ao se tornar cada vez mais urbanizada, vinha perdendo completamente sua identidade e cultura alimentares. A modernização agrícola marginalizou os pequenos produtores locais, o que eliminou as cadeias produtivas da região. Motivados por essa realidade, durante 2012 e 2015, a equipe da Embrapa começou a se aprofundar nos debates de desertos alimentares e então chegaram aos estudos da abordagem SIAL.

Em dezembro de 2016, a Embrapa criou um novo portfólio de projetos para Inovação Social, passando a entender inovação de forma mais ampla que a tecnológica. Logo em seguida, anunciou a criação do Programa de Apoio à Inovação Social e ao Desenvolvimento Territorial Sustentável (InovaSocial), com financiamento de R\$ 30 milhões do Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que visa promover a inclusão produtiva e levar diretamente ao agricultor tecnologias nas cadeias de caprinos e ovinos e de sementes agroecológicas. Dentro do InovaSocial foram incluídos três projetos para geração de tecnologias e troca de conhecimentos na produção, processamento e comercialização nas cadeias de caprinos e ovinos (dentro do marco da Rota do Cordeiro). Os outros três projetos do programa eram voltados para o resgate, preservação, multiplicação, estoque, distribuição e comercialização de sementes agroecológicas. O primeiro ano dos projetos (2017) seria então destinado ao planejamento e construção coletiva dos mesmos e o prazo total de execução é de 36 meses (EMBRAPA, 2016).

Nesse contexto, a Embrapa Caprinos e Ovinos propôs ao InovaSocial a utilização da abordagem SIAL como principal metodologia para ser aplicada nos projetos e o programa respondeu positivamente, sugerindo a aplicação em todos os projetos. A experiência do Alto Camaquã foi um importante exemplo de aplicação consolidada da abordagem e bem-sucedida, que permitiu o avanço da proposta.

Não é possível avaliar resultados desse processo, pois sua implementação de fato começou há poucos meses e é um trabalho, segundo Jorge Farias, quase inédito dentro da Embrapa. A Rede SIAL Brasil, notadamente Gilberto Mascarenhas, tem apoiado e incentivado os debates sobre SIAL nesse processo, inclusive com visitas técnicas e participação em oficinas.

Ainda não houve um debate robusto e crítico maior dentro da Embrapa sobre a abordagem e muitos a veem com desconfiança, como uma nova rotulagem para os mesmos processos, sem realmente conhecer a fundo do que se trata.

No local, a Embrapa também vem realizando palestras e oficinas com as associações, sindicatos e movimentos sociais locais para explicar melhor as propostas, o que é a abordagem e já estão começando a discutir junto com universidades locais também possibilidades de cursos³². Ainda é um desafio fazer conhecida a abordagem e mostrar seu valor agregado e diferencial frente a outras abordagens de desenvolvimento territorial e, principalmente, diferenciar das abordagens convencionais de cadeias produtivas globais. A Embrapa também está no momento procurando financiamento para um projeto de realizar um evento nacional sobre SIAL e a Rota do Cordeiro.

³² Nesta apresentação desenvolvida por Jorge Farias da EMBRAPA fica clara a abordagem SIAL como central para o desenvolvimento do projeto no Sertão de Inhamuns: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/caprinos-e-ovinos/2018/53aro/1apresentacao-projeto-territorial-sertao-dos-inhamuns-sial-112017-uv.pdf>> Acesso em 11 de maio de 2018.

Vê-se que são passos ainda muito iniciais, mas que pode gerar experiências importantes para uma futura multiplicação e desenho de políticas públicas. Um desafio é justamente a pouca produção sobre SIAL no Brasil e disponibilidade de experts na abordagem para capacitar e disseminá-la, já que em geral o único interlocutor da Rede SIAL Brasil envolvido nessas iniciativas é o próprio Gilberto Mascarenhas.

É compreensível, considerando que a Rede SIAL Brasil foi criada há menos de três anos, que ainda não haja uma expressão forte do tema nas políticas públicas. O atual cenário já mostra um avanço e oportunidades maior do que o esperado pela Rede, especialmente considerando seu baixo engajamento. Uma possível tendência seria de a abordagem se popularizar nos próximos anos mais no meio das políticas públicas do que da própria Academia brasileira. O risco é que, as atuais iniciativas não parecem envolver os órgãos públicos geralmente envolvidos em políticas para a agricultura familiar e combate à pobreza, como o Ministério do Desenvolvimento Social ou a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (antigo Ministério do Desenvolvimento Agrário). Caso não haja uma aproximação maior com os movimentos sociais rurais para que conheçam a abordagem, ela pode ser vista com desconfiança por esses atores, como uma forma de cooptação, ou como um novo nome para as conhecidas práticas de “modernização” baseadas nas realidades de médias e grandes propriedades – exato o atual debate dentro da Embrapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender a origem e evolução conceitual e institucional da abordagem de Sistemas Agroalimentares Localizados. Do ponto de vista conceitual, a abordagem surgiu em um momento de efervescência de teorias e abordagens sobre desenvolvimento rural e também sobre economias locais, em meados dos anos 1990, em um mundo onde se tornava cada vez mais necessário pensar as relações entre a produção rural e o consumo urbano e alternativas à lógica de cadeias globais – debate que ainda hoje passa por grandes desafios de consolidação, em uma realidade centrada num voraz capitalismo financeiro de grandes monopólios e oligopólios, inclusive no setor agroalimentar. A abordagem SIAL surge para tentar responder a esses desafios.

Pesquisadores do CIRAD, à época, já engajados com desenvolvimento rural, ao ter contato com diferentes abordagens da Economia sobre produção local, sentiram que havia algo que faltava, algo específico para o mundo agroalimentar, que unisse as abordagens econômicas às sociológicas e antropológicas, de forma mais sistêmica e holística.

Com a criação do então novo conceito de SIAL, o CIRAD através de diferentes projetos de pesquisa na Europa, África e América Latina, provocou a primeira expansão desse conceito. Num primeiro momento, como foi apontado no primeiro capítulo, a ideia era trabalhar SIAL mais como um modelo a ser aplicado, mas após as primeiras pesquisas e debates foi-se flexibilizando o conceito para entender SIAL como uma abordagem, uma metodologia de trabalho, de pesquisa-ação, e não um modelo fechado. Claro que a “evolução” conceitual em linha do tempo não é uma ciência exata, e as diferentes formas de entender SIAL coexistem ainda hoje. Apesar de, em geral, as definições atuais que os principais autores usam de SIAL serem bastante similares, destacando a multidisciplinaridade, cada autor ou autora tem um apego ou conhecimento maior por alguma disciplina, o que acaba conferindo um peso maior a ela. Os autores mexicanos, por exemplo, que têm origem no debate da AIR, tendem a conferir maior peso à agroindustrialização, já os europeus, à questão de qualidade e marcas, IGs, DOs...

O amadurecimento conceitual da abordagem começou a se dar com a criação de grupos de estudos específicos, iniciado pelo ERG SYAL, e que por sua vez começaram a organizar os congressos internacionais SIAL, que se tornou um importante veículo para disseminação do conceito e sua evolução no meio acadêmico. Esses grupos se tornaram redes, que se proliferaram na América Latina, com a criação das Redes SIAL mexicana, argentina, venezuelana, brasileira e a rede americana.

Dentro das discussões nos congressos e redes foi que esse conceito foi sendo provocado, questionado e amadurecido. O segundo capítulo desse estudo mostra como a divisão de eixos temáticos dentro dos congressos é um reflexo das mudanças conceituais, e vice-versa. Enquanto no primeiro Congresso os eixos representam elementos de um “modelo SIAL”, nos dois congressos seguintes SIAL aparece como um eixo separado, dentro de congressos que debatem políticas públicas, desenvolvimento rural e combate à pobreza como um todo. O debate de qualificação e símbolos é bem marcado, com eixos específicos até 2008, quando também a questão do consumo passa a ter mais destaque. Acompanhando a “terceira onda” conceitual da abordagem, a partir de 2010 os eixos dos congressos se voltam para debates mais macro, integrando com debates de desenvolvimento rural, incluindo impactos socioeconômicos e ambientais. A agroecologia, agenda de grande importância na América Latina, especialmente dentro dos movimentos rurais, tem seu destaque somente no último congresso.

Foi possível notar com esse estudo que apenas uma ou duas dezenas de pensadores concentram grande parte da produção intelectual e teórica do conceito, com predomínio inclusive de muito mais homens que mulheres. Em duas décadas de existência da abordagem SIAL ainda é possível contar as publicações e pesquisadores engajados e liderando essa abordagem no mundo, diferentemente de muitas outras abordagens de desenvolvimento rural. Essa “personificação” da abordagem dificulta sua disseminação, pois são poucos os *experts* no assunto, que muitas vezes não dão conta de todos os convites que recebem para as aulas e palestras a respeito. Os membros das redes costumam ter diversos temas de pesquisa e não se sentem a vontade como pensadores SIAL.

Uma possível crítica que pode ajudar a entender essa questão é algo que foi ouvido em algumas das diversas entrevistas feitas para esse trabalho: a abordagem SIAL quer ser tudo, mas acaba não sendo concretamente nada. Justo por tentar abarcar tantas coisas, não é algo que se materializa facilmente na cabeça do interlocutor que tem contato com a abordagem pela primeira vez. O pesquisador então não se apropria o suficiente do tema, para se considerar um especialista. Não fica nem claro se a abordagem precisa de especialistas nela, já que é um conceito tão aberto que poderia ser facilmente trabalhado por diferentes perspectivas, mas em um mundo de especializações é difícil disseminar algo que não “pertence” ao pesquisador.

Nesse sentido, ouve-se muito dentre as pessoas engajadas nas redes SIAL que os sistemas agroalimentares localizados são muito comuns, acontecem a todo tempo, porém não são identificados como tal, pela abordagem não ser tão conhecida, não ser tão concreta, não tem tanto apelo com os pesquisadores.

Mas apesar desse “núcleo duro” de especialistas ser bastante enxuto e pouco renovado, em termos quantitativos é importante destacar o crescimento dos congressos e de diferentes pesquisadores usando a abordagem, mesmo que de forma passageira, se limitando a um ou outro estudo de caso baseado nela e não ao seu debate conceitual per se.

Um dos propósitos deste trabalho era entender como essa abordagem encontrou seu espaço na América Latina e qual a relevância dela na região. Uma hipótese inicial de que a abordagem havia sido desenvolvida para os trabalhos do CIRAD na África não se confirmou, já que desde os primórdios a América Latina estava envolvida nos projetos de pesquisa. Mas é de fato interessante notar que, em comparação com a África e Europa, a abordagem encontrou na América Latina um espaço de relativa consolidação, a princípio ligado a pesquisadores vinculados também ao CIRAD ou ao IICA, em um momento de forte debate sobre as Agroindústrias Rurais como modelo de desenvolvimento, mas que se expande. Em diversos países da região a abordagem encontrou ao menos um interlocutor e animador – Brasil, Argentina, Colômbia, Venezuela e México, pelo menos foram identificados. Não coincidentemente, com exceção à Venezuela, são países que sediaram congressos SIAL.

O enfraquecimento do ERG SYAL e arrefecimento das produções utilizando a abordagem na Europa destacam ainda mais a importância da América Latina para a abordagem hoje. Apesar das redes também estarem enfraquecidas na atual conjuntura, as publicações de pesquisadores vinculados a instituições latino-americanas (note-se que as instituições são latino-americanas, mas alguns pesquisadores nelas vinculados, não) são mais numerosas nos últimos anos. Mesmo nos congressos SIAL, com exceção ao último realizado em Estocolmo, em todos os outros o número de estudos de caso na América Latina liderou em relação a outras regiões globais: são pelo menos 237 estudos na América Latina, somando todos os congressos, contra 95 na Europa. Claro que nem todos esses estudos usam a abordagem SIAL e esses números são reflexo da proliferação e densidade dos trabalhos em DTR, combate à pobreza e segurança alimentar na América Latina.

A “desanimação” das redes SIAL foi um achado geral, não há nenhuma hoje funcionando a todo vapor. É característico de redes deste tipo flutuarem por momentos de altos e baixos, já que, por não serem institucionalizadas, dependem muito de um/uma animador/animadora correndo atrás de oportunidades, dedicando tempo e energia. Quando não se tem grupos de pesquisa ou financiamento, é muito difícil haver pessoas podendo se dedicar exclusivamente ou o suficiente para fazer essa roda girar.

Na América Latina, a rede que mais conseguiu crescer e avançar até hoje foi a mexicana, que, como foi mostrado acima, vive um momento mais desmobilizado hoje, mas que já contou com diferentes projetos e inclusive financiamento. Há várias universidades envolvidas e possibilidades de projetos de pesquisa, apesar de terem resolvido não se formalizar.

O debate da formalização ou não passa ou passou por todas elas. Em geral, quem está mais responsável por animar a rede tem interesse na formalização, o que torna mais fácil a possibilidade de a rede conseguir financiamento, mas é comum que os demais participantes, justamente por não ter um compromisso tão forte com a rede, não queiram se comprometer com esse grau de institucionalização, pois significa dar um passo além de uma rede de ideias e debates, mas talvez um compromisso profissional e até financeiro. Além disso, muitos membros têm dedicação exclusiva a suas universidades e não podem estar relacionados a outra instituição por questões contratuais.

Um ponto importante para assinalar é a influência em políticas públicas. Fica claro que a abordagem desde sua concepção tem um viés de ferramenta para potencializar políticas públicas de DTR. A questão das políticas públicas sempre foi um componente dos congressos SIAL, faz parte da definição de missão de todas as redes SIAL e frequentemente é trazida das produções científicas como um elemento de grande importância. Não resta dúvidas de que a abordagem vem sendo pensada não só como ferramenta de pesquisa, mas como algo que possa ser útil para políticas. No entanto, há muito poucas experiências concretas de políticas públicas utilizando tal abordagem, ainda é um conceito muito acadêmico e genérico, não algo que está na boca e na agenda de tomadores de decisão ou empreendedores políticos.

Muitas redes tentam envolver em suas atividades ou mesmo na sua composição pessoas ligadas a ministérios e outras instituições governamentais, o que é interessante e importante, mas ainda não trouxe grandes resultados. Algumas contribuições pontuais não são de menor importância, como o engajamento do ERG SYAL junto à AREPO para fomentar o debate de pesquisa e inovação na agricultura, incluindo sistemas agroalimentares localizados e produtos de qualidade, na União Europeia (UE), ou a importância da Rede SIAL Argentina para institucionalizar as DOs neste país. É interessante notar que alguns dos principais engajados na abordagem SIAL na Argentina são técnicos do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária argentino, uma realidade um pouco mais similar ao Brasil, onde a abordagem vem começando a encontrar seu espaço na Embrapa, mais do que ganhando protagonismo em meios acadêmicos nesses países, mas ainda de forma tímida.

Uma preocupação que foi assinalada diversas vezes ao longo deste trabalho foi o pouco entrosamento da abordagem com movimentos sociais rurais. A todo momento em suas definições, os sujeitos de direito, agricultores, são colocados no centro da abordagem. Porém, nos eventos e redes não são identificadas participações desses sujeitos ou suas representações. Em estudos de caso sim, aparecem esses atores, já que são o centro da abordagem, mas o que chama atenção é que eles não fazem parte do desenvolvimento conceitual da mesma, o que faz pensar o quanto realmente eles são o centro da abordagem. Isso é particularmente problemático na América Latina, com a atuação de tantos movimentos sociais e organizações de base rurais fortes e empoderados, onde o “nada por nós sem nós” é imperativo.

Chegar nas bases falando de uma nova abordagem, de origem francesa, em que nenhum movimento rural forte está fortemente envolvido, além de ser algo que pode ser visto com muita desconfiança, dificultando seu enraizamento, não é o processo mais *bottom-up* possível e pode prejudicar sua implementação, contradizendo seus próprios princípios. A abordagem pode ser dialogável com uma série de agendas atuais desses diversos movimentos, em realidade engloba quase tudo que eles vivem e demandam, mas se eles não fazem parte da inteligência e da construção conceitual também, dificilmente ela vai “pegar”.

Olhando para o Brasil, a realidade da abordagem SIAL não difere muito da análise mais ampla para a América Latina. O primeiro trabalho científico falando de SIAL no Brasil data de 2002, mas o ápice de publicações brasileiras utilizando a abordagem foi em 2013, mesmo ano do congresso SIAL no Brasil. Havia um vínculo forte da abordagem com a UFSC, cuja origem possivelmente se deu pelo fato de que Claire Cerdan tem um vínculo com esta instituição, e nela foi realizado o congresso. No entanto, a universidade que mais produziu sobre SIAL é a UFRGS, particularmente dentro do PGDR. A Rede SIAL Brasil, no entanto, foi criada somente em 2015, liderada por Gilberto Mascarenhas, que não tem vínculo com nenhuma das duas instituições, mas elas estão presentes com alguma representação dentro os membros da rede.

Não há, entretanto, pensadores brasileiros altamente engajados com a abordagem SIAL. A Rede tem investido mais em iniciativas de políticas públicas e os acadêmicos que dela fazem parte não vêm produzindo publicações científicas com este tema. A falta de grupos de pesquisa focados na abordagem é um limitador. No atual contexto de diminuição dos investimentos em pesquisa é difícil imaginar que essa realidade possa mudar no curto prazo.

Em termos de políticas públicas, é interessante que o conceito esteja começando a ser estudado e trabalhado dentro da Embrapa e possivelmente aplicado no curto prazo. Essa pode ser uma contribuição bastante relevante do Brasil à abordagem SIAL no mundo, se segue em

frente. A dificuldade, porém, é descentralizar a ideia de SIAL de uma só figura e outros pesquisadores e técnicos se sentirem apropriados o suficiente para trabalhar a partir desse viés.

Outra contribuição que o Brasil poderia ter como diferencial é justamente tentar engajar o movimento social no desenho da abordagem no país, aproveitando que não é um conceito consolidado. Poderia partir da Rede SIAL Brasil uma iniciativa de atrair representantes de movimentos para compor a rede. O engajamento de movimentos não só pode legitimar a abordagem como também facilitar sua disseminação no próprio mundo acadêmico, que é muito atrelado às agendas dos movimentos.

Em tempos de retrocessos e enfraquecimento das políticas públicas para a agricultura familiar, a abordagem SIAL pode ser um diferencial que dialoga com diferentes disciplinas e diferentes atores, para conquistar espaços nesse ambiente desfavorável, mas ainda é cedo para dizer se a Rede SIAL Brasil será o ator que irá finalmente catalisar e enraizar a abordagem no país, já que desde 2002 ela ainda não conseguiu se firmar e ter presença e protagonismo dentro dos debates brasileiros de desenvolvimento rural.

Esta dissertação pretendeu sistematizar o estado da arte conceitual e institucional da abordagem SIAL, especialmente na América Latina e no Brasil, como forma de contribuir para este debate no meio acadêmico brasileiro, podendo ser também uma ferramenta para sua disseminação e provocação. Os passos ainda são tímidos, mas há espaço para que a abordagem tenha maior importância no cenário nacional, especialmente dada a diversidade de experiências presentes no país. Há, entretanto, necessidade de amadurecer e “abrasileirar” a abordagem, para que seja melhor entendida e apropriada pelos pesquisadores, empreendedores políticos e movimentos sociais brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRICULTURE AND FOOD IN AN URBANIZING SOCIETY: Grupos de Trabalho. Grupos de Trabalho. Disponível em: <<http://agricultureinanurbanizingsociety-com.umbler.net/pt/programacao-gts-2018/>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- ALTER2006, CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL: ALIMENTACIÓN Y TERRITORIOS, 2006, Baeza, *Anais eletrônicos...* Baeza: Universidad Internacional de Andalucía, 2006. Disponível em: <http://syal.agropolis.fr/ALTER06/es_01.html>. Acesso em 10 jan. 2018.
- ALTO CAMAQUÃ. **Alto Camaquã é reconhecido como Arranjo Produtivo Local**. 2015. Disponível em: <<http://www.altocamaqua.com.br/alto-camaqua-e-reconhecido-como-arranjo-produtivo-local/>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- ALTO CAMAQUÃ. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.altocamaqua.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- ARFINI, Filippo; MANCINI, Maria Cecilia; DONATI, Michele (Ed.). **Local Agri-food Systems in a Global World: Market, Social and Environmental Challenges**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012.
- ARCO: **Revista**. Bagé: Arco, v. 5, n. 17, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.arcoovinos.com.br/images/revistas/Ed.17.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2018.
- BORBA, Marcos. **O enfoque agroecológico no Alto Camaquã**. 2018. Disponível em: <<https://eventos.unipampa.edu.br/seminariotecnico/files/2018/04/eixo-1-marcos-borba.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2018.
- AZEVEDO, Beatriz. Clusters: os distritos industriais dos países em desenvolvimento. **Desenvolvimento em Questão**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 99-121, out. 2011. ISSN 2237-6453. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/81>>. Acesso em: 13 maio 2018.
- BRASIL. Decreto nº 6.047, de 22 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Regional - PNDR e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6047.htm>. Acesso em 11 de mai. 2018.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Rotas de Integração Nacional**: Compreenda. 2014. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/entenda-as-rotas>>. Acesso em: 11 maio 2018.

BRASIL. **MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO**. Mapa apoia fortalecimento do setor de queijos artesanais. 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/mapa-apoia-fortalecimento-do-setor-de-queijos-artesanais>>. Acesso em: 11 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Bases para o plano nacional de desenvolvimento da rota do cordeiro**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2017. 116 p. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/documents/10157/4177578/Rota+do+Cordeiro-web.pdf/7b666f05-6ace-4412-bb5d-68d029219587>>. Acesso em: 11 maio 2018.

BOUCHER, François; MUCHNIK, José. **Agroindustria Rural**: Recursos Técnicos y Alimentación. San José: Centro de Cooperación Internacional En Investigación Agronómica para el Desarrollo, Centro Internacional de Investigaciones Para el Desarrollo, Instituto Interamericano de Cooperación Para La Agricultura, Programa Cooperativo de Desarrollo Agroindustrial Rural, 1995.

BOUCHER, François. **Enjeux et difficultés d'une stratégie collective d'activation des concentrations d'agro-industries rurales**: le cas des fromageries rurales de Cajamarca au Pérou. 690 f. Tese (Doutorado) - Societe du Futur, Sciences Sociales et Humanites, Université de Versailles, 2004.

BOUCHER, François; REQUIER-DESJARDINS, Denis. Los SIAL, Sistemas Agroalimentarios Localizados: Un nuevo modelo de desarrollo para articular la agroindustria rural (AIR) y el territorio. *Perspectivas Rurales*, n. 17-18, p. 5-12, 2005.

BOUCHER, François. Agroindustria rural y sistemas agroalimentarios locales, nuevos enfoques de desarrollo territorial. In. III CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL “SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALES”, Baeza, out. 2006.

BOUCHER, François; RIVEROS-CAÑAS, R. Antonio. Dinamización económica incluyente de los territorios rurales: alternativas desde los Sistemas Agroalimentarios Localizados y los Circuitos Cortos de Comercialización. *Estudios Latinoamericanos*, Cidade do México, ano XXXI, n. 40, p. 39-58, jul./dez. 2017.

BOWEN, Sarah; MUTERSBAUGH, Tad. Local or Localized? Exploring the contributions of Franco-Mediterranean agrifood theory to alternative food research. *Agriculture and Human Values*, v. 31, n. 2, p. 201-213, jun. 2014.

CAMPBELL, J. Where do we stand: common mechanisms in organizations and social movements research. In: Davis et al. *Social movements and organization theory*. Cambridge University Press, 2005

CHAMPREDONDE, Marcelo. A qualidade vinculada à origem: da imersão à tipicidade territorial. In: WILKINSON, John; NIERDELE, Paulo A.; MASCARENHAS, Gilberto C. C. *O sabor da origem: produtos territorializados na nova dinâmica dos mercados alimentares*. Porto Alegre: Escritos do Brasil, 2016.

CIAD. **Celebraran la IV edicion del seminario internacional de la red SIAL México. 2017.** Disponível em: <<https://www.ciad.mx/notas/1702-celebraran-la-ix-edicion-del-seminario-internacional-de-la-red-sial-mexico.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CIRAD/SAR. Systèmes agroalimentaires localisés (organisations, innovations et développement local). Proposition d'animation scientifique du laboratoire STSC, n. 134/96. 1996.

DPH. Altersyal, un groupe de réflexion et d'action engagé dans le développement agroalimentaire. Disponível em: <<http://base.d-p-h.info/fr/fiches/premierdph/fiche-premierdph-2957.html>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

EAAE-SYAL (Itália). **Seminário Internacional EAAE-SYAL. 2010.** Disponível em: <<http://www.eaae-syal2010.unipr.it/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

EMBRAPA. **Embrapa terá financiamento de R\$ 30 milhões do BNDES para apoio a agricultores.** 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/19219473/embrapa-tera-financiamento-de-r-30-milhoes-do-bndes-para-apoio-a-agricultores>>. Acesso em: 11 maio 2018.

EMBRAPA. **Bases científicas para a distinção das carnes de ovinos e caprinos do território do Alto Camaquã.** 2017a. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/204186/bases-cientificas-para-a-distincao-das-carne-de-ovinos-e-caprinos-do-territorio-do-alto-camaqua>>. Acesso em: 10 maio 2018.

EMBRAPA. **Oficinas iniciam expansão do programa Rota do Cordeiro.** 2017b. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/20400047/oficinas-iniciam-expansao-do-programa-rota-do-cordeiro>>. Acesso em: 11 maio 2018.

EMBRAPA. **Alto Camaquã é apresentado em evento internacional**. 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32458013/alto-camaqua-e-apresentado-em-evento-internacional>>. Acesso em: 10 maio 2018.

ESCOBAR, Arturo. **Una minga para el postdesarrollo**. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 2010, cap. 3 e 4.

FOURNIER, Stéphane; MUCHNIK, José. L’approche Systèmes Agroalimentaires Localisés (SYAL), un outil d’intervention pour le développement territorial? In. ISDA 2010, Montpellier, jun. 2010.

FRIEDMANN, Harriet. The Political Economy of Food: The Rise and Fall of the Postwar International Food Order. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 88, p. S248-S286, 1982.

FRIEDMANN, Harriet.; MCMICHAEL, Philip. Agriculture and the State System: The Rise and Decline of National Agriculture, 1870 to the present. *Sociologia Ruralis*, v. XXIX, n. 2, p. 93-117, 1989.

GAZOLLA, Marcio. Redefinindo as agroindústrias no Brasil: uma conceituação baseada em suas “condições alargadas” de reprodução social. *Revista Ideas*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 62-95, 2013.

GIACOMINI, Corrado; MANCINI, Maria Cecilia. Organisation as a key fator in Localised Agri-Food Systems (LAFS). In: *Bio-based and Applied Economics*, v. 4, n. 1. Firenze, 2015.

GIS SYAL, Presentación. In: I COLLOQUE INTERNATIONAL SYAL: PRODUITS, ENTREPRISES ET DYNAMIQUES LOCALES, 2002, Montpellier. **Anais...** Disponível em: <http://syal.agropolis.fr/france/publications-resources/item/les-systemes-agroalimentaires-localises-produits-entreprises-et-dynamiques-locales?category_id=14>. Acesso em 09 jan. 2018.

GIS SYAL, Summaries. In: I CONGRESO INTERNACIONAL AGROINDUSTRIA RURAL Y TERRITORIO, 2004, Toluca. **Anais...** Disponível em: <<http://syal.agropolis.fr/publications-resources/item/congreso-international-agroindustria-rural-y-territorio>>. Acesso em 09 jan. 2018.

GIS SYAL. **Bilan du Groupement d’Intérêt Scientifique Systèmes Agroalimentaires Localisés**. 2009. Coordenado por José Muchnik. Disponível em: <<http://syal.agropolis.fr/publications-resources/item/les-activites-du-gis-syal-france-2001-2007>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERACIÓN PARA LA AGRICULTURA (IICA). *Sistemas Agroalimentarios Localizados (SIAL), una nueva visión de gestión territorial en América Latina: experiencias en territorios de Argentina, Costa Rica, Ecuador y México*. México, 2013. Disponível em: <<http://repiica.iica.int/docs/B3243e/B3243e.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

INTA (Argentina). **Resultados del Congreso ALFATER 2008**. 2008. Disponível em: <<http://anterior.inta.gov.ar/f/?url=http://anterior.inta.gov.ar/balcarce/alfater2008/index.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KINGDON, John W. Juntando as coisas. In: SARAVIA, Enrique e FERRAREZI, Elisabete (org.). **Políticas públicas: coletânea**. Brasília: ENAP, 2006. V. 1. p. 225-245.

LA NUEVA (Bahía Blanca). **Congreso de la Red SIAL**. 2008. Disponível em: <<http://www.lanueva.com/nota/2008-10-25-10-0-0-congreso-de-la-red-sial>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LÉVESQUE, B., KLEIN, J.L., FONTAN, J.M. Les systèmes industriels localisés: état de la recherche. UQAM, Montreal, 1998. Disponível em: <http://www.ond.uqam.ca/publications/telechargements/sysindus.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

LINS, H. N.. Sistemas agroalimentares localizados: possível chave de leitura sobre a maricultura em Santa Catarina. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 44, n.2, p. 313-330, 2006.

MACÍAS, Adolfo Álvarez et al (Ed.). **Agroindustria rural y territorio**: Los desafíos de los sistemas agroalimentarios localizados. Toluca: Uaem, 2006.

MACÍAS, Adolfo Álvarez et al (Ed.). **Agroindustria rural y territorio**: Nuevas tendencias en el análisis de la lechería. Toluca: Uaem, 2007.

MALUF, Renato Sergio. Mercados agroalimentares e agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. *Revista Ensaios FEE*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, pp. 299-322, 2004.

MASCARENHAS, Gilberto C. C. O movimento do Comércio Justo e Solidário no Brasil: entre a solidariedade e o mercado. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MASCARENHAS, Gilberto C. C.; BERNARDES, Ricardo M. A (r)evolução dos cafés: o resgate da qualidade a partir das origens. In: WILKINSON, John; NIERDELE, Paulo A.;

MASCARENHAS, Gilberto C. C. O sabor da origem: produtos territorializados na nova dinâmica dos mercados alimentares. Porto Alegre: Escritos do Brasil, 2016.

MATTE, Alessandra et al. MERCADO DE CADEIAS CURTAS NA PECUÁRIA FAMILIAR:: UM PROCESSO DE RELOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO ALTO CAMAQUÃ NO RIO GRANDE DO SUL/BRASIL. **Redes: Revista do Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 3, p.137-158, 2016.

MIOR, L. C.; WILKINSON, J. Setor Informal, produção familiar e pequena Agroindústria: Interfaces. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, nº 13, 1999.

MIOR, Luis Carlos. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. Colóquio Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável. Florianópolis/SC, 20p., 22 a 25 de agosto de 2007.

MOITY-MAÏZI, Pascale et al (Ed.). **Systèmes agroalimentaires localisés: Terroirs, savoir-faire, innovations**. Paris: Inra, 2001. 216 p.

MORAES, Jorge Luiz Amaral De. O papel dos Sistemas e Cadeias Agroalimentares e Agroindustriais na formação das aglomerações produtivas dos territórios rurais. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 10, n. 1, p. 71-97, jan./jul. 2013.

MORAES, Jorge Luiz Amaral De. O papel dos Sistemas e Cadeias Agroalimentares e Agroindustriais na formação das aglomerações produtivas dos territórios rurais. *Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 10, n. 1, p. 71-97, jan./jul. 2013.

MUCHNIK, José. **L'artisanat Alimentaire Au Benin**. 1991. Disponível em: <<https://agritrop.cirad.fr/582073/1/ID582073.pdf>>. Acesso em 03 jan. 2018.

MUCHNIK, José. **Sistemas Agroalimentares Localizados**: Conferencia de Abertura. Baeza: Congreso Internacional Alimentación y Territorios, 2006. 15 slides, color.

MUCHNIK, José et al. Systèmes Agroalimentaires Localisés. **Economies et Sociétés**, Paris, n. 29, p.1465-1484, set. 2007.

MUCHNIK, José; CAÑADA, Javier Sanz; SALCIDO, Gerardo Torres. Systèmes agroalimentaires localisés: état des recherches et perspectives. *Cahiers agricultures*, v. 17, n. 6, p. 513-519, nov./dez. 2008.

MUCHNIK, José; SAINTE-MARIE, Christine de. **Le Temps des SYAL: Techniques, Vivres et Territoires**. Versailles: Editions Quae, 2010a.

MUCHNIK, José; SAINTE-MARIE, Christine de. Les Syal: émergence d'un objet de recherche. In: MUCHNIK, José; SAINTE-MARIE, Christine de. **Le Temps des SYAL: Techniques, Vivres et Territoires**. Versailles: Editions Quae, 2010b. p. 13-29.

PECQUEUR, Bernard. A guinada territorial da economia global. *Política e Sociedade*, n. 14, p. 79-105, abr. 2009.

PIORE, M.; SABEL C. **The Second Industrial Divide**. New York: Basic Books, 1984.

POLANYI, Karl. El mercado em la teoría y la historia. In: POLANYI, Karl, ARENSBERG, Conrad M. e PEARSON, Harry W. (org.). *Comercio y mercado en los imperios antiguos*. Barcelona: Labor, 1976, p. 405-420.

REDE SIAL BRASIL. **Organização**. Disponível em: <<http://redesialbrasil.blogspot.com.br/p/organizacao.html>>. Acesso em 09 mai. 2018.

RED SIAL MÉXICO. Acerca de la Red Sial. Disponível em: <http://redsialmexico.com/a_sial.html>. Acesso em: 10 fev. 2018.

REQUIER-DESJARDINS, Denis. Sistemas Agroalimentares Localizados e Qualificação: Uma Relação Complexa. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 95-118, jul./dez. 2013.

REQUIER-DESJARDINS, Denis. La demanda: impacto sobre las dinámicas de desarrollo territorial de los Sial en América Latina. *Estudios Latinoamericanos*, Cidade do México, ano XXXI, n. 40, p. 75-94, jul./dez. 2017.

SALCIDO, Gerardo Torres. Apuntes sobre los Sistemas Agroalimentarios Localizados. Del Distrito Industrial al desarrollo territorial. *Estudios Latinoamericanos*, Cidade do México, ano XXXI, n. 40, p. 19-36, jul./dez. 2017.

SCHEJTMAN, Alexander e BERDEGUÉ, Julio. Desarrollo Territorial Rural. In ECHEVERIA, R. (ed.). *Desarrollo Territorial Rural en América Latina y el Caribe: Manejo Sostenible de Recursos Naturales, Acceso a Tierras y Finanzas Rurales*. Washington, D.C., BID, 2003.

TORRE, Andre; ZIMMERMANN, Jean-Benoît. Des clusters aux écosystèmes industriels locaux. *Revue d'économie industrielle*, n. 152, v. 4, 2015.

TREILLON, Roland. **L'innovation technologique dans les pays du sud: le cas de l'agro-alimentaire**. Paris: KARTHALA, 1992.

VI CONGRES International SYAL: Les Systèmes agro-alimentaires localisés face aux opportunités et aux défis du nouveau contexte mondial. Les Systèmes agro-alimentaires localisés face aux opportunités et aux défis du nouveau contexte mondial. 2013. Disponível em: <https://www.pp-al.org/content/download/4553/33960/version/1/file/2013+Programme_Taller+SYAL.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2018.

WILKINSON, John. Global values chains and networks in dialogue with consumption and social movements. **Int. J. Technological Learning, Innovation and Development**, v. 1, n. 4, p. 536-550, 2008.

WILKINSON, John. Recognition and Redistribution in the Renegotiation of Rural Space: The Dynamics of Aesthetic and Ethical Critiques. In: GOODMAN, Michael K.; GOODMAN, David; REDCLIFT, Michael. Consuming space: placing consumption in perspective. New York: Routledge, 2016.

WILKINSON, John. Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: inputs para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. *Revista Ensaios. Fundação de Economia e Estatística (FEE)*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805–825, 2002.

ANEXO A – COMITÊS ORGANIZADORES E CIENTÍFICOS DOS CONGRESSOS SIAL

I Congresso SIAL	
Pesquisador(a)	Instituição
<i>Comitê Científico</i>	
Dorothy Mc Cormick	Universidade de Nairobi, Quênia
Colette Fourcade	Universidade de Montpellier I, França
Pascale Maïzi	CNEARC, Montpellier, França
Cécile Raud	Universidade Santa Catarina, Brasil
Didier Chabrol	Agropolis Museum, Montpellier, França
Rupert Best	Centro Internacional de Agricultura Tropical, Cali, Colômbia
Christian Bourdel	Agropolis Museum, Montpellier, França
François Casabianca	INRA-SAD, Cortez, França
Bernard Charlery	Universidade de Le Mirail, Toulouse, França
Claude Courlet	Universidade de Grenoble II, França
Benoit Daviron	CIRAD, Montpellier, França
Fabrice Dreyfus	INRA SAD, Montpellier, França
Corrado Giacomini	Universidade de Parma, Itália
Didier Majou	ACTIA, Paris, França
José Muchnik	INRA-SAD, Montpellier, França
Dominique Nicolas	CIRAD, Montpellier, França
Mathurin Coffi Nago	Universidade de Benin
Francesco S Parellada	Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, Espanha
Bernard Pecqueur	Universidade de Grenoble II, França
Denis Requier-Desjardins	Universidade de Versalhes-Saint Quentin, França
Denis Sautier	CIRAD, Montpellier
Hubert Schmitz	Brighton Institute, Inglaterra
André Torre	INRA Ina-PG, Paris, França
Roland Treillon	ENSIA, Massy, França
Guy Vignals	Aria Languedoc-Roussillon, Montpellier, França

II Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
Denis Requier-Desjardins (Presidente)	Director C3ED, França
Adolfo Álvarez Macías (Secretário)	UAM Xochimilco, México
Carlos Arriaga Jordan	UAEM – México
Rafael Etcheverry	IICA – México
Elvira Abian	U. de Merida – Venezuela
Ana Victoria Román	INCAP – Guatemala
Absalon Machado	Universidad Nacional de Bogotá, Colombia
Fernando Cervantes Escoto	CIESTAM – UACH, México
Angélica Espinoza Ortega	CICA – UAEM, México
Michael Weber	Michigan State University, EUA
Florence Tartanac	FAO – RLC, Chile
Guillermo Hang	Universidad de la Plata – Argentina
Bernard Pecqueur,.	Universidad de Grenoble – França
Thierry Linck	INRA Toulouse – França
Jose Muchnik	GIS SYAL – França
Francois Boucher	CIRAD TERA – França
<i>Comitê Organizador</i>	
Angélica Espinoza Ortega (Presidente)	CICA-UAEM, México
Adolfo Álvarez Macías	UAM Xochimilco, México
Clara Verónica Loza Arvizu	UAM Xochimilco, México
Fernando Cervantes Escoto	CIESTAAM-UACH, México
Edgar Ezel Mora Blancas	REDAR, México
Octavio Castellán Ortega	CICA-UAEM; México
Edgardo Moscardi	IICA, México
Francois Boucher	CIRAD TERA, França
Hernando Riveros	IICA/PRODAR, Perú
José Muchnik	GIS SYAL, França

III Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
José Muchnik (Coord.)	GIS SYAL, SIAL/INRA, Montpellier
Javier Sanz Cañada (Coord.)	CSIC, IEG Madrid
Gerardo Torres Salcido (Coord.)	U. Nacional Autónoma de México, CEIICH
José Manuel Duque García (Sec. Tec.)	CSIC, IEG Madrid
Adolfo Alvarez Macías	UAM-X, Ciudad de México
Theodosia Anthopoulou	U. Panteion, Atenas
Jesús Barreiro Hurlé	IFAPA, Granada
Rupert Best	Global Forum on Agricultural Research, Roma
François Boucher	CIRAD, IICA-PRODAR, Ciudad de México
François Casabianca	INRA, Corte, Córcega
Thierry Link	INRA, Corte, Córcega
Ricardo Méndez Gutiérrez del Valle	CSIC, IEG Madrid
Eduardo Moyano Estrada	CSIC, IESA Córdoba
Tad Mutersbaugh	Kentucky University, Lexington
Luigi Omodei Zorini	U. degli studi di Firenze
Marie Christine Renard	U. de Chapingo, Estado de México
Denis Requier-Desjardins	U. de Versailles St. Quentin
Denis Sautier	CIRAD, Montpellier
Sergio Sepúlveda	IICA, Sede Central, San José de Costa Rica
Florence Tartanac	FAO, Roma
Maria-Manuel Valagão	IPIMAR, Lisboa
Irene Velarde	U. Nacional de la Plata, Buenos Aires
<i>Comitê Organizador</i>	
Jesús Barreiro Hurlé (Coord.)	IFAPA, Granada
Manuel Parras Rosa (Coord.)	Consejo Económico y Social de la Provincia de Jaén y U. de Jaén
Encarnación Aguilar Criado	U. de Sevilla
Francisco Alburquerque Llorens	CSIC, IEG Madrid

María Alcázar Cruz Rodríguez	UNIA
Consuelo del Canto Fresno	U. Complutense de Madrid
Manuel David García Brenes	U. de Sevilla
Pascale Lajous	GIS SYAL et CIRAD, Montpellier
Carmen López Campos	IICA, Madrid
Carmen Lozano Cabedo	U. de Sevilla
José Muchnik	GIS SYAL et INRA, Montpellier
Luis Pérez y Pérez	CITA, Zaragoza
Susana Ramírez García	U. Complutense de Madrid
Hernando Riveros	IICA, Lima – PRODAR
Pedro Ruiz Avilés	IFAPA, Córdoba
Javier Sanz Cañada	CSIC, IEG Madrid
Gerardo Torres Salcido	U. Nacional Autónoma de México, CEIICH

IV Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
Roberto Bustos (Coord.)	Universidad Nacional del Sur, Argentina
Julio Elverdín (Coord.)	FCA– NMdP/EEA Balcarce – INTA, Argentina
José Muchnik (Coord.)	GIS SYAL / INRA, França
Irene Velarde (Coord.)	Universidad Nacional de la Plata, Argentina
Elvira Ablan	Universidad de los Andes, Venezuela
Christophe Albaladejo	INRA-SAD / IRD, França
Francisco Albuquerque Llorens	CSIC, IEG, Espanha
Theodosia Anthopoulou	Universidad Panteion, Grecia
Jesús Barreiro Huele	IFAPA, CICE, Junta de Andalucía, España
Jim Bingen	MSU, Michigan State University, EUA
Adriana Bocco	CONICET, Universidad Nacional de Cuyo e INTA, Argentina
François Boucher	CIRAD / IICA-PRODAR, México
Susana Brieva	U. Nacional de Mar del Plata, Argentina
Roberto Cittadini	INTA, Argentina
Angélica Espinoza Ortega	UAEM, México
Graciela Ghezan	INTA/UNMdP, Argentina
Corrado Giacomini	Universidad de Parma, Itália
Sara Beatriz Guardia	Antropóloga, historiadora, Perú
Tad Mutersbaugh	Universidad de Kentucky, Lexington, USA
Guillermo Neimann	CONICET, CEIL, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Denis Requier-Desjardins	U. de Versalhes St. Quentin, França
Gonzalo Rodríguez Borray	CORPOICA, Colômbia
Javier Sanz Cañada	CSIC, IEG, Espanha
Denis Sautier	CIRAD, França
Florence Tartanac	FAO, Itália
Gerardo Torres Salcido	UAM, México

Angela Tregear	Universidad de Edinburgo, Inglaterra
Maria-Manuel Valagão	INRB, Lisboa, Portugal
Iran Veiga	Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil
<i>Comité Organizador</i>	
Julio Elverdín (Coord.)	FCA – UNMdP / EEA Balcarce – INTA, Argentina
Pascale Lajous (Coord.)	GIS SYAL / CIRAD, França
Andrea Maggio (Coord.)	CIPAF, INTA, Argentina
Ana María Acuña	FCA – UNMdP / EEA Balcarce – INTA, Argentina
Maria Laura Cendón	EEA Bordenave, INTA, Argentina
Marcelo Champredonde	EEA Bordenave, INTA, Argentina
Esteban Galassi	Universidad Nacional del Sur, Argentina
Liliana Iriarte	FCA – UNMdP / EEA Balcarce – INTA, Argentina
Mónica Mateos	INTA, Argentina
Giselle Merchante	INTA, Argentina
Mirna Mosciaro	FCA – UNMdP / EEA Balcarce – INTA, Argentina
Paula Natinzon	INTA, Argentina
Claudia Palioff	INTA, Argentina
Raul Pérez	CIPAF, IPAF Pampeano, INTA, Argentina
Mariela Piñero	Conicet y Laboratorio Agriterris. Argentina
Hernando Riveros	IICA-PRODAR, Perú
Florencia Román	IICA, Argentina
Héctor Varela	PNTER, INTA, Argentina

V Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
Luis Miguel Albisu	CPTA Aragão, Espanha
Gilles Allaire,	INRA, França
Theodosia Anthopoulou	Universidade de Atenas, Grécia
Arfini Filippo Arfini	Universidade de Parma, Itália
Dominique Barjolle	AGRIDEA, Suíça
Giovanni Belletti	Universidade de Florença, Itália
Jim Bingen Community	Universidade do Estado de Michigan, EUA
François Casabianca	INRA, França
Arturo Christovao	U. Alto Douro, Portugal
Christian Fischer	U. Massey, Nova Zelândia
Melanie Fritzt	U. Boon, Alemanha
Corrado Giacomini	U. Parma, Itália
George Giraud	Enita Clermont-Ferrand, França
Monika Hartmann	U. Boon, Alemanha
Marescotti Andrea	U. Florença, Itália
José Muchnik	ERG SYAL / INRA, França
Nouhine Papa Nouhine	DIEYE/ISRA, Senegal
Javier Sanz Cañada	CSIS, Espanha
Denis Sautier	CIRAD, França
Florence Tartanac	FAO, Itália
Gerardo Torres Salcido	CEIICH/UNAM, México
Dao The Anh	CASRAD, Vietnam
Irene Velarde	U. La Plata, Argentina
John Wilkinson	UFRRJ, Brasil
<i>Comitê Organizador</i>	
Filippo Arfini	Universidade de Parma, Itália
Michele Donati	Universidade de Parma, Itália
Davide Menozzi	Universidade de Parma, Itália
Pascale Lajous	GIS SYAL, França
Hernando Riveros	IICA-PRODAR

VI Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
Ademir Cazella	UFSC, Brasil
Adriana Verdi	IEA/SP, Brasil
Alberto Baptista	U. Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Andrea Marescotti	U. Florença, Itália
Angelica Espinoza-Ortega	UAEM, México
Artur Fernando A. C. Cristovão	U. Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Bernard Pecqueur	U. Grenoble, França
Claire Cerdan	CIRAD – UMR Innovation, França
Claire Delfosse	U. Lyon 2, França
Claudia Ranaboldo	RIMISP, Bolívia
Clecio Azevedo	UFSC, Brasil
Clovis Dorigon	EPAGRI, Brasil
Corrado Giacomini	U. Parma, Itália
Denis RequierDesjardins	U. Toulouse, França
Denis Sautier	CIRAD – UMR Innovation, Vietnã
Dominique Barjolle	ETH REDD, Suíça
Elvira Ablan Bortone	U. de Los Andes, Venezuela
Eric Sabourin	CIRAD, Brasil
Fabiana Thomé da Cruz	UFRGS, Brasil
Fabio Burigo	UFSC, Brasil
Filippo Arfini	U. Parma, Itália
Florence Tartanac	FAO, Itália
François Boucher	CIRAD, IICA, México
François Casabianca	INRA, França
Geni Satiko Sato	IE/SP, Brasil
Gerardo Torres Salcido	UNAM, México
Giovanni Belletti	U. Florença, Itália
Hamiton Vieira	EPAGRI, Brasil
Hoyedo Lins	UFSC, Brasil
Irene Velarde	U. de La Plata, Argentina

Javier Sanz Cañada	CSIS, Espanha
Jean Louis Rastoin	Cátedra UNESCO, SupAGRO, França
Jean Marc Touzard	INRA-UMR Innovation, França
Jim Bingen	Michigan State U, EUA
John Wilkinson	UFRRJ, Brasil
José Muchnik	ERG SYAL, INRA, França
Luis Carlos Beduschi	USP, Brasil
Luis Carlos Mior	EPAGRI, Brasil
Lussandra Martins Gianasi	UFMG, Brasil
Marcelo Champreronde	INTA, Argentina
Maria Fonte	U. Napoli, Itália
Mauro de Bonis	UESC, Brasil
Octavio Sotomayor	CEPAL, Chile
Olivier Vilpoux	U. Católica Dom Bosco, Brasil
Oscar Rover	UFSC, Brasil
Paulina Rytkönen	Södertörn University, Suécia
Paulo Freire Vieira	UFSC, Brasil
Paulo Niederle	UFPR, Brasil
Pedro Guerra	UFSC, Brasil
Renata Menache	UFPEL, Brasil
Rubens Onofre Nodari	UFSC, Brasil
Sarah Bowen	U. North Carolina, EUA
Sergio Schneider	UFRGS, Brasil
Sonia Menezes	UFS, Brasil
Suzymari Specht	UFRGS, Brasil
Theodosia Antopoulou	U. Atenas, Grécia
<i>Comitê Organizador</i>	
Paulo Vieira	UFSC, Brasil
Hoyedo Lins	UFSC, Brasil
Claire Cerdan	CIRAD – UMR Innovation, França
Ademir Cazella	UFSC, Brasil
Rubens O. Nodari	UFSC, Brasil
François Boucher	CIRAD / IICA, México

Hernando Riveros	IICA, Argentina
Joaquín Gonzalez Cosiorovski	INTA, Argentina
Irene Velarde	U. de La Plata, Argentina
Luis Carlos Mior	Epagri, Brasil
Sergio Pinheiro	Epagri, Brasil
Maria Célia Martins Souza	IEA/SP, Brasil
Lussandra Martins Gianasi,	UFMG, Brasil
Mikael Linder	USP, Brasil
Paulo Nierdele	UFPR, Brasil
Sonia Menezes	UFS, Brasil
Mariana Aquilante Policarpo	UFSC, Brasil
Nadine Kelemen	CIRAD – UMR Innovation, França
Suzeli Simon	UFSC, Brasil
Philippe Radigon	CIRAD

VII Congresso SIAL	
Pesquisador	Instituição/País
<i>Comitê Científico</i>	
Paulina Rytkönen (Presidente)	Universidade Södertörn, Suécia
Dominique Barjolle	Instituto Suíço de Agricultura Orgânica, Suíça
Giovanni Belletti	Universidade de Florença, Itália
Claire Cerdan	CIRAD, França
Artur Cristovao	U. Tras-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Francois Casabianca	INRA, França
Javier Sanz Canada	Centro de Ciências Humanas e Sociais, Espanha
Marcelo Champredonde	INTA, Argentina
Paulo Viera	Universidade de Santa Catarina, Brazil

ANEXO B – COMITÊS CIENTÍFICOS CONGRESSOS SIAL – PESQUISADORES PRESENTES EM MAIS DE UM

2002	2004	2006	2008	2010	2013	2016	2018
-	Adolfo Álvarez Macías	Adolfo Alvarez Macías	-	-	-	-	-
-	-	-	-	Andrea Marescotti	Andrea Marescotti	-	-
-	Angélica Espinoza Ortega	-	Angélica Espinoza Ortega	-	Angelica Espinoza-Ortega	-	Angélica Espinoza
-	-	-	-	Arturo Christovao	Artur F. A. C. Cristovão	Artur Cristovao	-
Bernard Pecqueur	Bernard Pecqueur	-	-	-	Bernard Pecqueur	-	-
-	-	-	-	-	Claire Cerdan	Claire Cerdan	-
-	-	-	-	-	Claudia Ranaboldo	-	Claudia Ranaboldo
-	-	-	Corrado Giacomini	Corrado Giacomini	Corrado Giacomini	-	-
Denis Requier-Desjardins	Denis Requier-Desjardins	Denis Requier-Desjardins	Denis Requier-Desjardins	-	Denis Requier Desjardins	-	-
Denis Sautier	-	Denis Sautier	Denis Sautier	Denis Sautier	Denis Sautier	-	Denis Sautier
-	-	-	-	Dominique Barjolle	Dominique Barjolle	Dominique Barjolle	-
-	-	-	-	Filippo Arfini	Filippo Arfini	-	-
-	Florence Tartanac	Florence Tartanac	Florence Tartanac	Florence Tartanac	Florence Tartanac	-	-
-	Francois Boucher	François Boucher	François Boucher	-	François Boucher	-	François Boucher
François Casabianca	-	François Casabianca	-	François Casabianca	François Casabianca	Francois Casabianca	François Casabianca
-	-	Gerardo Torres Salcido	Gerardo Torres Salcido	Gerardo Torres Salcido	Gerardo Torres Salcido	-	Gerardo Salcido
-	-	-	-	Giovanni Belletti	Giovanni Belletti	Giovanni Belletti	Giovanni Belletti
-	-	-	Gonzalo Rodríguez Borray	-	-	-	Gonzalo Rodríguez-Borray
-	-	Irene Velarde	Irene Velarde (Coord.)	Irene Velarde	Irene Velarde	-	Irene Velarde
-	-	Javier Sanz Cañada	Javier Sanz Cañada	Javier Sanz Cañada	Javier Sanz Cañada	Javier Sanz Canada	Javier Sanz
-	-	-	Jim Bingen	Jim Bingen	Jim Bingen	-	-
-	-	-	-	John Wilkinson	John Wilkinson	-	-
José Muchnik	Jose Muchnik	José Muchnik (Coord.)	José Muchnik (Coord.)	José Muchnik	José Muchnik	-	-
-	-	-	-	-	Marcelo Champredonde	Marcelo Champredonde	Marcelo Champredonde
-	-	Maria-Manuel Valagão	Maria-Manuel Valagão	-	-	-	-
-	-	-	-	-	Paulina Rytönen	Paulina Rytönen	-
-	-	-	-	-	Paulo Vieira	Paulo Viera	-
Rupert Best	-	Rupert Best	-	-	-	-	-
-	-	Tad Mutersbaugh	Tad Mutersbaugh	-	-	-	-
-	-	Theodosia Anthopoulou	Theodosia Anthopoulou	Theodosia Anthopoulou	Theodosia Antopoulou	-	-
-	Thierry Linck	Thierry Link	-	-	-	-	-

ANEXO C – AUTORES E ARTIGOS APRESENTADOS NOS CONGRESSOS SIAL

I CONGRESSO SIAL – 2002

Autor(es)	Artigo	Mencion a SIAL?	Região
<i>EIXO 1.1</i>			
F. FORT, J.-L. RASTOIN, L. TEMRI	Les sources de production d’innovations en PME/TPE agroalimentaires.	N	ND
M. FILIPPI, A. TORRE	Organisations et institutions locales : comment activer la proximité géographique par des projets collectifs ?	N	ND
J.-M. TOUZARD	L’innovation comme interaction interne et externe aux entreprises : l’exemple des coopératives viticoles du Languedoc Roussillon	N	EUR
R. NDJOUENKEU, E. NGAH, A. NDIH, C. CERDAN	La production de kilishi à Ngaoundere (Nord Cameroun) : caractéristiques techniques, organisation et opportunités d’innovation	N	AFR
T. VINCENT, L. BOSSUET, M. FILIPPI, P. TRIBOULET	L’organisation de la filière gras dans le Sud-Ouest : comment les acteurs mobilisent-ils les signes de qualité pour valoriser leurs productions ?	N	ND
M. KOUSSOU, G. DUTEURTRE	Les facteurs de compétitivité de la filière porcine dans le bassin du Logone	N	EUR
M.-A. FILIPPA	Formation et transformation des systèmes productifs locaux : les spécificités des filières agroalimentaires	S	ND

R. BUSTOS CARA	Crisis y procesos de innovación adaptiva en sistemas productivos locales (Argentina)	N	ALC
L. AISSA	Le rôle du réseau d'acteurs locaux dans la réussite du technopôle agroalimentaire de Bizerte (Tunisie) : pour un meilleur développement du secteur.	N	AFR
K. SOKONA, A. TANDIA, A.-S. FALL, O. GUEYE, M. BA, C. BROUTIN	Les performances d'un système « micro et petites entreprises agroalimentaires » dans la connexion entre la production agricole et les marchés de consommation urbains : le cas des petites entreprises de transformation de céréales locales au Sénégal.	N	AFR
N. SANDOVAL SIERRA	Sistema Agroalimentario Localizado de producción de almidón agrio de yuca en el departamento del cauca - Colombia	S	ALC
F. GALTIER, F. BOUSQUET, M. ANTONA, P. BOMMEL	Les marchés comme systèmes de communication : une évaluation de la performance de différentes institutions de marché à l'aide de simulations informatiques	N	ND
J.-M. KALMS, F. KILCHER	Rôle des réseaux d'acteurs locaux dans la mutation des principales filières agroalimentaires en situation insulaire post réforme foncière à Sao Tomé et Príncipe	N	AFR
F. FORT, H. REMAUD	Le processus de mondialisation dans la valorisation : des produits agroalimentaires à travers le concept de terroir, contrainte ou opportunité	N	ND
M. PERNOT DU BREUIL	Un nouveau mode d'accès au marché, plus sécurisant et rémunérateur pour les petits producteurs : l'expérience CIDR de promotion d'entreprises de services aux organisations de producteurs	N	ND
S. FOURNIER, D. REQUIER-DESJARDINS	Les relations horizontales au sein des systèmes agroalimentaires localisés : un état de la question ; études de cas au Bénin	S	AFR
EIXO 1.2			

F.-X. PAUNERO AMIGO	Innovación empresarial y territorio : el sal — sistema agroindustrial localizado — en el Nordeste de Cataluña	N	EUR
J.S.B. CAVALCANTI, D.M. MOTA, P.C.G. SILVA	Nuevas dinámicas global/local : empresas, agricultores familiares e trabajadores en los nuevos contextos de frutas tropicales	N	ND
S. O'REILLY, M. HAINES	The establishment, evolution and performance of a food SME Network : the case of «Saveur des Pyrénées»	N	EUR
M. CASCANTE SANCHEZ	Conglomeration of traditional cheese making industries in the surroundings of Turrialba volcano in Costa Rica	N	ALC
S. MENDONÇA MENEZES	Fabriques de fromage et développement du territoire du système agroalimentaire de Sergipe	S	ALC
R. POCCARD-CHAPUIS, M-G. PIKETTY, J. VEIGA, N. HOSTIOU, J-F. TOURRAND	Milk production, regional development and sustainability in the Eastern Brazilian Amazon	N	ALC
D. McCORMICK, W. MITULLAH	Institutional response to global perch markets : the case of Lake Victoria fish cluster.	N	AFR
M.-C. RANGEL	La agroindustria del bocadillo en la provincia de Velez, en el departamento de Santander, Colombia : rol de las redes de actores en los procesos de crecimiento de la agroindustria y en los procesos de innovación	N	ALC
L. GONZÁLEZ	Salinas, una economía solidaria : un futuro prometedor ?	N	ALC
A. JUSSAUME, S. KAZUKO	Local food systems in an industrialized agricultural setting: evidence from the United States	S	AMN

C.-J. VAN ROOYEN, F. MAVHANDU, W. ANSEEUW, L. D'HAESE	Describing the informal agricultural business sector : case study on the flower, fruit and vegetable trade in South Africa	N	AFR
G. HENRY, B. REYDON, H. ESCOBAR	Sustainable and equitable forest product valorization: organizing an integrated supply chain in Acre, Brazil	N	ALC
D. PETERS, C. WHEATLEY, G. PRAIN, J. SLAATS, R. BEST	Improving agro-enterprise clusters : root crop processing and piglet production clusters in peri-urban Hanoi	N	ASI
A. ARRIGHETTI, M.-C. MANCINI	Intermediate institutions and local development : the Parmigiano Reggiano case	N	EUR
<i>EIXO 2</i>			
J.-A. PROST, R. BOUCHE, F. CASABIANCA	Des stratégies d'exclusivité à la certification de produits agroalimentaires de Corse : éléments d'analyse de l'apprentissage des différentes étapes de qualification	N	EUR
B. DECAZY	En Equateur, les paysans améliorent leurs revenus en produisant un cacao de qualité	N	ALC
B. DUBEUF, J.-M. SORBA	La qualification locale des productions patrimoniales : Un dialogue entre pratiques productives et usages locaux de consommation	N	ND
G. DESPLOBINS	Des outils de reconnaissance pour les producteurs brésiliens : le « Selo de Qualidade Vinho Niagara do Santa Catarina	N	ALC
B. VU TRONG, F. CASABIANCA	La construction d'un cahier des charges de production, un outil d'organisation des producteurs pour s'insérer dans la filière : une démarche de recherche-intervention participative pour la mise en place d'actions collectives	N	ND

N. GASMI, G. GROLLEAU	Economie de l'information versus Economie de l'attention ? Une application aux labels agro-alimentaires	N	ND
G. SARTER	« Beldi » versus « Roumi » : appréciation des viandes de poulet au Maroc	N	AFR
A. GONZALEZ, T. LINCK	El mercado de los valores éticos. Solidaridad y dispositivos de exclusión	N	ND
A. DEBERDT, G. ROCHE	Cacao biologique et coordination des acteurs : organisation des filières en Equateur et au Vanuatu	N	ALC OCE
D. BARJOLLE, E. THÉVENOD-MOTTET	Ancrage territorial des systèmes de production : le cas des Appellations d'Origine Contrôlée	N	EUR
D. PALLET	Perspectives de valorisation des fruits amazoniens issus de l'extractivisme	N	ALC
C. DE SAINTE MARIE, D. AGOSTINI D., J.-A. PROST, F. CASABIANCA	L'Indication Géographique Protégée : point de départ de la requalification de la Clémentine de Corse	N	EUR
N. ZAKHIA, A. FERNANDEZ R. RUIZ, J. TRUJILLO	L'amidon aigre de manioc en Colombie : un produit de l'agroindustrie rurale au Nord du département du Cauca : système agroalimentaire localisé ou non ?	S	ALC
I. NASCIMENTO DO, E. SANTOS SILVA, F. FERREIRA FELIX, C.-A. SOUSA TORRES, S. MENDONÇA MENEZES	Diagnosis of the existing relations in the productive chain of the milk and the conditions of processing of its derivatives in the semi-arid Sergipana region, Brasil.	N	ALC

A. AKA, E. CHEYNS, N. BRICAS	Des circuits courts et des réseaux sociaux : la proximité pour qualifier un produit territorial, l'huile rouge en Côte d'Ivoire	N	AFR
J.-A. PROST, F. CASABIANCA	Origine et Qualité des charcuteries de Corse : une approche des enjeux par les articulations entre AOP et IGP	N	EUR
F. BOUCHER, D. REQUIER-DESJARDINS	La concentration des fromageries rurales de Cajamarca : enjeux et difficultés d'une stratégie collective d'activation liée à la qualité	N	ALC
C. CERDAN, D. SAUTIER	Construction territoriale de la qualité des produits de l'élevage dans le Nordeste brésilien	N	ALC
EIXO 3			
P. MOITY-MAÏZI, J. MUCHNIK	Diffusion de savoir-faire et localisation des activités : questions pour une «anthropologie appliquée	N	ND
N. TRIFT, R. BOUCHE, F. CASABIANCA	Objets de confrontation et confrontation d'objets : exploration des savoir-faire de découpe en viande bovine	N	ND
J. NORONHA, M. MALTA	Negotiating HACCP practices in the dairy sector in Portugal : setting up a common language among actors.	N	EUR
G. ALLAIRE, P. ASSENS	Coopération et territoire : le cas des Coopératives d'Utilisation de Matériel Agricole	N	EUR
P. ALBERT, M. MARTIN, C. TANGUY	Les compétences pour innover dans les PME agroalimentaires : gestion des savoirs et insertion dans des réseaux	N	ND
Y. CHIFFOLEAU, F. DREYFUS, J. EWERT	Compétences, main d'oeuvre et qualité en coopérative viticole : l'exemple des fermes sud-africaines	N	AFR
A. GONZALEZ DIEZ, A. MAGGIO	Innovation rurale et organisations de producteurs : évaluation des interventions de l'INTA auprès des minifundistes argentins	N	ALC

M-C. GONZALEZ ROJAS	Sistema agroalimentario localizado de trapiches paneleros en Santander de Quilichao — Departamento del Cauca — Colombia	S	ALC
S. VIDAL	Agroempresas procesadoras de yuca del canton Portoviejo : algunos aportes de la cultura y las ciencias sociales al desarrollo productivo	N	ALC
J.-S. THOMSON, A.-N. MARETZKI	Community dialogue to facilitate public policy education on food system issues at the community level	N	ND
L. LOPES	Attempt to recovery rural identity through self-esteem, participatory processes, seeds, food and agricultural work at the public school in Alto Paraíso-Goiás, Brazil	N	ALC
A. GUIDI, R. ESPRELLA, J. AGUILERA, A. DEVAUX	Análisis prospectivo de la cadena agroalimentaria del Chuño y la Tunta en el Altiplano Central de Bolivia	N	ALC
V.-C. VÁSQUEZ BOCANEGRA, M. CORTES- NOH, J.-A. MONROY- RIVERA	Las tortillas Tlayudas del estado de Oaxaca, Mexico	N	ALC
M. LEUSIE	Signes de qualité, dynamique de filière et développement territorial	N	ND
EIXO 4			
S. FORSMAN, J. PAANANEN	Local Food Systems : explorative findings from Finland	S	EUR
M. DEDEIRE	Informations, perceptions et connaissances dans les agricultures se référant à l'origine géographique	N	ND
M-F. GARCIA-PARPET	Pratiques marchandes et construction identitaire, le Salon des vins de Loire	N	EUR

E. VANDECANDELAERE	Les « Routes des Vins » : des réseaux territoriaux pour valoriser le vin au travers de son territoire : les cas du Languedoc Roussillon, de Mendoza et du Western Cape	N	EUR
F. ARFINI, E. BERTOLI, M. DONATI	The wine routes, analysis of a rural development tool	N	ND
L. LAURENS	L'aligot de l'Aubrac ou quand le patrimoine s'associe avec une volonté de développement local	N	EUR
E. DIMOPOULOU	Patrimoine insulaire et représentations locales : le cas du paysage rural dans l'île de Céphalonie (Grèce)	N	EUR
L. BERARD, P. MARCHENAY	Un exemple de « non patrimonialisation » : la carpe en Dombes	N	EUR
M.-L. GUTIERREZ, D. JUHE-BEAULATON	Histoire du parc à Néré (Parkia biglobosa Jacqu. Benth.) sur le plateau d'Abomey (Bénin) ; de sa conservation pour la production et la commercialisation d'un condiment, l'afitin.	N	AFR
V. AMILIEN, A. HEGNES	The cultural smell of fermented fish, a view of the evolution of a local product in Norway	N	EUR
H. TABUNA	Le développement du marché européen des aliments ethniques de masse : une voie pour la croissance de la demande des aliments africains en Europe et le développement des petites entreprises agroalimentaires en Afrique subsaharienne	N	AFR
I. VELARDE, J.-J. GARAT, M. MARASAS, C. SEIBANE	Sistemas de producción locales en el Río de La Plata, Argentina : concertación de actores, diferenciación y valorización de productos típicos	N	ALC
C. WHYTE	Produits de qualité, territoires et développement durable : le cas de l'AGRECO, Santa Catarina, Brésil	N	ALC

A. SOURDRIL	Le cidre en Bretagne : constructions sociales d'un « produit du terroir ». Anthropologie des régions cidricoles : le « Bassin de Rennes » et la « Vallée de la Rance »	N	EUR
A. LUXEREAU	Diversité des produits de terroirs au Niger	N	AFR
EIXO 5			
A.A. MOTTER, M-L. CROCHEMORE	Certification des unités productives agricoles : proposition pour l'état du Paraná (Brésil)	N	ALC
G. BELLETTI, A. MARESCOTTI, S. SCARAMOZZI	Individual and collective levels in multifunctional agriculture	N	ND
G. RODRIGUEZ-BORRAY	La multifuncionalidad de los sistemas agroalimentarios locales : un análisis desde la perspectiva de tres casos en Colombia	S	ALC
R. LUNA	El estado mexicano y las políticas de patrimonialidad del tequila	N	ALC
B. DESPINEY, B. SZIMONIUK	From state-owned agricultural enterprises to rural clusters: the Polish Case	N	EUR
M. DIRVEN	Economic distance and clusters: a look at Latin America	N	ALC
K. SEETHARAMAN, A. MARETZKI, F. HIGDON, J. DUNN, J.-L. BROWN, M. BOGLE, D. MUKUNYA	Economic empowerment and nutritional enhancement through community. NutriBusiness initiatives	N	ND

M. AYOZ, M. FARES, Z. TASSOU	Capital social et efficacité des associations de commerçants dans le secteur des produits vivriers au Bénin	N	AFR
M.-F. MARTINS LORENA, O. SIMÕES	Le marché des appellations d'origine au Portugal : situation et perspectives	N	EUR
M. T. OYARZUN, F. TARTANAC, H. RIVEROS	Propuesta de un sello de calidad para productos de la pequeña agroindustria rural en América Latina	N	ALC
M. CHAMPREDONDE, F. CASABIANCA, N. TRIFT	Quelles échelles territoriales pour des politiques publiques favorisant la construction d'une qualification de l'origine ? Le cas des viandes bovines pampéennes en Argentine	N	ALC
V. NOBRE LAGES, L.-M. LAGARES	Proyecto vida rural sostenible	N	ND
B.-G. HOUNMENOU	Nouvelles politiques de développement local dans les pays en développement : cas du milieu au Bénin	N	AFR
L. JAROSZ	The political economy of place and territory in Local Agri-Food Networks	N	ND

II CONGRESSO SIAL – 2004

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
EIXO III			
ANDRIANANJA, Heriniaina	VALORISATION ECONOMIQUE ET GOUVERNANCE DURABLE DE RESSOURCES NATURELLES: LE CAS DE LA GESTION CONTRACTUALISEE DE LA STATION FORESTIERE DE MANJAKATOMPO (MADAGASCAR)	N	AFR
AYALA GARAY Alma Velia, SCHWENTESIUS RINDERMAN R. E., CERVANTES ESCOTO F.	LA PROBLEMÁTICA DE FRIJOL EN MÉXICO	N	ALC
BOUCHER François, SALAS CASASOLA Ina	LOS DESAFÍOS DE LA AGROINDUSTRIA RURAL FRENTE A LA GLOBALIZACIÓN	N	ND
CAMPEÃO Patricia	MODEL OF DEVELOPMENT OF LOCAL SYSTEMS COMPETITIVENESS IN AGRO INDUSTRIAL PRODUCTION	S	ND
CASCANTE SÁNCHEZ Maricela	EFFECTOS DE UN ESTUDIO SIAL: POTENCIALIDADES DE DESARROLLO Y MOVILIZACIÓN LOCAL.	S	ND
CRUZ QUEZADA Víctor	CARACTERIZACIÓN DE PRODUCTORES LECHEROS INTEGRADOS A CADENAS AGROINDUSTRIALES: ESTUDIO DE CASO EN ZUMPANGO, ESTADO DE MÉXICO”	N	ALC

FOURCADE Colette, PEREZ Roland	FIRMES AGRO-ALIMENTAIRES ET TERRITOIRES: CONFIGURATIONS, DYNAMIQUES, REGULATIONS REFLEXIONS A PARTIR D'EXPERIENCES FRANÇAISES RECENTES	N	ND
GASSAMA Ibrahima, HOUNMENOU Bernard	TOURISME DURABLE ET DEVELOPEMENT RURAL	N	ND
GUZMÁN-HERNÁNDEZ Edelmira, MANZO-RAMOS Fernando, DELGADO-WISE Raúl, MARTÍNEZ-SALDAÑA Tomás	ESTRATEGIAS DE ADECUACIÓN DEL SISTEMA DE PRODUCCIÓN DE QUESO AÑEJO A UN ESCENARIO DE GLOBALIZACIÓN (BINOMIO MIGRACIÓN-MERCADO NOSTÁLGICO). EL CASO DE LA LAGUNA GRANDE, MONTE ESCOBEDO, ZACATECAS.	N	ALC
HOUNMENOU G. Bernard	DYNAMIQUES DES ORGANISATIONS PAYSANNES ET DEVELOPPEMENT LOCAL AU BENIN	N	AFR
MACÍAS CUÉLLAR R. Angélica	LOS RETOS QUE ENFRENTA LA PRODUCCIÓN DIVERSIFICADA DE FRUTALES EN HUERTOS FAMILIARES DE LA COMUNIDAD DE COATLÁN DEL RÍO, MORELOS	N	ALC
MARASAS Mariana, THEILLER Mariela	LA VALORACIÓN DEL PAISAJE COMO ESTRATEGIA PARA EL DESARROLLO AGROINDUSTRIAL SUSTENTABLE EN LA COSTA DEL RÍO DE LA PLATA, PARTIDO DE BERISSO, BUENOS AIRES, ARGENTINA	N	ALC
MORA BLANCAS Edgar Ezel	DESARROLLO AGROINDUSTRIAL	N	ND
PIÑA ZAMBRANO Henri	EL CIRCUITO ZÁBILA (ALOE VERA) EN EL ESTADO FALCÓN, VENEZUELA	N	ALC

ROA Zulma del Pilar	ANÁLISIS DEL PAPEL DE LOS RECURSOS LOCALES Y LA TERRITORIALIDAD EN LA DISPOSICIÓN A PAGAR (DAP) DE LOS CONSUMIDORES POR PANELA ECOLÓGICA Y PULVERIZADA CONVENCIONAL	N	ALC
RODRÍGUEZ-BORRAY Gonzalo	LA MULTIFUNCIONALIDAD DE LOS SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALES EN ZONAS RURALES DE PAISES EN DESARROLLO: EL CASO DE LA AGROINDUSTRIA PANELERA COLOMBIANA	S	ALC
RODRÍGUEZ B. Gonzalo, RANGEL María Cristina	ESTUDIO DEL SISTEMA AGROALIMENTARIO LOCAL, SIAL, DE LA CONCENTRACIÓN DE FABRICAS DE BOCADILLO DE GUAYABA EN LAS PROVINCIAS DE VELEZ Y RICAURTE EN COLOMBIA	S	ALC
ROMANO Martín	ESTUDIO E INVENTARIO FORESTAL PARA EL MANEJO DE 2.500 HECTAREAS DE PROSOPIS ALBA EN LA REGION CHAQUEÑA SEMIARIDA-FORMOSA - REPUBLICA ARGENTINA	N	ALC
ROSENZWEIG Andrés, GONZÁLEZ Antero	ESTUDIO DE CASO COMERCIALIZACIÓN DE FRIJOL NEGRO JAMAPA EN NAYARIT: COOPERATIVA REYES SALAZAR S.C.L.	N	ALC
SANDOVAL Viviana, RUIZ Ricardo	LOS RECURSOS LOCALES: LA AGROINDUSTRIA RURAL DEL ALMIDÓN AGRIO DE YUCA EN EL DEPARTAMENTO DEL CAUCA, COLOMBIA	N	ALC
SORIANO R., L. ARIAS, O. BONILLA, H. LOSADA y J. RIVERA	PROGRAMA DE INVESTIGACIÓN-ACCIÓN EN LA MIXTECA BAJA OAXAQUEÑA COMO ESTRATEGIA PARA UN USO SUSTENTABLE DE LOS RECURSOS NATURALES.	N	ALC
TEJERINA GOMEZ, Antonio	TURCO: CAPITAL DE LOS CAMÉLIDOS DE BOLIVIA	N	ALC

VALENZUELA-ZAPATA, Ana G.; MARCHENAY, Philippe; FOROUGHBAKHCH, Rahim y BERARD, Laurence	CONSERVACIÓN DE LA DIVERSIDAD DE CULTIVOS EN LAS REGIONES CON INDICACIONES GEOGRÁFICAS : LOS EJEMPLOS DEL TEQUILA, MEZCAL Y CALVADOS	N	ALC
---	--	---	-----

III CONGRESSO SIAL – 2006

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
<i>EIXO 2</i>			
P. Tillie	Libéralisation des filières agricoles, territoires et SYAL : quelles implications pour la pauvreté rurale?	S	
G. Torres Salcido; M. del Roble Pensado Leglise	Los Mercados Públicos en la Ciudad de México. Su papel en la configuración de identidades territoriales y su relación con sistemas locales de producción	N	
Y. Chiffolleau; J. . Touzard	Interactions entre entrepreneurs et systèmes agroalimentaires localisés		
<i>EIXO 3</i>			
E. Ernesto Filippi	From the age of development through the new paradigms of rural development: localized roductive systems under the perspective of the 'substantive economy	N	ND
J. Arias; F. Calvani; H. Riveros	Metodología para la clasificación de cadenas agroproductivas según su potencial de desarrollo en un territorio: el caso de la cuenca Yacambú-Quibor en Venezuela	N	ALC
J. Muchnik	Sistemas agroalimentarios localizados: evolución del concepto y diversidad de situaciones	S	ND
A. Grijalva; H. Riveros	Desarrollo de una metodología para establecer prioridades en casos de intervención orientada a promover productos con identidad territorial. Validación en el caso de la Provincia de Cotopaxi, Ecuador	N	ALC
C. Fourcade	Des dynamiques de proximité innovantes: le cas des SYAL en France	S	EUR

M. W. Hamm	Strategies for localized sustainable food systems: the need for place-based development, values-based value chains and agricultural diversity.	S	ND
A. Solari Vicente	Redes empresariales y territorios en la agricultura de los Estados Unidos, 1990-2003	N	AMN
S. Scott	Agro-food system transitions, short food supply chains, and sustainability: implications for regional development Vietnam	S	ASI
J. Aparicio Amador; J. L. Sánchez Hernández; J. L. Alonso Santos; V. Rodero González	La Ribera del Duero, de un espacio de especialización productiva agraria a un medio innovador en torno a la vitivinicultura	N	EUR
C. del Canto Fresno; M ^a C. Carrera Sánchez; R. Mecha López; S. Ramírez García	La D.O. Vinos de Madrid. ¿una oportunidad de desarrollo para el espacio rural?	N	EUR
A. Casieri; B. De Gennaro; U. Medicamento	Economic institutions framework and governance of relationships inside territorial supplychain: the case of organic olive oil in Sierra de Segura	N	EUR
B. Rémi	Savoir-faire pastoraux et fromagers de Corse: patrimoine complexe à formaliser entre technique et culture.	N	EUR
D. Dia; G. Duteurtre; P. N. Dieye; A. Ba	Le commerce du lait chez les Peuls du Fouladou (Sud du Sénégal) : organisation spatiale, dynamique organisationnelle et construction d'une identité régionale	N	AFR
S. Carenzo; A. Rescia Perazzo; M. Caratozzolo; E.	Activación de recursos agroalimentarios desde la identidad territorial: La experiencia de la Algarroba en el Chaco Argentino.	N	ALC

Astrada; C. Blasco; L. Quiroga			
G. Rodríguez Borray	La diversificación productiva como estrategia de activación de sistemas agroalimentarios locales: el caso de la agroindustria panelera colombiana.	S	ALC
E. Biénabe; H. Vermeulen	Understanding the coexistence of large and small-scale millers: an important element for relevant rural policies in the Limpopo Province of South Africa.	N	AFR
M. Coto Sauras; F. Boucher	La activación de recursos territoriales con el enfoque SIAL: el caso de un proyecto caprino en la Mixteca de México.	S	ALC
D. H. Iglesias; R. Thorntonab; E. Roccoa; D. Saraviab; D. Paggib	Estudio de las PYMEs agroalimentarias lácteas de Gral. Campos: un sistema agroalimentario localizado en la pampa argentina	S	ALC
B. Roux; A. Santos	La fragilité des systèmes agroalimentaires localisés. Une comparaison internationale de systèmes fromagers.	S	ND
Hidalgo. T. Poméon; F. Boucher; F. Cervantes Escoto; S. Fournier	Las dinámicas colectivas en dos cuencas lecheras mexicanas: Tlaxco, Tlaxcala y Tizayuca	N	ALC
A. Álvarez Macías	Transformaciones de la cadena de lácteos en Querétaro (México).	N	ALC
F. Echánove; C. Steffen	Agricultura por contrato como mecanismo de subordinación agroindustrial: los pequeños productores hortícolas de México.	N	ALC
R., Hermin; H. Piña Zambrano	Implicaciones del nuevo paradigma de distribución agroalimentaria para el productor de frutas frescas y hortalizas del estado Falcón, Venezuela.	N	ALC

G. López; K. Manrique; A. Guidi; J. Jiménez; A. Devaux	Papa andina: una experiencia de innovación para articular pequeños productores al mercado.	N	ALC
J. M. Martínez Paz; F. Martínez-Carrasco Pleite; R. Dios Palomares	Los sistemas de producción hortícola intensivos de la Región de Murcia.	N	EUR
L. Temple; S. Marquis; S. Simon; G. Mahbou; O. David	Localisation périurbaine du maraîchage en Afrique subsaharienne et naissance de systèmes de production localisés : cas des bas fonds de Yaoundé.	S	AFR
<i>Pôsteres - Eixo III</i>			
H. Tirado Sánchez; C. Alfaro	Mejoramiento de la sostenibilidad y competitividad de los sistemas de producción bovinos en los llanos orientales de Venezuela	N	ALC
M. Contreras-Pineda; C.M. Arriaga-Jordán; J. González-Díaz; A. Espinoza- Ortega	Análisis de las microindustrias queseras en el centro de México ante la apertura del mercado	N	ALC
O. Simões; J. Moreira; I. Dinis; A. Lopes	The Portuguese consumers acceptance of regional apple varieties.	N	EUR
R. Dios Palomares; J. M. Martínez Paz; T. de Haro-Giménez	Eficiencia, calidad y medioambiente en la industria oleícola de Andalucía: cooperativismo y tamaño empresarial.	N	EUR
G. S. Sato; S. S. Martins; Y. M.C. de Carvalho; A. A. Milan; R. P. Cunha	Vegetables commercialization at the Alto Tietê River catchment, Sao Paulo, Brazil.	N	ALC

L. Janjetic; M. Marasas	Una experiencia de investigación participativa para la recuperación del saber tradicional y el reconocimiento de nuevas prácticas alternativas en el manejo de los viñedos de la costa de Berisso, Buenos Aires, Argentina.	N	ALC
S. Alemán Menduiña	Psicología económica de los actores del primer eslabón de la cadena de fibra de camélidos suramericanos en Bolivia.	N	ALC
A. Bocco; L. Alturria; J. Gudiño; J. Oliva; G. Salvarredi; H. Vila	Transformaciones estructurales en la trama vitivinícola argentina.	N	ALC
A. M. Alonso; G. I. Guzmán	Influencia de los canales cortos de comercialización en el mercado de productos ecológicos frescos.	N	ND
J. L. Amaral de Moraes; S. Schneider	Los sistemas agroalimentarios locales (SIAL) y la dinámica de desarrollo de la Región Vale do Rio Pardo.	S	ALC
S. Rebollar Rebollar; R. Rojo Rubio; A. Espinosa Ortega	Queso refregado de la región central de México.	N	ALC
M. Bustamante; P. Ruiz Avilés; D. Avilés; P. González	Encrucijada para la ganadería menor en la Sierra de Segura: tradición o modernización.	N	EUR
F. Barea	Nuevos retos para la olivicultura andaluza.	N	EUR
I. Macia	Diagnóstico del sector productivo de leche comunidad “Caño Indio”, municipio Guanarito Estado Portuguesa, Venezuela.	N	ALC

IV CONGRESSO SIAL – 2008

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
REQUIER-DESJARDINS Denis	Las áreas protegidas y la conservación de la biodiversidad: una dinámica de tipo SIAL?	S	ND
CUNHA MALAFAIA Guilherme; CAMARGO Maria Emília; BARROS de AZEVEDO Denise	Desafios para a articulação de um sistema agroalimentar local na pomicultura brasileira: O caso da Região dos Campos de Cima da Serra.	S	ALC
RAMOS CHÁVEZ Alejandro; TORRES SALCIDO Gerardo; URRETA FERNÁNDEZ Álvaro	Construcción y configuración de un sistema agroalimentario local en una comunidad de México. Estudio de la producción de nopal en Tlalnepantla, Estado de Morelos.	S	ALC
DIEL DEVES Otávio; FILIPPI Eduardo	O papel da economia ecológica nas relações com os sistemas agro-alimentares.	S	ND

SAIDI Abdelmajid	Les Systèmes Agroalimentaires Localisés. D'une économie de rente à une économie de production. Le cas de la région Meknès au Maroc et de Béjaïa en Algérie.	S	AFR
RODRIGUEZ BORRAY Gonzalo	La Multifuncionalidad: aplicación del concepto a los Sistemas Agroalimentarios Localizados de países en desarrollo.	S	ND
AUBRÉE Pascal; DENÉCHÈRE Frédéric; DURAND Guy; MARÉCHAL Gilles	Systèmes Alimentaires Territorialisés: les circuits courts comme vecteurs de développement territorial.	S	ND
ELVERDIN Julio; MAGGIO Andrea; MUCHNIK José	Procesos de localización / deslocalización de las actividades productivas: Expansión sojera y retracción ganadera en Argentina, estrategias de los productores	N	ALC
BUENO-AMBROSINI L.; BARITAUX V.; AMBLARD C.; TEBBY C.; GIRAUD G.	Valorisation des produits alimentaires de montagne : vers une intégration des consommateurs dans les systèmes agroalimentaires localisés. Un cas français.	S	EUR
VERDI Adriana	Da aglomeração ao território: Estratégia para a cachaça da Região das Águas e Serras Paulista.	N	ALC
LAUVIE A.; AUDIOT A.; CASABIANCA F.; VERRIER E.	Gestion de races locales et cohabitation de différentes formes de SYAL : le cas du porc Blanc de l'Ouest en Bretagne.	S	EUR
SPECHT Suzimary; RÜCKERT Aldomar; BLUME Roni	Produção de morangos no Vale do Caí, Rio Grande do Sul, Brasil: Um sistema agroalimentar local ?	S	ALC

DE YONG Adriana; DONADONI Mónica	Una aproximación al sistema productivo apícola del sur de Córdoba.	N	EUR
GALASSI Esteban; ESTRADA Emilia; MARINI F.	El enfoque SIAL como herramienta de diferenciación de las mieles del sistema serrano de Ventania.	S	ALC
BUENO-AMBROSINI L.; FILIPPI E.	Sistema Agroalimentar do Queijo Serrano: Estratégia de Reprodução Social dos Pecuáristas Familiares no Sul do Brasil.	S	ALC
GARAT J.; OTERO J.; AHUMADA A.; BELLO G.; TERMINIELLO L.A	El enfoque SIAL como instrumento de intervención: el caso el tomate platense y las hortalizas típicas locales en el Cinturón Verde de La Plata.	S	ALC
RAU Victor	La yerba mate en Misiones (Argentina). Estructura y significados de una producción localizada.	N	ALC
VAN DEN BOSCH María Eugenia	Ajo de Ugarteche y el Carrizal. Una propuesta de desarrollo de un Sistema Agroalimentario Localizado.	S	ALC
CERVANTES ESCOTO Fernando; CESÍN VARGAS Alfredo; PÉREZ SÁNCHEZ Sandra; CERVANTES F.	La calidad estándar de la leche como eje de la coordinación vertical entre la agroindustria láctea y sus proveedores: el caso del estado de Hidalgo, México.	N	ALC
GHEZÁN Graciela; MATEOS Mónica; CENDÓN María Laura	Redes y controversias en el proceso de construcción de la calidad en un territorio. Interrogantes para el desarrollo local.	N	ND

BOWEN Sarah	Geographical indications and rural development: A comparison of two cases.	N	ND
BOCCO Adriana; DUBBINI Daniela	La formación de competencias en el SIAL vitivinícola de vinos de calidad para el desarrollo territorial de los oasis de Mendoza, Argentina.	S	ALC
GOMEZ ALCÁNTARA Antonio; CERVANTES ESCOTO Fernando; ALTAMIRANO CÁRDENAS J. Reyes; GARZA LÓPEZ Jesús Ma.	La competitividad del sector quesero en México: El caso del Valle de Tulancingo, Hidalgo.	N	ALC
CUNHA MALAFAIA Guilherme; JARDIM BARCELLOS Julio; ÁVILA PEDROZO Eugênio	As convenções de qualidade estabelecidas em sistemas agroalimentares locais: Um estudo sobre o Pampa Gaúcho da Campanha Meridional.	S	ALC
PUGLIESE Franco; ESPÍNDOLA Rodrigo	Desarrollo local de competencias. Capacitación de Mano de Obra. Uva de Mesa.	N	ND
WESZ JUNIOR Valdemar; LOVIS TRENTIN Iran; FILIPPI Eduardo	Os reflexos das agroindústrias familiares para o desenvolvimento das áreas rurais no Brasil.	N	ALC
RUIZ Matías; MATOZO Eduardo; RAMIREZ Natalia;	Conducta Innovativa en Empresas de Cadenas Agroalimentarias de la Región de Influencia de la Universidad Nacional del Litoral (Santa Fe - Argentina).	N	ALC

WILSON María Lucrecia; RETAMAR Juan Carlos			
ESPINOZA-AYALA Enrique; ARRIAGA- JORDÁN Carlos; BOUCHER François; ESPINOZA- ORTEGA Angélica	Generación de valor en la cadena tradicional leche-queso en el centro de México.	N	ALC
RAMOS Melina	La dinámica de los mercados de trabajo rurales y su incidencia sobre la situación laboral urbana. El caso del complejo agroindustrial del arroz en Corrientes.	N	ALC
CALATRAVA Ascención; MELERO Ana	Las nuevas dinámicas de los espacios rurales en el contexto del cambio urbano-rural en España. Efectos sobre la localización de las industrias agrarias y agroalimentarias.	N	EUR
TEDESCO Lorena	El sistema agroalimentario en el SOB: comparación de resultados de modelos cuantitativos para detectar clusters.	S	ND
BREITENBACH Raquel; BARÉA Neiva	Sustentabilidade nas agroindústrias: o caso de uma processadora de erva-mate em Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil.	N	ALC
MIOR Luiz Carlos	Trajetórias das Agroindústrias Familiares Rurais no Estado de Santa Catarina (Brasil).	N	ALC
RIVEROS SERRATO Hernando; BOUCHER François; BLANCO Marvin	Visión territorial en el desarrollo y fortalecimiento de agroindustrias y microempresas rurales: un primer paso en la Selva Lacandona, Chiapas.	N	ALC
VANDECANDELAERE Emilie; TARTANAC	La valorización y el reconocimiento en América Latina de la calidad de los alimentos asociada con el origen y las tradiciones.	N	ALC

Florence; RIVEROS SERRATO Hernando			
PÉREZ CENTENO Marcelo; CHAMPREDONDE Marcelo; LANARI María Rosa	Reconfiguración institucional y emergencia de las Organizaciones en el marco de la implementación de una DO – El caso del chivito criollo del Norte Neuquino.	N	ALC
CRAVIOTTI Clara; CATTANEO Carlos	La construcción social del mercado en “nuevos” productores en situación de vulnerabilidad.	N	ND
RANABOLDO Claudia; PORRAS Carolina	Desarrollo Territorial Rural con Identidad Cultural: valorizando los activos culturales en áreas rurales pobres de América Latina.	N	ALC
DA SILVEIRA Paulo; WEBER SULZBACHER Aline; MARTINS GUIMARÃES Gisele; NEUMANN Pedro	A Construção da Identidade Territorial em Sistemas Agroalimentares Localizados. O caso da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul –Brasil.	S	ALC
ANTHOPOULOU Théodosia	Les notions du ‘local’ et du ‘traditionnel’ dans les perceptions et les pratiques de fabrication des produits agroalimentaires locaux par des femmes artisanes en milieu rural. Etude locale dans le Péloponnèse (Grèce).	N	EUR
NOGAR Graciela	Pequeñas localidades, turismo rural. Un análisis desde los SIAL.	S	ND
PIZZOLATO Roberto; RIOLLO Noelia	Revalorización del territorio a través del Turismo Rural: El caso de “Caminos de Altamira”, San Carlos, Mendoza.	N	ALC

MENDONÇA MENEZES Sônia de Souza; DE ALMEIDA Maria Geralda	SYAL de Nossa Senhora da Glória/Sergipe/Brasil: dinâmicas de proximidade e diversificação de produtos.	S	ALC
GUARDIA Rossana; PIÑA ZAMBRANO Henri	Nivel de emprendimiento en la agroindustria rural del Estado Falcón.	N	ALC
CUNHA MALAFAIA Guilherme; JARDIM BARCELLOS Julio; ÁVILA PEDROZO Eugênio	Uma proposta metodológica para análise da construção social de vantagens competitivas em sistemas agroalimentares locais.	S	ND
GREMBOMBO Adèle	Le maïs dans les dynamiques locales de restructuration agricole en Centrafrique.	N	AFR
PACHAS A.; LÓPEZ O.; ROHATSCH P.; KELLER H.; VIÑA S.; MUGRIDGE A.; FASSOLA H.; GARCÍA M.A.	Evaluación preliminar de la aptitud de ahipa (Pachyrhizus ahipa) para su cultivo y aprovechamiento agroindustrial en Misiones (Argentina).	N	ALC
SATIKO SATO Geni	Hortaliças minimamente processadas: Uma atividade agroindustrial no interior de São Paulo, Brasil.	N	ALC
CESÍN VARGAS Alfredo; CERVANTES ESCOTO Fernando; PÉREZ SÁNCHEZ Sandra	Los quesos mexicanos genuinos de Chiautla, Puebla, México.	N	ALC

NATALI Pamela	Modalidades de coordinación en los sistemas agroalimentarios. El caso del subsistema maní en la provincia de Córdoba.	S	EUR
CUSUMANO Cosme	Apoyo a la organización de los pequeños productores cañeros para el mejoramiento de la producción y comercialización de miel de caña y subproductos en el departamento de Simoca - provincia de Tucuman – República Argentina.	N	ALC
VASEK Olga; CARDOZO Marina; Fusco A. J. V.	Producción artesanal de quesos. Sistema de transformación agroalimentario en la Región Correntina (Argentina).	N	ALC
ERASO María Marcela; SANCHEZ Magdalena	Dinámica territorial, redes e innovación asociados a Sistemas Agroalimentarios Locales en el Sudeste Bonaerense: una aproximación metodológica.	S	ALC
GELABERT Cecilia; LACANNA Cecilia; CHIFARELLI Diego	Producciones Alternativas: ¿una alternativa de desarrollo para la pequeña producción?	N	ND
PIÑA ZAMBRANO Henri; CUBA Sandy	Relación comercial supermercado – productor de frutas frescas y hortalizas en el estado Falcón, Venezuela.	N	ALC
AMARAL DE MORAES Jorge; SCHNEIDER Sérgio	Dinâmicas sócio-econômicas de desenvolvimento dos territórios rurais: Os sistemas produtivos localizados (SPL) da Região Vale Do Rio Pardo-RS.	N	ALC
CAMARGO Maria Emília; PRIESNITZ FILHO Walter; LINDOMAR SERAFINI João; CUNHA MALAFAIA Guilherme; DORION Eric	Criação de cenários prospectivos para o caso do sistema agroalimentar alternativo das frutas de Vacaria, Rio Grande Do Sul.	S	ALC

PECE Nora; FRAU Florencia; TOGO Javier; LARCHER Guido; PAZ Raúl	Estado de situación de establecimientos tamberos caprinos de Santiago del Estero.	N	ALC
---	---	---	-----

V CONGRESSO SIAL – 2010

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
<i>EIXO 1</i>			
Deimel M., Arens L. and Theuvsen L	Transparency in meat production: Consumer perceptions at the point of sale	N	ND
Brümmer B., von Cramon- Taubadel S., Nivievskyi Oleg and Schlather M.	Agglomeration Economies in Ukrainian Dairy Sector: a Marked Point Process Approach	N	EUR
Deiters J., Fritz M	Dynamics in trade streams in international food supply networks. The case of fresh produce, meat, and cereals	N	ND

Lakner, S	Efficiency Cluster in Organic Grassland Farming in Germany – Methodological and Practical Implications	N	EUR
Anania G. and Nisticò R	Consumers and sellers heterogeneity, search cost spatial price dispersion in retail food markets	N	ND
Nakajima T., Matsuda H., and Rifin A	The Structural Change in Supply Chain of Oil Palm: A Case of North Sumatra Province, Indonesia	N	OCE/ASI
Sottomayor M.J, Souza Monteiro, D. M. and Teixeira, M. S	Valuing nested names in the Portuguese olive oil market: An exploratory study	N	EUR
Tozanli S. I, Dedeire M.	Les interfaces entre diffusion de l'alimentation d'origine et processus d'acculturation	N	ND
Hubbard C., Szigeti J. and Podruzsik S.	Distributional Impacts of Food Price Changes on Consumer Welfare in Hungary and Romania following EU Accession	N	EUR
Rocchi B., Cavicchi A. and Baldeschi M.	Consumers' attitude towards farmers' markets in Tuscany	N	EUR
Barrena R. and Sánchez M.	Los valores personales y culturales como elementos clave en la adopción de nuevos alimentos en un mercado globalizado. Aplicación a un producto étnico	N	ND
Loconto, A.	Value Chains and Chains of Values: Tracing Tanzanian Tea	N	AFR
Marescotti A., Belletti G., Innocenti S., and Rossi A.	Alternative agro-food networks and fair prices. Farmers' markets in Tuscany	N	EUR
Mario del Roble Pensado Leglise	Los cambios en la división internacional del trabajo agrícola y sus efectos en la dinámica espacial de los sistemas agroalimentarios: el caso de México	N	ALC

Revoredo-Giha, C., Watts, D. and Leat, P.	An analysis of Marketing Channels of Local Food in Scotland	N	EUR
Galliano D., Orozco L.	Traceability adoption and organizational change intensity in French agi-food firms: the role of internal vs. external environments	N	EUR
Dentoni D. , Menozzi D. and Capelli M. G.	Heterogeneity of Members' Characteristics and Cooperation within Producer Groups Regulating Geographical Indications: The Case of the "Prosciutto di Parma" Consortium	N	EUR
Fanchette S. , Sautier D. , Dao T.H. , Da G.	Les activités agro-alimentaires dans les villages de métier du delta du fleuve Rouge (Vietnam): quelles spécificités ?	N	ASI
EIXO 2			
Contò F., La Sala P. and Papapietro P	Organization and structure of the chain in the integrated projects of food chain in Basilicata region: the effects on the new rural dynamics	N	EUR
Kapfer M., Ziesel, S. and J. Kantelhardt J	Impact of Agrifood Systems on Landscape Appearance	N	ND
Gianasi L.M. and Tubaldini M.A	Territoriality of the agroecological and conventional systems in family farming in Rondônia - the Amazon forest – Brasil	N	ALC
Barjolle D., Damary P. and Schaer B	Certification schemes and sustainable rural development: analytical framework for assessment of impacts	N	ND
Vu Dinh Ton, Phan Dang Thang, Brigitte Duquesne, Philippe Lebailly	Consommation alimentaire et revenu familial dans la zone périurbaine de Hanoi	N	ASI

Mozzoni I.	Le tourisme enogastronomique et le système agroalimentaire de la Province de Parme: le réseau des “ Musei del Cibo ” (Musées du Goût)	N	EUR
Requier-Desjardins D.	The LAS approach: a scheme for a sustainable local development of Southern countries rural areas?	S	ND
Ndoye F., Moity-Maïzi P.	« Femmes et Coquillages » pour une gestion durable des ressources conchyliques dans le Delta du Saloum au Sénégal	N	AFR
Ramasawmy B. et Fort F.	Effets d'un changement institutionnel, la réforme du protocole sucre (ACP-UE), sur la filière légumes frais à l'île Maurice	N	AFR
Cervantes Escoto F., Gómez Alcántara A. y Altamirano Cárdenas J. R.	Impacto económico y ambiental de la quesería en el Valle de Tulancingo, Hidalgo (México)	N	ALC
Orozco M. y Miranda G.	El patrimonio cultural de las haciendas del Municipio de Aculco de Espinoza: posibilidades para un desarrollo agroturístico	N	ALC
Renard Hubert M. C., Thomé Ortiz H.	La Ruta de la Sal Prehispánica. Patrimonio alimentario, cultural y turismo rural en Zapotitlán de las Salinas, Puebla, México	N	ALC
Tovar Martínez J.	La construcción del capital social comunitario en un entorno periurbano - Ejido de San Nicolás Totolapan	N	ALC
Eboli M.G., Macrì M.C., Micocci A., Verrecchia F.	Multifunctional Agriculture, Quality of Life and Policy Decisions: an Empirical Case	N	ND
Privitera D	Heritage and wine as tourist attractions in rural areas	N	ND

Magni C., Valentino P. A.	La costruzione di strategie partecipate di sviluppo locale sostenibile per i centri storici minori della Sardegna	N	EUR
Viganò E., Mariani A., Taglioni C., Torquati B., Vizioli V.	Organic Foods and Local Development: Reflections on Alternative Food Networks	N	ND
Espinosa-Ayala E. , Arriaga-Jordán C.M. , Boucher F. , Espinoza-Ortega A.	La copetitividad de un Sistema Agroalimentario Localizado productor de quesos en el Altiplano Central de México	S	ALC
Manzo-Ramos F. y López-Ornelas G.	Conformación de la agroindustria del amaranto en Santiago Tulyehualco, Xochimilco, México. Elementos que han permitido la transformación productiva y social en las familias rurales	N	ALC
María del Carmen del Valle Rivera	Gestión del conocimiento y desarrollo rural. Enseñanzas a partir del estudio de caso de una empresa familiar innovadora y socialmente responsable en la producción orgánica de leche y lácteos en México	N	ALC
<i>EIXO 3</i>			
Baptista A., Tibério L. and Cristóvão A.	Sustainability of Local Agri-food Products in the Border Area of Northern Portugal and Castilla-Léon	N	EUR
Piña Zambrano H. J.	Sistemas agroalimentarios localizados: de la agroindustria al conglomerado	S	ND
Krone E. E., Thomé da Cruz F. and Menasche R.	Del lomo de las mulas a la clandestinidad: dilemas entre las exigencias legales y el sistema tradicional de producción del Queso Serrano de los Campos de Cima da Serra (Brasil)	N	ALC

Champredonde M. and Muchnik J.	¿Se hace humo el territorio del asado? : un enfoque constructivista de la calidad de los alimentos. Experiencias argentinas	N	ALC
Fournier S., Chabrol D., De Bon H. et Meyer A.	L'échalote dogon (Mali) face à la mondialisation du marché des Alliées	N	AFR
Fanchette S.	Les "villages de métier" du delta du fleuve Rouge (Vietnam): Périodisation, Spatialisation, Spécialisations	N	ASI
François M. , PRAK S.2 and Brun J.M	Du local au global : Dynamiques de développement des Indications Géographiques dans les pays en développement. Le cas du poivre de Kampot et du sucre de palme de Kampong Speu au Cambodge	N	ASI
Kühne B., Gellynck X., and Weaver R.D	Network connections and innovation capacity in traditional agrifood chains	N	ND
Koraka A., Anthopoulou T.	Produits agro-alimentaires locaux et développement territorial: la coordination difficile entre la tradition et la protection institutionnelle de la qualité liée au terroir. L'aubergine d'AOP Tsakonique du Péloponnèse (Grèce)	S	EUR
Bouamra-Mechemache Z., Chaaban J.	Is the Protected Designation of Origin (PDO) Policy Successful in Sustaining Rural Employment?	N	ND
Champredonde M. and Perez Centeno M.	Quand une Indication Géographique devient un outil de promotion du développement Local : le cas du Chivito Criollo del Norte Neuquino em Argentine	N	ALC
Dorigon C. and Cerdan C.	La valorisation des Savoir Faire au service d'un territoire : les produits coloniaux de la région Ouets de l'Etat de Santa Catarina - Brasil	N	ALC

Boucher F., Bridier B. et Brun V.	La qualification territoriale des produits dans les processus d'activation des SYAL. Le cas des fromageries rurales en Amérique Latine	S	ALC
Jaenicke H., The Anh D. and Cong Nghiep P.	Harnessing local underused crops to improve household nutrition and income opportunities in Vietnam: case of Hoa vang sticky rice in Red river delta	N	ASI
Verdi, A.R., Otani, M.N., Fredo, C.E.	Adding value to local resources specifically tailored for developing São Paulo State's vitiviniculture	N	ALC
Ohe Y., Ciani A	Hedonic Pricing Evaluation on Agritourism Activity in Italy: Local Culturebased or Facility-based?	N	EUR
Giraud D., Tebby C. and Amblard C.	Indication géographique des produits alimentaires et développement durable : les attentes contrastées des consommateurs en France	N	EUR
The Anh Dao, Van Tuan T., Xuan Truong H.	Value chain development for mountainous areas: relation between animal breed and territory. The case of H'Mong beef in Cao Bang, Vietnam	N	ASI
Champredonde M. and Benedetto A.	Riesgos y desafíos en la implementación de una indicación geográfica (IG). Las denominaciones de origen (DO) y las indicaciones geográficas (IG) como herramientas para el desarrollo territorial rural con identidad cultural (DTRIC)	N	ND
Saavedra Gallo G. y Macías Vázquez A.	Reflexiones antropológicas en torno a los sistemas agroalimentarios locales: la problemática del desarrollo endógeno en las Costas Australes Chilenas	S	ALC
Geni Satiko Sato, Humberto Sebastião Alves, Vivian Strehlau	Estratégias de las Vinícolas en el Estado de São Paulo, Brasil: Un Estudio de Casos Múltiples	N	ALC

Sato, G. S., Tabata, Y. A. , Takahashi, N. S.	Diagnóstico del potencial de las Truchas de campos do Jordão para la Indicación Geográfica	N	ALC
Velarde I., Vimo P., Corradetti M. A., Vértiz P., Otero J., Raimundi J., Fernández L., Lozano C., Espinoza F.	Las nociones de calidad percibidas por productores queseros de Tandil, Argentina: diversidad de estrategias y tensiones en procesos de desarrollo territorial	N	ALC
EIXO 4			
Bacci V. et Thévenod-Mottet E	La certification des AOP-IGP: réflexions générales et analyse du cas de la Damassine AOC (Suisse)	N	EUR
Giacomini C. and Arfini A. , De Roest K	Interprofession and typical products: the case of Parmigiano Reggiano cheese	N	EUR
Menezes S. S. M., Cerdan C.	L'action publique et la consolidation des Systèmes Agroalimentaires Localisés : réflexion à partir d'un territoire fromager du Sertão du Sergipe - Brésil	S	ALC
Paus M. and Reviron S.	Crystallization of Collective Action in the Emergence of a Geographical Indication System	N	ND
Jeanneaux Ph., Barjolle D., Meyer D.	Raising rivals' costs strategy: test on two LAFS in Europe	S	EUR
Maraglino T., Ricco V., Schiralli M., Giordano R., Pappagallo G	The role of stakeholders' involvement to combat desertification: a case study in the Apulia Region	N	EUR

Lovo S., Magnani R. and Perali F.	A multi-regional general equilibrium model to assess policy effects at regional level	N	ND
Touzard J.M., Fournier S.	Recherche et innovation dans les clusters viticoles : un nouveau french paradox?	N	EUR
Viaggi D., Bartolini F., Raggi M. and Sardonini L.	The role of the Common Agricultural Policy in the spatial location of agricultural activities	N	ND
Astorga J. and De la O V., De la Rosa L.	La Ley General de Pesca y Acuacultura Sustentables como sustento del desarrollo local: un acercamiento a su aplicación e impacto en el dinamismo de los actores locales de la pesca en Baja California, México	N	ALC
Bocco A. y Brés E	Reestructuración vitivinícola y activación del SIAL vinos caseros de Mendoza, Argentina. Su impacto en el desarrollo rural	S	ALC
Franco Patiño S.M., Tobasura Acuña I.	El Derecho a la alimentación en la Política de Seguridad Alimentaria, Departamento de Caldas (Colombia)	N	ALC
González D. I. S., González D. J. G., García V. R. y Ramírez H. J. J.	Productores de flor de corte de la comunidad de Francisco Zarco, en el municipio Tenancingo, Estado de México: ¿Un caso exitoso de acción colectiva?	N	ALC
Lozano C. , Aguilar E.	Territorializando la producción ecológica. Acciones colectivas y políticas públicas en Andalucía	N	EUR
Macías Vázquez A., Vence Deza X.	Políticas estratégicas de innovación en los sistemas vitivinícolas locales: la denominación de origen “Rias Baixas”	N	EUR

Héctor Alejandro Ramos Chávez	De la producción agroalimentaria al afianzamiento de redes de cooperación solidaria en una comunidad de México	N	ALC
Larrea R. M.	El Sial y sus diferencias con el enfoque del desarrollo territorial en América Latina	S	ALC
Sanz Cañada, J., Sánchez Escobar, F., Hervás Fernández, I y Coq Huelva, D.	Multifuncionalidad y Sistemas Agroalimentarios locales: prioridades de investigación e innovación en medio ambiente, territorio y desarrollo rural en el sector español del aceite de oliva	S	EUR
Schiavone E.	Saberes, migraciones y nombres de los alimentos: Los genéricos y las denominaciones de origen	N	ND
Tobasura A. I. y Ospina P. C	El proceso de gobernanza de la Cadena de la Mora. Un estudio de caso en el Departamento de Caldas (Colombia)	N	ALC
Echánove F.	Política agrícola y agroindustria de alimentos animales en México	N	ALC
Torres Salcido G.	Los sistemas agroalimentarios locales en México. Aportaciones teoricas y empiricas para el estudio de la gobernanza	S	ALC
Perret A.O. and Thévenod-Mottet E.	The Florida oranges local agro-food system: geographical indication or commodity?	N	AMN
Viaggi D., Imami D., Zhllima E. and Legnetti L.	Current challenges of Albanian extension services in the context of EU integration and global markets	N	EUR
Penker M. and Klemen F.	Transaction costs and transaction benefits associated with the process of PGI/PDO registration in Austria	N	EUR
EIXO 5			

Araujo-Enciso S.R	Socioeconomic factors and its influence in vertical price transmission: the case of the Mexican Tortilla Industry	N	ALC
Bassi I. and De Poi P.	Measuring multifunctional (agritouristic) characterization of the territory	N	ND
Cavicchioli D.	Detecting market power along food supply chains: evidence from the fluid milk sector in Italy	N	EUR
Corsi A., Strøm S., Borsotto P. and Borri I.	The choice of local marketing chain by organic producers	N	ND
Torquati B., Giacchè G., Marino D.	Participatory GIS for Integrating Rural Development and Planning Policies in Peri-Urban Agricultural Planning	N	ND
Beber, C.L. , Cerdan, C.	L'Approche SYAL comme Démarche pour le Développement Territorial de "L'Amazonia" Brésilienne et "La Pampa" Argentine	S	ALC
Scheffer S., Dalido A.-L.	Observer les circuits courts à l'échelle d'un territoire : proposition d'un modèle d'analyse spatiale des données en termes de systèmes d'information géographique	N	ND
Montresor E., Pecci F., Pontarollo N.	Quality agro-food districts, typical products, local governance	N	ND
Muchnik J.	Syal : objet, champ et politique de recherche	S	ND
Tabeau A. , Hatna E. and Verburg P.H.	Assessing spatial uncertainties of land allocation using the scenario approach and sensitivity analysis	N	ND
Lefebvre V.M., Molnár A., Gellynck X.	Network performance - What influences it?	N	ND

Hernández-Villafuerte K.	The relationship between spatial price transmission and geographic distance: the case of Brazil	N	ALC
Rosa F., Sossai E.	The regional planning of the Agrifood supply chain: a study for the FVG region	N	EUR
Santeramo F.G. and Cioffi A	Spatial price dynamics in the EU F&V sector: the cases of tomato and cauliflower	N	EUR
Hoffmann J.	Identification of Spatial Agglomerations in the German Food Processing Industry	N	EUR
Boucher F. y Poméon T.	Reflexiones en torno al enfoque SIAL: Evolución y avances desde la Agroindustria Rural (AIR) hasta los Sistemas Agroalimentarios Localizados (SIAL)	S	ND
Rodríguez-Borray G.	Desarrollo metodológico para la valoración de los elementos funcionales de Sistemas Agroalimentarios Localizados	S	ND
Mancebo Azor S.	El papel del capital social en la activación y consolidación de los sistemas agroalimentarios localizados. El caso de las indicaciones geográficas	S	ND

VI CONGRESSO SIAL – 2013

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
<i>EIXO 1</i>			
Larissa Bueno AMBROSINI Georges GIRAUD	ÁGUA DE MONTANHA : UM ESTUDO DE CASO NA FRANÇA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE EMPRESA, TERRITÓRIO E PRODUTO	N	EUR

Danton Leonel de Camargo Bini Humberto Sampaio de Araújo Alexandra Pava Cardenas		A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE ALIMENTOS NA REGIÃO DE ARAÇATUBA	N	ALC
CAMPOS SILVEIRA M.A.da	W.P.	EXPANSÃO DO MONOCULTIVO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM GOIATUBA-GO:DICOTOMIA ENTRE AGRICULTURA FAMILIAR E MONOCULTURA	N	ALC
César, Batalha, M. Paulillo L. F. O	A.S. O.	A GOVERNANÇA DA CADEIA PRODUTIVA DO BIODIESEL: UMA ANÁLISE SOB OS ARRANJOS SOCIAIS COM DENDÊ	N	ALC
Ferré Medah Temple L	T I	Emergence de réseaux territorialisés d'entreprises : Le cas des mini-huilleries de coton au Burkina Faso	N	AFR
Paulo Roberto Cecconi Deon Paulo Roberto Cardoso da Silveira Fernanda Elisa de Oliveira Venturini.		UM SIAL EM ATIVAÇÃO: ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTESANAL DE ALIMENTOS E BEBIDAS EM JAGUARI -RS -BRASIL	S	ALC
Vivien Paula Felizon Robles	Diesel	INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS E (DES) INTERNACIONALIZAÇÃO EM SEUS TERRITÓRIOS DE ORIGEM?	N	ND

María Valentina Locher	ORGANIZACIONES INTERPROFESIONALES E INNOVACIÓN: LA PUESTA EN RED DE LOS ACTORES COMO UN DINAMIZADOR DE LOS SIALES. EL CASO DE PROARROZ	S	ALC
Fernández Zarza Mario	EL CHORIZO ROJO Y VERDE DEL VALLE DE TOLUCA, MÉXICO. HACIA UNA ACTIVACIÓN DEL SISTEMA AGROALIMENTARIO LOCALIZADO	S	ALC
Jaqueline Mallmann Haas José Marcos Froehlich Encarnación Aguilar Criado	ESTRATÉGIAS DE QUALIDADE DE BASE TERRITORIAL E COMMODITIES - O CASO DO ARROZ IRRIGADO NA ANDALUZIA E NO RIO GRANDE DO SUL	N	ALC
Moraes, S. F. César, A. S. Albino, P. M. B	A CADEIA PRODUTIVA DE CAFÉ GOURMET E SUAS MARGENS DE COMERCIALIZAÇÃO: ANÁLISE DE CASO NO RIO DE JANEIRO	N	ALC
DANIELA MENEGHETTI RONI BLUME ISADORA T.S. CRUMMENAUER SUZIMARY SPECHT	DEMANDAS DOS CONSUMIDORES COMO DESAFIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS (FLV) ORGÂNICAS EM SANTA MARIA, RS -BRASIL	N	ALC
Manoel Xavier Pedroza Filho Renata Melon Barroso	TRANSFORMAÇÕES DO VAREJO DE PESCADO E SEUS IMPACTOS SOBRE A PISCICULTURA DE PEQUENO PORTE NO TOCANTINS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM DE CADEIA GLOBAL DE VALOR	N	ALC

Roberto Manolio Valladão Flores			
Ada Graciela Nogar	Los SIAL y el enfoque de la nueva ruralidad como andamiajes teóricos para analizar la reorganización de las estrategias territoriales	S	ND
Fernando Cervantes Escoto JoséFernando Grass Ramírez María Isabel Palacios Rangel	PROPUESTA PARA EL FORTALECIMIENTO METOLÓGICO DEL ENFOQUE DE SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALIZADOS -SIAL	S	ND
Maria de Fátima M. Lorena de Oliveira Vasco Lagarto Ana Bela O. Mendes Lopes	PROJECT POUR LE DEVELOPPEMENT DU MARCHEDE UN FRUIT OUBLIE DANS LE TEMPSDANS LES MONTAGNES DU PORTUGAL	N	EUR
SUZIMARY SPECHT CARLOS OLAVO NEUTZLING	SISTEMA AGROALIMENTAR LOCALIZADO DA SOJA?O CASO DE PORTO MAUÁ, RS -BRASIL	S	ALC
Fernanda Novo da Silva Germano Ehlert Pollnow Fabiana da Silva Andersson	VITIVINICULTURA NA CAMPANHA GAÚCHA: NARRATIVAS CONSTRUINDO HISTÓRIA	N	ALC
José Fernando Grass Ramírez Fernando Cervantes Escoto	ESTRATEGIAS PARA EL RESCATE Y LA VALORIZACIÓN DEL QUESO TENATE DE TLAXCO, UN ANÁLISIS DESDE EL ENFOQUE DE SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALIZADOS (SIAL)	S	ALC

J Reyes Altamirano Cárdenas			
Denis Requier-Desjardins	EL NUEVO CONTEXTO ECONÓMICOEN AMÉRICA LATINA: CUALES RETOS PARA LOS SIAL?	S	ALC
RONI BLUME ISADORA T.S. CRUMMENAUER DANIELA MENEGHETTI	EMPREENDEADORISMO, PODER E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA GESTÃO DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES DE SILVEIRA MARTINS -RS, BRASIL	N	ALC
SALERNO, M GONZALEZ, J	PROCESOS DE IMPLEMENTACIÓN Y CERTIFICACIÓN DE COMERCIO JUSTO (FAIRTRADE) EN ARGENTINA	N	ALC
Flávio Sacco dos Anjos Fernanda Novo da Silva Carmen Lozano Cabedo	INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NO RIO GRANDE DO SUL	N	ALC
SouzaR.P. Buainain A.M	SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCALIZADOS: UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO DA COMPETITIVIDADE DA AGRICULTURA FAMILIARPRODUTORA DE LEITE EM PASSO FUNDO E REGIÃO	S	ALC
Lussandra Martins Gianasi Maria Aparecida dos Santos Tubaldini	DECADÊNCIA DE TERRITÓRIOS FORNECEDORES DE COMMODITIESAGROECOLÓGICAS EM RONDÔNIA – AMAZÔNIA – BRASIL	N	ALC
EIXO 2			

DANIEL AGUERO RICARDO CARRERA MARIANELA CRIVELLARO GABRIELA SANDOVAL VIVIANA FREIRE MIRTA LASAGNO	OPORTUNIDADES EN LA COMERCIALIZACION DE ALIMENTOS ARTESANALES, TRASLASIERRA (CÓRDOBA)	N	ALC
José Giacomo Baccarin Sany Spínola Aleixo	O DESENVOLVIMENTO RECENTE DAS ETAPAS DA CADEIA DE LÁCTEOS NO ESTADO DE SÃO PAULO	N	ALC
Shirley Nascimento Altemburg Nádia Velleda Caldas Cláudio Becker Jéssica Gonsales Cruz	INTERFACES ENTRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL, SEGURANÇA ALIMENTAR E POLÍTICAS PÚBLICAS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS AGRICULTORES ECOLÓGISTAS INSERIDOS NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NO EXTREMO SUL GAÚCHO	N	ALC
Rocío García Bustamante Susana Edith RappoMiguez	TIANGUIS ALTERNATIVO DE PUEBLA: UNA EXPERIENCIA DE PRODUCCIÓN Y CONSUMO LOCAL EN MÉXICO	N	ALC
Ana Dorrego Carlón	LAS MUJERES Y LA PRODUCCIÓN Y COMERCIALIZACIÓN DE PRODUCTOS DE SISTEMAS AGROECOLÓGICOS EN BOLÍVIA, CUATRO ESTUDIOS DE CASO	N	ALC
Hugo Chambilla	EL COMERCIO SOLIDARIO COMO MEDIO DINAMIZADOR DE UNA AGRICULTURA SUSTENTABLE EN EL ALTIPLANO Y VALLE DE	N	ALC

		BOLIVIA: EL CASO DE LAS FERIAS ECOLÓGICAS DE LA PAZ, COCHABAMBA Y TARIJA		
Marcio Gazolla		REDEFININDO AS AGROINDÚSTRIAS NO BRASIL: uma conceituação baseada em suas “condições alargadas” de reprodução social	N	ALC
José Muchnik		Evolution de l'ancrage territorial des productions agri-alimentaires: le concept de Syal à l'épreuve	S	ND
Lillian Bastian Evander Eloí Krone Sergio Schneider Marcelo Conterato		POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA) E O PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR (PNAE) NO TERRITÓRIO ZONA SUL DO RIOGRANDE DO SUL	N	ALC
Bernard Pecqueur Abdelmajid Saidi		LES SYAL, FORCE OU MENACE POUR LA SECURITE ALIMENTAIRE?	S	ND
Marianela Porro Elisa Villar María Elena Palazzo		Oportunidades y desafíos del enfoque SIAL en el Caso Vinos Caseros zona Este Mendoza, Argentina	S	ALC
Adilson Roberto Bellé Dhonathã Santo Rigo Fernanda de Figueiredo Ferreira José Antônio Louzada Pedro Selvino Neumann		Sistema agroalimentares locais e Assentamentos: a contribuição das feiras livres na promoção da soberania e segurança alimentar	S	ALC

Rozane Marcia TRICHES	A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA EM AQUISIÇÕES PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS: O CASO DO PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	N	ALC
Vasek, O.M. Falcione, L. F.	ESTRATEGIA DE CO-CREACIÓN DE VALOR PARA LA PRODUCCIÓN QUESERA EN RAMADA PASO-ITATÍ, CORRIENTES-ARGENTINA EXPLOTANDO EL RECURSO ALIMENTARIO LOCAL	N	ALC
Sergio Luiz de Oliveira Vilela Maria Dione Carvalho de Moraes	AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA(uma abordagem territorial a partir da experiência do município de Teresina-PI,Brasil)	N	ALC
BRANCO N. P. CAZUMBA I. R. S. ANDRADE C. B. A. CONCEIÇÃO C. G. ANDRADE J. S. CARDOSOR. C. V. DRUZIAN J. I. PARANHOS R. M	INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS (IGS) COMO FERRAMENTA PARA DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UMA PROSPECÇÃO TECNOLÓGICA SOBRE IGS RELACIONADAS À FARINHA E MANDIOCA; E O POTENCIAL DA IG DA FARINHA DE MANDIOCA COPIOBA DO RECÔNCAVO BAIANO	N	ALC

<p>Alejandro Tonatiuh Romero Contreras</p> <p>Carlos Díaz Delgado</p> <p>Hugo Aníbal González Vela</p> <p>Isabel Cristina Lourenço da Silva</p> <p>Marivel Hernández Téllez</p> <p>Cristina Burrola Aguilar</p>	<p>O MILHO NA BACIA ALTA DO RIO LERMA: UMA ANALISE ETNOCLIMATOLÓGICA</p>	N	ALC
<p>Clovis Dorigon</p> <p>Arlene Renk</p> <p>Clécio Azevedo da Silva</p> <p>Milton Luiz Silvestro</p>	<p>CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO PROCESSAMENTO DE ALIMENTOS NA AGRICULTURA FAMILIAR DO OESTE DO ESTADO DE SANTA CATARINA –BRASIL</p>	N	ALC
<p>Maviael Fonsêca de Castro</p> <p>Mariana Aquilante Policarpo</p> <p>Eric Pierre Sabourin</p> <p>Vivien Diesel</p>	<p>OSTREICULTURA DE BASE FAMILIAR, DESENVOLVIMENTO ALÉM DA TECNOLOGIA: A NECESSIDADE DA INOVAÇÃO ORGANIZACIONAL NA CONSOLIDAÇÃO DO VIÁVEL</p>	N	ALC
<p>FERRARI, D. L.</p> <p>MIOR, L. C.</p> <p>MARCONDES, T.</p> <p>MONDARDO, M</p>	<p>AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES E CONSTRUÇÃO SOCIAL DE MERCADOS: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS A PARTIR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL</p>	N	ALC

Gisele Martins Guimarães Fernanda ElisaOliveira Ventorine Rogério Oliveira Pinheiro		Sistemas Agroalimentares Localizados e a materialização dos simbolismos identitários: Os Desafios da Quarta Colônia –RS/Brasil, na ativação de recursos específicos	S	ALC
Alma Delia Inda Verónica Guadalupe De la O Burrola Gloria Muñoz del Real		Eficacia organizacional de las cooperativas pesqueras en el Municipio de San Felipe, BajaCalifornia, México	N	ALC
Macia, I. Gozaine, R. Bastide, P		FACTORES QUE DETERMINAN LA CALIDAD DE LOS CAFÉS EN EL PIEDEMONTTE PORTUGUESEÑO: UN ESTUDIO MULTIDISCIPLINARIO COMO CONTRIBUCIÓN AL DESARROLLO LOCAL	N	EUR
Julian Perez-Cassarino Angela Duarte Damasceno Ferreira		A CONSTRUÇÃO DE MECANISMOS ALTERNATIVOS DE MERCADOS DE ALIMENTO SECOLÓGICOS COMO FORMA DE REDESENHAR OS SISTEMAS AGROALIMENTARES: A PROPOSTA DOS CIRCUITOS DE PROXIMIDADE	N	ND
Gloria Muñozdel Real Verónica Guadalupe de la O Burrola Jorge Alejandro Martínez Partida Blanca Estela Córdova		COMPETITIVIDAD DE LA PRODUCCIÓN PORCINA EN EL MUNICIPIO DE MEXICALI, BAJA CALIFORNIA, MÉXICO	N	ALC

Quijada Alma Delia Inda			
Nathalia Lima Pinto Carlos Alberto da Rosa Maciel Rodrigo Gisler Maciel	PERFIL E HÁBITOS DE CONSUMO DOS CONSUMIDORES DO FEIRÃO COLONIAL NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	N	ALC
Sônia de Souza Mendonça Menezes Fabiana Thomé da Cruz José Natan Gonçalves da Silva	QUEIJO DE COALHO CASEIRO: ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL ANCORADA NAS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE	N	ALC
Henri J. Piña Zambrano	EL ROL DE EMPRENDIMIENTO Y EL CAPITAL SOCIAL BAJO EL ENFOQUE DE LOS SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALIZADOS	S	ND
Tainá Carvalho Pantoja Maria de Nazaré Angelo - Menezes Bruno Osvaldo Anchieta Souza	QUALIDADE E PREFERÊNCIA DA FARINHA DE MANDIOCA NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA PAZ EM ABAETETUBA, PARÁ: COR, SABOR E APARÊNCIA DOS GRÃOS	N	ALC

José Lima de Rezende Sônia de Souza Mendonça Menezes	IGUARIAS DERIVADAS DA MANDIOCA: DA TRADIÇÃO A RESSIGNIFICAÇÃO (O CASO DO MUNICÍPIO DE CAMPO DO BRITO/SE)	N	ALC
RodriguesR.G. ScartonL.M TissotS.T.	IRRIGAÇÃO E SEGURANÇA ALIMENTAR: QUAL A CORRELAÇÃO?	N	ND
SANTOS, Katia Maria Pacheco dos GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo PORTILHO,Wagner Gomes	UMA REFLEXÃO SOBRE O SISTEMA AGROALIMENTAR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL QUILOMBOS DE BARRA DO TURVO, VALE DO RIBEIRA, SÃO PAULO -BRASIL	N	ALC
Cristiane PERONDI Vanessa GESSER Aline Luiza FUHR Rozane Marcia TRICHES Emerson MARTINS	EDUCAÇÃO ALIMENTAR PARA SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS NO CONTEXTO DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	S	ND
Cruz J.-F. Ferré T. Medah I. Goli T.	Valorisation d'une céréale africaine Le fonio	N	AFR

SILVEIRA, M.A. da CAMPOS, W.P. MACHADO, K.B. WANDER, A.E	A SEGURANÇA ALIMENTAR E O DIÁLOGO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS	N	ND
Manoel Xavier Pedroza Filho Renata Melon Barroso Roberto Manolio Valladão Flores	TRANSFORMAÇÕES DO VAREJO DE PESCADO E SEUS IMPACTOS SOBRE A PISCICULTURA DE PEQUENO PORTE NO TOCANTINS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM DE CADEIA GLOBAL DE VALOR	N	ALC
VELARDE Irene ABRAHAM Analía G. ZAVALA Lucía IRAPORDA Carolina PIERMARÍA Judith GARROTE Graciela VOGET Claudio	PROCESOS DE INTERVENCIÓN PARA LA INNOVACIÓN DE ALIMENTOS CON IDENTIDAD TERRITORIAL: EL CASO DE LA "SALSA PUCHERO" EN BERISSO, ARGENTINA	N	ALC
Rodríguez-Blanco L Miranda-Cruz E López-Hernández E Lucas-Florentino B	SEGURIDAD ALIMENTARIA Y MEJORAMIENTO DEL VALOR NUTRIMENTAL DE LEGUMINOSAS DE CONSUMO COMÚN EN EL SURESTE MEXICANO	N	ALC

Corzo-Sosa CA Aparicio-Trápala MA			
SOUZA, M. S. FERNANDES, L. R. R.M. V. NUNES, L. J. LAGE, C. S. BURATTI, M. G. CATETTE, P	A Indicação de Procedência “Volta Redonda”: estudo de caso envolvendo uma cooperativa de trabalhadores e agricultores familiares do estado do Rio de Janeiro que produzem uma mistura de farelo de cereais, sementes e folhas	N	ALC
EIXO 3			
Gisele Lara de ALMEIDA Stella Regina Reis da COSTA André Luis de Sousa dos SANTOS Claire CERDAN	PI BRASIL, A NOVA ESTRATÉGIA DO ESTADO PARA A GERAÇÃO DE VALOR NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO: O CASO DA FRUTICULTURA	N	ALC
BALEM, T. A. SILVA, G. P.	O PNAE COMO POLÍTICA PÚBLICA IMPULSIONADORA DE SIAL: UM ESTUDO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DOS MUNICÍPIOS DE SANTIAGO E SÃO FRANCISCO DE ASSIS -RS	S	ALC

SILVEIRA, P. R. C. da. VIERO BEM, A. E.			
Alberto Baptista Artur Cristóvão Isabel Rodrigo Manuel Luís Tibério	PARCERIAS, ACÇÃO COLETIVA E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS ALIMENTARES LOCALIZADOS: O PROJECTO PROVE EM PORTUGAL	S	EUR
Jacir João Chies MárcioMarrekBerbigier Eduardo MiottoFlech	A DINÂMICA DOS MERCADOS INSTITUCIONAIS NASÁREAS REFORMADAS DO RIO GRANDE DO SUL	N	ALC
Lucas Labigalini FUINI	A governança territorial em Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL): Explorando os conceitos e algumas metodologias de análise	S	ND
Maria Fernanda de Albuquerque Costa Fonseca Taila Guimarães Anny de Paula Machado Mirian Cordeiro Lívia Bento de Mello Luiz Antonio Antunes de Oliveira	CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO: AS FEIRAS ORGÂNICAS COMO PONTO DE DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO	N	ALC

André A. Michelato Ghizelini	Agricultura Familiar e a Política dos Atores: o Programa de Aquisição de Alimentos como promotor de espaços de produção de atores	N	ALC
C.Giacomini	SYAL ET STRUCTURE DEL'OFFRE SUR LE MARCHÉ GLOBAL	S	ND
Alejandro R.CH	¿GOBERNANZA O DESORGANIZACIÓN TERRITORIAL ENTRE DOS COMUNIDADES DEL ESTADO DE MORELOS, MÉXICO?	N	ALC
M.Sc.Gaby Quagliariello	Política social, acción colectiva e institucionalidad en la construcción de sistemas agroalimentarios localizados. La experiencia del desarrollo cunícola en Mendoza, Argentina.	N	ALC
Gisele T. Molinari Antonio D. Padula	ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES ATUANTES NO VALE DOS VINHEDOS: BASE E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO	N	ALC
Geni Satiko Sato	THE WINE TOURISM IN YAMANASHI, JAPAN : VALORIZATION OF LOCAL PRODUCT AND THE TERRITORY	N	ASI
Cláudio Becker Shirley Nascimento Altemburg Flávio Sacco dos Anjos	CONSUMO SOCIAL DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR: AS POLÍTICAS PÚBLICAS AGROALIMENTARES BRASILEIRAS E ESPANHOLAS EM PERSPECTIVA COMPARADA	N	ALC EUR
Elena Schiavone	HERRAMIENTAS LEGALES PARA LA DIFERENCIACION y CALIFICACION DE PRODUCTOS DEL SIAL EN LOS PAISES DEL MERCOSUR: APROPIACION DE LA VALORIZACION POR LOS ACTORES.Posibles herramientas binacionales o regionales	S	ALC

Verdi, Otani, Souza, M.C.M de.	A.R. M.N.	GOVERNANÇA TERRITORIAL DAS CÂMARAS SETORIAIS DA AGROPECUÁRIA PAULISTA	N	ALC
François José A. Fraire Cervantes Juan Antonio Reyes	Boucher	APORTES DEL ENFOQUE DE SISTEMA AGROALIMENTARIO LOCALIZADO (SIAL) A LA GESTIÓN TERRITORIAL. REFLEXIÓN A PARTIR DEL PROCESO DE ACTIVACIÓN DE CUATRO TERRITORIOS EN AMÉRICA LATINA	S	ALC
Geise Assis Mascarenhas		CONSÓRCIOS INTERMUNICIPAIS DE DESENVOLVIMENTO: DO PRIVADO AO PÚBLICO	N	ND
Ivana Iyulka HORI Lucas Labigalini FUINI		Arranjos Produtivos Locais (APL) e Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL): Nexos e controvérsias teórico-conceituais	S	ND
Grasa, Ghezán,Graciela	Oscar	REDES CONFORMADAS POR PEQUEÑOS PRODUCTORES ORGÁNICOS: EL CASO COOPSOL	N	ALC
SILVA, V. S. ROVER, O. J		AGROECOLOGIA PÓS RIO+20: ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS?	N	ND
Geovana Javier Thellaeche Ortiz Carsten Nico Portefée Hjortsø Paul Rye Kledal	Mercado	¿CON LA VARA QUE MIDAS SERÁS MEDIDO?SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALES Y CONCEPCIONES DE INOCUIDAD ALIMENTARIA	N	ND

S-E Hugo Bosque Jacobsen			
Humberto Thomé Ortiz Marie-Christine Renard	“LA RUTA DEL NOPAL, ACCIÓN COLECTIVA, PATRIMONIO RURAL Y TURISMO AGROALIMENTARIO EN EL CORAZON DE MÉXICO	N	ALC
Gerardo Torres-Salcido Rodrigo Meiners-Mandujano David A. Morales-Córdova Velia Marina-Carral Gerardo Alonso-Torres	Agricultura familiar y sistema agroalimentario localizado. Políticas locales para la producción de cuitlacoche	S	ALC
SILVA, G. P. Da BALEM, T. A. VELA, H. A. G. SILVEIRA, P. R. C. Da VIERO BEM, A. E	NOVAS RELAÇÕES DE CONSUMO EM SISTEMAS ALIMENTARES LOCALIZADOS: O CASO DA POLÍTICA PÚBLICA JEITO CASEIRO EM SÃO FRANCISCO DE ASSIS	S	ALC
EIXO 4			
Sandra Mara Schiavi Bánkuti Ferenc Istvan Bánkuti Melise Dantas Machado Bouroullec	Incentives to Fair trade certification: the case of orange production in the state of Paraná, Brazil	N	ALC

Carduza Fernando Champredonde Marcelo Casabianca François	Paneles de evaluación sensorial en la Identificación y caracterización de alimentos típicos. Aprendizajes a partir de la construcción de la IG del Salame de Colonia Caroya, Argentina	N	ALC
Jesús Gastón Gutiérrez Cedillo José Isabel Juan Pérez Carlos Constantino Morales Méndez	PROPUESTA PARA UN SISTEMA AGROALIMENTARIO LOCALIZADO (SIAL), BASADO EN TURISMO GASTRONÓMICO TRADICIONAL RURAL, AL SUR DEL ESTADO DE MÉXICO	S	ALC
Champredonde Marcelo Cesín Vargas Alfredo	MECANISMOS DE CALIFICACIÓN E INCIDENCIA DE LAS NO-CALIDADES EN EL RESULTADO ECONÓMICO DE LAS DENOMINACIONES DE ORIGEN. UNA REFLEXIÓN A PARTIR DEL CASO DEL QUESO COTIJA DE MÉXICO	N	ALC
José Marcos Froehlich Santiago AmayaCorchuelo	IGsE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL –OBSERVAÇÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS EM DIFERENTES CONTEXTOS IBEROAMERICANOS	N	ALC EUR
Ana Elisa B.S. Lourenzani Sandra M.S. Bankuti Hikaru H. Peterson	GEOGRAPHICAL INDICATION AND LAFS SUSTAINABILITY: EVIDENCES FROM SPECIALTY COFFEE FROM THE NORTE PIONEIRO REGION IN BRAZIL	S	ALC
Pérez y Pérez, Luis Sanz-Cañada, Javier Egea, Pilar	EXTERNALIDADES TERRITORIALES EN SISTEMAS AGROALIMENTARIOS LOCALES UNA METODOLOGIA DE VALORIZACION DE LAS PREFERENCIAS SOCIALES EM DENOMINACIONES DE ORIGEN DE ACEITE DE OLIVA	S	ND

Jeremías Otero	REFLEXIONES EN TORNO A LA VALORIZACIÓN DE PRODUCTOS AGROALIMENTARIOS LOCALES PARA EL DESARROLLO RURAL	S	ND
Sirlei Tonello Tisott Renata Gonçalves Rodrigues Verônica Schmidt	Silvicultura: um estudo bibliométrico realizado na base de referências bibliográficas web of science	N	ND
Bruno Osvaldo Anchieta Souza Paulo Celso Santiago Bittencourt Tainá Carvalho Pantoja	PRÁTICA ALTERNATIVA DE MANEJO: Produção de açaí na entressafra em Igarapé-Miri, Pará	N	ALC
Mauro De Bonis Almeida Simões Sergio Leite Guimarães Pinheiro Claire Cerdan Claudia Ranaboldo Fabiana Jacomel Caroline Schio Simone Poletto Mariana Acalante Policarpo Eriberto Buchmann	Dinâmicas territoriais sustentáveis em Santa Catarina (Brasil): ações, desafios e oportunidades para construção de cesta de bens e serviços com identidade cultural	N	ALC

Luiz Carlos Mior Divan Luiz Ferrari			
Lenin Alberto Toledo Pazmiño Silverio Alarcón Eva Iglesias	VALORACIÓN DE LA PROPUESTA SOBRE LA NO EXPLOTACIÓN DE PETRÓLEO DEL PARQUE NACIONAL YASUNI ITT DE ECUADOR MEDIANTE EL MÉTODODE VALORACIÓN CONTINGENTE	N	ALC
Juliano Strachulski Nicolas Floriani	LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NO MEIO RURAL DO MUNICÍPIO DE CÂNDIDO DE ABREU -ESTADO DO PARANÁ, BRASIL	N	ALC
VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto GARCIA, Junior Ruiz BRUCH, Kelly Lissandra	Análise Econômico-Ecológica dos efeitos da mudança climática na região delimitada pela Indicação de Procedência “Vales da Uva Goethe” em Santa Catarina - Brasil	N	ALC
Eduardo López Rosse A.	PRODUCTIVE AGRO-FOOD CHAINS AND TRANSACTION COSTS FOR SMALL PRODUCERS IN BOLIVIA	N	ALC

Vimo,P. Otero,J. Velarde,I. Fernández,L Raimundi,G	El queso Banquete de Tandil, Argentina: un producto agroalimentario típico en proceso de valorización	N	ALC
Cordeiro, Eduardo Firak	PROSPECTIVA DE SISTEMAS ALIMENTARES TERRITORIALIZADOS (SALT'S)BASEADOS NA AGROECOLOGIA. ESTUDO DE CASO NO LITORALCENTRO-SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA/BRASIL	S	ALC
Olga Eurípedes França Moisés Villamil Balestro	LIMITES PARA A COMPLEMENTARIDADE ENTRE PRODUÇÃO AGROALIMENTAR E TURISMO: O CASO DO QUEIJO DO SERRO COMO SISTEMA AGROALIMENTAR LOCAL (SIAL)	S	ALC
Marilyn Muñoz Luis Ambrosio Valero Pascual	UN MODELO LOGIT MULTINOMIAL PARA EL ANÁLISIS DE LA ELECCIÓN DE LA ALTERNATIVA DE CULTIVOS POR PARTE DE LOS AGRICULTORES. APLICACIÓN A LOS CULTIVOS AGROENERGÉTICOS EN ECUADOR	N	ALC
Suzana Maria Pozzer da Silveira Paulo Henrique Freire Vieira	Redes de agroecologia: uma inovação estratégica para o desenvolvimento territorial sustentável. Estudo de caso de dois grupos do Núcleo Litoral Catarinense da Rede Ecovida de Agroecologia no período de 2002 a 2012.	N	ALC
Marta Von EndeFelipe Dagnese Cícero Urbanetto Nogueira	VIABILIDADE ECOÔMICA DE UMA MICRODESTILARIA PARA APRODUÇÃO DE ÁLCOOL A PARTIR DA CANA-DE-AÇÚCAR: ESTUDO DE CASO DA USIA DE ETAOL DO COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM	N	ALC

Helena Maria Camilo de Moraes Nogueira Gabriel Murad Velloso Ferreira			
--	--	--	--

VII CONGRESSO SIAL – 2016

Autor(es)	Artigo	Menciona SIAL?	Região
<i>EIXO 1</i>			
Jessica Lindbergh; Birgitta Schwartz	A study on community development and small-scale food production: multifaceted demands on rural entrepreneurs	N	ND
Ursula Hård.	Can one live on food? Local development and new enterprises by means of local food production	N	ND
Emilio Galdeano-Gómez; Laura Piedra-Muñoz; Juan C.	Family farm's features influencing on socioeconomic sustainability: An analysis of agri-food system in southeast Spain.	N	EUR

PérezMesa; Ángeles Godoy-Durán.			
Roxana Maria Triboi.	Spontaneous Large Scale Practice in Romania. Urban Pastoralism as an Environmental Tool for Recreating and Maintenance of Ecological Corridors.	N	EUR
Bolette Bele; Hanne Sickel; Ann Norderhaug	Local food production and terroir effects - ecosystem services from alpine semi-natural grasslands.	N	EUR
Håkan Tunón	Sustainability in rural development based on natural and cultural heritage.	N	ND
Paulina Rytönen	Shared Legacy – Separate Ways. Culinary heritage, governance and rural development in Jämtland and Västernorrland.	N	EUR
Stefan Ewert.	Regional Governance and Local Agrifood Systems in Germany: The Role of the Bundesländer in Rural Development Policy and the Development of SYAL.	S	EUR
Madeleine Bonow; Maria Normark.	The sustainability of Urban Agriculture’ (UA): An example of SYAL from community and collective gardens in Stockholm.	S	EUR
Marcello De Rosa; Luca Bartoli	Creating value through knowledge transfer: the role of rural development policies in GIs areas.	N	ND
Lars Degerstedt; Paulina Rytönen.	Communication, sharing and value co-creating – Redefining the role of the rural in the age of wikinomics.	N	ND
Francesco Contò; Anna Di Pace; Anita Norlund; Sara	Ict Platform and Gaming to social change in rural area	N	ND

Djelveh; Nicola Faccilongo; Alessia Scarinci; Lucia Borelli.			
M ^a Fátima Lorena de Oliveira; M ^a Leonor da Silva Carvalho	New farmers in Portuguese Agriculture: The role of the Younger's farmer	N	EUR
Alessandro Corsi; Silvia Novelli.	Alternative Food Networks and short food chains: estimating the economic value of the participation in ethical purchasing groups.	N	ND
Jesús Gastón Gutiérrez Cedillo; Luis Guadarrama García; Angélica Espinoza Ortega	Milk candy handicraft tradition at Toluca, México. Familiar enterprise viability analysis.	N	ALC
Malin Gawell	Earth, Food and Glocal Entrepreneurship - Lush Ingredients in Rural Development?	N	ND
Yvonne Vizcarra Bordi; Angélica Espinoza Ortega; Humberto Thomé Ortiz; Sergio Moctezuma Pérez.	Género, maíz y políticas sociales en la transición de los patrones alimentarios y nutrimentales de hogares indígenas en México	N	ALC
Fernando Cervantes Escoto; Fabiola Sandoval Alarcón; Alfredo Cesín Vargas; Abraham Villegas de Gante	La Producción del Queso de Prensa en la Pequeña África de México.	N	ALC

Myriam Poisot Cervantes; J. L. Tamayo.	Diagnóstico del sistema alimentario comunitario de la comunidad agraria Redención del Campesino, en la Región del Usumacinta en México.	N	ALC
Angélica Espinoza-Ortega; Carlos Galdino Martínez-García; Humberto Thome-Ortiz; Ivonne Vizcarra Bordi.	Motivos de Elección de los Alimentos del Consumidor del Centro de Mexico	N	ALC
EIXO 2			
Alfredo Macías Vázquez.	Governing fishing communities in a post-industrial economy: the case of Carril (Spain).	N	EUR
Gerardo Torres Salcido	Territorial governance. A Comparative Study of Local Agrifood Systems (LAFS) in Mexico.	S	ALC
Maria Laura Cendón; Javier Sanz-Cañada; Delio Lucena.	Innovation and collaboration networks in the Local Agro-food System of the “Sierra Mágina olive-oil PDO” (Andalusia, Spain).	S	EUR
Giulia Scaglioni	The role of EU regional networks in supporting research and innovation on GIs and LAF systems: the case of AREPO.	S	EUR
Luis Orozco	Individual strategies and collective action: producers associations dynamics in the Amazonian region of Ecuador.	N	ALC
Manuel Parras Rosa; Francisco José Torres Ruiz; Manuela Vega Zamora.	Public and private strategies for business profitability and territorial development: sustainability of an olive grove in the province of Jaen.	N	EUR

Marta Arosio	Short Food Supply Chains: a Latin American perspective from the territorial approach and valorization of identity and bio-cultural assets.	N	ALC
María del Carmen del Valle Rivera; Jessica Mariela Tolentino Martínez.	Territorial governance and social innovation: the cases of artisan cheese and rice in Mexico.	N	ALC
Alma Delia Santiago Solano; Liz Ileana Rodríguez Gámez.	Governance practices in cheese production systems: its contribution in strengthening institutions for promoting territorial development (Sonora, Mexico).	N	ALC
Susan Machum	‘The new is simply the long-forgotten old’: Transitioning back local food movements.	N	ND
Denis Requier-Desjardins	Taking account of demand: what impact on LAFS-based rural territorial development in Latin America	S	ALC
Florjan Bombaj; Dominique Barjolle; Theodosia Anthopoulou	Sheep breeding system in Southern Albania between political transition and market integration.	N	EUR
Mirene Begiristain; Eduardo Malagón; Juan Aldaz; Aintzira Oñederra.	Farmers' markets in the Basque Country: economic and social impact assessments.	N	EUR
Maria Cecilia Mancini; Filippo Arfini.	A producers' strategy for an Italian PDO product between economic crisis and quality - Consumers' expectations: the short food supply chains (SFSCs).	N	EUR
Aliou Diallo	Assessing the impact of PDO label adoption on dairy farmers' economic performances.	N	ND

Nina Paloma Neves Calmon de Siqueira Branco; Ícaro Ribeiro da Silva Cazumba; Sheila Lima Rodriguez Monte Nero; Alaane Caroline Benevides de Andrade; Camila Gomes Conceição; Josenai dos Santos Andrade; Ryzia de Cassia Vieira Cardoso; Janice Izabel Druzian.	The tradition of Copioba cassava flour produced in Bahia - Brazil: a contribution to Protected Geographical Indication (PGI).	N	ALC
Marecelo Champredonde; François Casabianca.	Qualities transmitted by territorial branding. Proposal for a new Typology.	N	ND
M. David Garcia Brenes; Giovanni Belletti; Javier Sanz Cañada.	Different Roles of Geographical Indications in Extra Virgin Olive Oil Value Chains	N	ND
Dominique Barjolle; Philippe Jeanneaux; Emilie Vandecandelaere; Catherine Teyssier; Stéphane Fournier;	The economic impacts of Geographical indications: evidences from cases studies.	N	ND

Olivier Beucherie; Giovanna Michelotto.			
David Rodolfo Domínguez Arista; Marie-Christine Renard	Denomination of Origin and Exclusion: The Case of the Mezcal of Teozacoalco, Oaxaca, Mexico.	N	ALC
EIXO 3			
Daniela García-Grandon; Sarah Bowen; Sinikka Elliott.	Transnational Localities: Latina Immigrant Women and Alternative Food Systems in the United States.	N	AMN
Silvia Novelli; Alessandro Corsi.	Economic sustainability of short food chains: the case of the Solidarity Purchasing Groups in Italy.	N	EUR
Mario Pensado; Andrew Smolski.	Circuitos Cortos alimentarios y Mercados Públicos, ¿Conflicto o complementariedad en el abasto alimentario urbano?	N	ND
Ana E Hervás; Teresa Briz; Maria Puelles.	Strategies to Promote the Consumption of Local Food in the Region of Madrid (Spain).	N	EUR
Theodosia Anthopoulou; Michael Petrou.	The emergence of alternative agro-food networks in times of crisis. The blooming of markets “without intermediaries” in the metropolitan area of Athens.	N	EUR
Geni Satiko Sato; Malimiria N. Otani; Otani Rocha; Patrick Ayrvie de Assumpção.	The short food supply chain associated with tourism and gastronomy: The Coruputuba farmer, in São Paulo, Brazil.	N	ALC

François Boucher; R. Antonio Riveros-Cañas; Angélica Espinoza-Ortega	Inclusive and Dynamic Economic Growth in Rural Areas: Alternatives from SYAL and Short Chains.	S	ND
Mr Mark Stein; Dr Yiannis Polychronakis.	Public Food Procurement: logistical arrangements to promote local supply.	N	ND
Bent Egberg Mikkelsen; Martin Lundø.	Monitoring progress in Public Organic Procurement Policy (POPP's) implementation - na important tool in organic food & farming policies?	N	ND
Fragkos Spyridon; Bent Egberg Mikkelsen.	Multistakeholder governance as a way to promote sustainable food & farming strategies - case of Public Organic Procurement Policies in Denmark (POPPs) in Denmark.	N	EUR
Helmi Risku-Norja	Local food and municipal food services: case Kiuruvesi, Finland.	N	EUR
Andrea Fantini; Oscar José Rover; Thaise Costa Guzzatti	Agritourism and orientation to Short Circuits Commercialization of organic food: a case study “Acolhida na Colônia”, Brazil.	N	ALC
Humberto Thomé Ortiz	Agri-Food tourism and territorial appropriation. The case of wine tourism in Central Mexico.	N	ALC
María Antonieta Rey Bolaños; Feliu López-i-Gelats.	Adaptation of Andean rural communities of Ecuador to global environmental change: the cases of community-based tourism and ecotourism.	N	ALC
Silvia Scaramuzzi, Francesca Papini; Giovanni Liberatore.	Rebranding a rural destination: from the discovery of an identity to the construction of a formal firm network. The case of experiential rural tourism in Florence Hills.	N	EUR
Christian Widholm	Heritage, Emotional Communities and Imaginary Childhood Landscapes.	N	ND

EIXO 4			
Feliu López-Gelats; Marta Guadalupe Rivera-Ferre; Virginia Vallejo-Rojas; Maria Antonieta ReyBolaños	The vulnerability of Mediterranean beekeeping to global environmental change.	N	EUR
Kari Koppelmäki; Markus Eerola; Sophia Albov; Jukka Kivelä; Juha Helenius; Erika Winqvist; Elina Virkkunen.	Palopuro Agroecological Symbiosis: Local Sustainable Food and Farming Development Project.	N	EUR
Fred Saunders; Gloria L. Gallardo F.; Truong Van Tuyen; Serge Raemaekers; Boguslaw Marciniak; Rodrigo Díaz Plá.	Transformation of Small-scale Fisheries – Critical Transdisciplinary Challenges and Possibilities.	N	ND
Paulina Rytönen	De-localizing agri-food systems – governance, livelihoods and vulnerability - The case of El Alfalfal, Cajón del Maipo (Chile).	N	ALC
Cláudia de Souza; Claire Marie Thuillier Cerdan	Innovaciones, sinergias y conflictos en la dinámica de desarrollo territorial en Bahía occidental.	N	ALC
Allison Loconto; Emilie Vandecandelaere	Agroecology, local food system and their markets.	S	ND

ANEXO D – PRODUÇÃO CIENTÍFICA SIAL NO BRASIL

Autores	Instituição	Título	Ano	Edição
Cerdan Claire Sautier Denis	CIRAD CIRAD	Construção e desenvolvimento dos territórios rurais : Sistemas de produção de queijo em sergipe	2002	EMBRAPA
Hoyêdo Nunes Lins	UFSC	Território, Cultura e Inovação. A Ótica dos Sistemas Agroalimentares Localizados	2004	IX Encontro Nacional de Economia Política
Hoyêdo Nunes Lins	UFSC	Sistemas agroalimentares localizados: possível "chave de leitura" sobre a maricultura em Santa Catarina	2006	Rev. Econ. Sociol. Rural
Guilherme Cunha Malafaia Julio Otávio Jardim Barcellos DENISE BARROS DE AZEVEDO	UCS UFRGS CEPAN	Construindo vantagens competitivas para a pecuária de corte do Rio Grande do Sul: o caso da indicação de procedência da" Carne do Pampa Gaúcho	2006	Seminários em Administração
Guilherme Cunha Malafaia Julio Otávio Jardim Barcellos Daniela Basso Poletto Tamara Esteves	UFRGS UFRGS UCS UFRGS	As convenções de qualidade como suporte à configuração de arranjos produtivos sustentáveis na pecuária de corte	2006	JORNADA TÉCNICA EM SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE BOVINOS DE CORTE E CADEIA PRODUTIVA

Guilherme Cunha Malafaia Julio Otavio Jardim Barcellos	UCS UFRGS	SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS E A VISÃO BASEADA EM RECURSOS: CONSTRUINDO VANTAGENS COMPETITIVAS PARA A CARNE BOVINA GAÚCHA	2007	REVISTA DE ECONOMIA E AGRONEGÓCIO
Guilherme Cunha Malafaia	UFRGS	As convenções sociais de qualidade como suporte à configuração de sistemas agroalimentares locais competitivos: um estudo cross country na pecuária de corte	2007	tese doutorado
Larissa Bueno Ambrosini	UFRGS	Sistema agroalimentar do queijo serrano : estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares dos Campos de Cima da Serra-RS	2007	Dissertação de Mestrado
Paulo DA SILVEIRA Aline WEBER SULZBACHER Gisele MARTINS GUIMARÃES Pedro NEUMANN		A construção da identidade territorial em sistemas agroalimentares localizados: o caso da região da Quarta Colônia de imigração Italiana do Rio Grande do Sul/Brasil	2008	IV Congreso Internacional de la Red SIAL
Paulo DA SILVEIRA Gisele MARTINS GUIMARÃES Pedro NEUMANN C. G. MALMANN		Redefinindo Riscos Alimentares em Sistemas Agroalimentares Localizados: O Desafio da Validação Social da Qualidade em Circuitos Extras Regionais	2008	IV Congreso Internacional de la Red SIAL

Suzimary Specht Aldomar Arnaldo Ruckert	UFRGS	Sistema Agroalimentar Local: Uma Abordagem Para A Análise Da Produção De Morangos, No Vale Do Caí, Rs	2008	XLVI SOBER
Larissa Bueno Ambrosini Eduardo Ernesto Filippi Lovois de Andrade Miguel	Université d'Auvergne UFRGS UFRGS	SIAL: análise da produção agroalimentar a partir de um aporte territorialista e multidisciplinar	2008	Revista Ideas
Larissa Bueno Ambrosini Eduardo Ernesto Filippi	ENITA / Université Clermont I UFRGS	DA ERA DO DESENVOLVIMENTO AO DESENVOLVIMENTO RURAL : SISTEMAS PRODUTIVOS LOCALIZADOS SOB A PERSPECTIVA DE KARL POLANYI	2008	Revista do Desenvolvimento Regional (REDES)
Larissa Bueno Ambrosini Eduardo Ernesto Filippi	ENITA UFRGS	Sistema agroalimentar do queijo serrano: estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares no sul do Brasil	2008	IV Congresso Internacional de la Red SIAL
Moraes, Jorge Luiz Amaral de	UFRGS	Dinâmicas sócio-econômicas de desenvolvimento dos territórios rurais: os sistemas produtivos localizados (SPLs) da Região Vale do Rio Pardo-RS	2008	tese doutorado
Suzimary Specht	UFRGS	O território do morango no Vale do Caí/RS : análise pela perspectiva dos sistemas agroalimentares localizados	2009	tese doutorado
Bernard Pecqueur		A guinada territorial da economia global	2009	Política e Sociedade
Paulo André Nierdele	UFRRJ	Delimitando as fronteiras entre mercados convencionais e alternativos para a agricultura familiar	2009	Revista Extensão Rural

Guilherme Cunha Malafaia Maria Emilia Camargo Denise Barros de Azevedo Rosa Maria Valdebenito Sanhueza	UCS UCS UFRGS PROTERRA	Desafios para a articulação de um Sistema Agroalimentar Local no agronegócio brasileiro da maçã: o caso da região dos Campos de Cima da Serra	2009	RACE
Angélica Margarete Magalhães Roselene de Queiroz Chaves Tânia Nunes da Silva	UFRGS UFRGS UFRGS	VIABILIDADE DA INTRODUÇÃO DO MEL NA MERENDA ESCOLAR: OPORTUNIDADE E DESAFIO PARA O AGRONEGÓCIO APÍCOLA	2009	REVISTA DE ECONOMIA E AGRONEGÓCIO
Geni Satiko Sato	Instituto de Economia Agrícola	HORTALIÇAS MINIMAMENTE PROCESSADAS: uma atividade agroindustrial no interior de São Paulo	2009	Informações Econômicas SP
Jorge Amaral de Moraes Sérgio Schneider	UNISC UFRGS	A abordagem dos Sistemas Produtivos Localizados (SPLs) Rurais e as dinâmicas sócio-econômicas de desenvolvimento dos territórios rurais da região Vale do Rio Pardo.	2009	Revista do Desenvolvimento Regional (REDES)
Jorge Luiz Amaral de Moraes Sérgio Schneider	UNISC UFRGS	A CONTRIBUIÇÃO DA ABORDAGEM DOS SISTEMAS PRODUTIVOS LOCALIZADOS (SPLS) PARA O ESTUDO DAS DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO DOS TERRITÓRIOS RURAIS	2009	47º Congresso da SOBER

Jorge Luiz Amaral de Moraes Sérgio Schneider	Universidade de Santa Cruz do Sul UFRGS	Perspectiva territorial e abordagem dos sistemas produtivos localizados rurais: novas referências para o estudo do desenvolvimento rural	2010	Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional
Jaqueline Mallmann Haas Aline Weber Sulzbacher Jairo Alfredo Genz Bolter Pedro Selvino Neumann	UFSM UNESP UFRGS UFSM	O complexo agroindustrial e a agricultura familiar: além das tradicionais fronteiras	2010	Informe GEPEC
Paulo Eduardo MORUZZI MARQUES Kleber Andolfato de OLIVEIRA	USP USP	ESPECIFICIDADES TERRITORIAIS: ELABORAÇÃO DE REFERÊNCIAS PARA ESTUDOS SOCIAIS SOBRE O MUNDO RURAL	2010	I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço
Pietro de Almeida Cândido Guilherme Cunha Malafaia Marcelo Lacerda Rezende	Universidade Federal de Alfenas UCS Universidade Federal de Alfenas	A exploração do pequi na região norte de Minas Gerais: abordagem por meio do Sistema Agroalimentar Localizado	2011	Revista Ideas
Claudia Job Schmitt	UFRRJ	Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos	2011	Revista Agriculturas

Luiz Carlos Dematte Filho Paulo Eduardo Moruzzi Marques	USP USP	Dinâmica tecnológica da cadeia industrial da avicultura alternativa: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade	2011	Segurança Alimentar e Nutricional
Sônia de Souza Mendonça Menezes	Universidade Federal de Sergipe	Queijo artesanal: identidade, prática cultural e estratégia de reprodução social em países da América Latina	2011	XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina
Ezequiel Redin	UFSM	Desenvolvimento Territorial e Extensão Rural: impasses e desafios	2011	V Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional
Claire Cerdan (Coordenadora) Paulo Freire Vieira Mariana Policarpo Melissa Vivacqua Adinor Capellesso Helio Castro Rodrigues Benjamin Martinel Eduardo Cordeiro Anais Lesage, Francisca Meynard Aglair Pedrosa	RIMISP	Desenvolvimento territorial sustentável na zona costeira do Estado de Santa Catarina Brasil	2011	RIMISP

Juliana Maiara Maria Aparecida Ferreira.	Adriano Leonel				
Tatiana J. P. de A. Silva	Walter Wilkinson	Universidade Federal do Rio Grande UFRRJ UFRRJ	A análise da cadeia produtiva dos catados como subsídio à gestão costeira: as ameaças ao trabalho das mulheres nos manguezais e estuários no Brasil	2012	Revista de Gestão Costeira Integrada
Marcelo Lacerda Rezende Pietro de Almeida Cândido Guilherme Cunha Malafaia		Universidade Federal de Alfenas Universidade Federal de	Sistemas agroalimentares localizados: uma abordagem para a exploração do marolo na região de Alfenas, Minas Gerais	2012	SCIENTIA PLENA

	Alfenas UCS			
Marcella Cervigne Craveiro Thelma Lucchese Cheung Fabricia Teixeira Sanches Rafael Martins Noriller	UFMS	SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCALIZADOS COMO MEIO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL PARA A REGIÃO DE ROCHEDINHO – MS	2012	V ECAECO
Sônia de Souza Mendonça Menezes José Natan Gonçalves da Silva Samuel dos Santos	UFS UFS C. E. Manoel Messias Feitosa	Queijo de coalho caseiro: a tradição como ativo territorial no município de Porto da Folha	2012	Ateliê Geográfico
Lucas Labigalini Fuini	UNESP	Abordagem dos sistemas agroalimentares localizados (sial) e sua governança: reflexões sobre o desenvolvimento dos territórios	2013	Estudos Geográficos
Freire Vieira Paulo Cerdan Claire	UFSC CIRAD	Desenvolvimento territorial, sistemas agroalimentares localizados e ecologia	2013	INTERthesis
VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto GARCIA, Junior Ruiz BRUCH, Kelly Lissandra	UNESC UFPR UFRGS	ANÁLISE ECONÔMICO-ECOLÓGICA DOS EFEITOS DA MUDANÇA CLIMÁTICA NA REGIÃO DELIMITADA PELA INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA “VALES DA UVA GOETHE” EM SANTA CATARINA - BRASIL	2013	VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados

Freire Vieira Paulo	UFSC	Do desenvolvimento local ao ecodesenvolvimento territorial	2013	INTERthesis
Thelma Lucchese Cheung	UFMS	Desenvolvimento da agricultura familiar: investigação sobre o espaço rural e o território como referência para estudar o caso do município de Terenos, MS	2013	Interações
Denis Requier-Desjardins	Universidade de Toulouse	Sistemas agroalimentares localizados e qualificação: uma relação complexa	2013	INTERthesis
Mauro De Bonis Almeida Simões Sergio Leite Guimarães Pinheiro Claire Cerdan Claudia Ranaboldo Fabiana Jacomel Caroline Schio Simone Poletto Mariana Acalante Policarpo Eriberto Buchmann Luiz Carlos Mior Divan Luiz Ferrari	UDESC EPAGRI CIRAD RIMISP AMA/UFSC AMA AMA UFSC EPAGRI EPAGRI EPAGRI	Dinamicas territoriais sustentaveis em Santa Catarina (Brasil): ações, desafios e oportunidades para construção de cesta de bens e serviços com identidade cultural	2013	VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados

D. L. FERRARI L. C. MIOR T. MARCONDES M. MONDARDO	EMBRAPA EMBRAPA EMBRAPA EPAGRI	AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES E CONSTRUÇÃO SOCIAL DE MERCADOS: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS A PARTIR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL	2013	VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados
Sandra Mara Schiavi Bánkuti Ferenc Istvan Bánkuti Melise Dantas Machado Bouroullec	UFSCar/UEM UFSCar/UEM UFSCar/Ecole d'Ingénieurs de Purpan	Incentives to Fair trade certification: the case of orange production in the state of Paraná, Brazil	2013	VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados
Alexandra Filipak Sany Spínola Aleixo	UNESP UNESP	Políticas Públicas de Segurança Alimentar e Nutricional e as relações com grupos étnicos e identitários no campo: negociações e conflitos na formação de Sistemas Agroalimentares Locais	2014	Jornada de Estudos Agrários
Luiz Carlos Demattê Filho	USP	Sistema agroalimentar da avicultura fundada em princípios da Agricultura Natural: multifuncionalidade, desenvolvimento territorial e sustentabilidade	2014	tese doutorado
Eduardo Firak Cordeiro	UFSC	Sistemas Alimentares Alternativos: o papel dos circuitos curtos de comercialização de produtos agroecológicos em Florianópolis, SC	2014	Dissertação de Mestrado

Paulo Eterno Venâncio Assunção	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Goiatuba Universidade Federal de Goiás EMBRAPA	Sistemas Agroalimentares Locais: Uma Abordagem para a Análise da Produção de Pequi e Derivados em Municípios do Sul Goiano	2014	Conjuntura Econômica Goiana
Marina Aparecida Silveira Alcido Elenor Wander				
Suzimary Specht	UFRGS / UFSM	Morangos do Vale do Caí-RS: um sistema agroalimentar territorializado / Strawberry from Vale do Caí-RS: a located agrifood system	2014	CAMPO - TERRITÓRIO: REVISTA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
Tatiana Aparecida Balem Gustavo Pinto da Silva Paulo Roberto Cardoso da Silveira	UFSM UFSM UFSM	O impacto do mercado institucional da alimentação escolar no fortalecimento da agricultura familiar	2014	REVISTA ALASRU
Maria Alice Fernandes Corrêa Mendonça	UFRGS	Sistemas agroalimentares e sustentabilidade: sistemas de certificação da produção orgânica no Sul do Brasil e na Holanda	2015	tese doutorado

Jorge Luiz Amaral de Moraes	Universidade de Santa Cruz do Sul	Formação de um Sistema Agroalimentar Localizado (SIAL) na Região Vale do Caí (RS)	2015	Informe GEPEC
Gilberto Mascarenhas Jean-Marc Touzard	UFRRJ SupAGRO/INRA	Construção da qualidade em sistemas agroalimentares localizados (Sial)	2015	Revista de Política Agrícola
Rozane Marcia Triches Cristiane Perondi Aline Luiza Fuhr	UFES UFES UFES	EDUCAÇÃO ALIMENTAR PARA SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS NO CONTEXTO DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	2015	Revista Faz Ciência
Sergio Luiz de Oliveira Vilela Maria Dione Carvalho de Moraes	EMBRAPA UFPI	Agricultura urbana e periurbana: limites e possibilidades de constituição de um sistema agroalimentar localizado no Município de Teresina - PI	2015	EMBRAPA
Suellen Secchi Martinelli Panmela Soares Rafaela Karen Fabri Graziella Regina Alba Campanella Oscar José Rover Suzi Barletto Cavalli	UFSC Universidad de Alicante UFSC UFSC UFSC UFSC	POTENCIALIDADES DA COMPRA INSTITUCIONAL NA PROMOÇÃO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS E SUSTENTÁVEIS: O CASO DE UM RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO	2015	Segurança Alimentar e Nutricional
Gustavo Pinto da Silva Tatiana Aparecida Balem Paulo Roberto Cardoso da	UFES UFES UFES Universidade	A CONSTITUIÇÃO DO SIAL (SISTEMA AGROALIMENTAR LOCALIZADO) DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (RS) A PARTIR DE ESTRATÉGIAS LOCAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS	2015	Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Silveira Antonio Erico Bem	Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões			
Hoyêdo Nunes Lins	UFSC	Desenvolvimento Territorial Rural: alguns termos do debate, sistemas agroalimentares localizados e agroturismo	2016	Revista Economia e Ensaio
Leticia Andrea Chechi Paulo André Niederle Glauro Schultz	UFRGS UFRGS UFRGS	Erva-mate, tradição e inovação: Um estudo a partir dos sistemas agroalimentares localizados	2016	Eutopia: Revista de Desarrollo Económico Territorial
Jorge Luiz Amaral de Moraes	Universidade de Santa Cruz do Sul	Agricultura Familiar, Sistemas Agroalimentares Localizados (SIALs) e as Dinâmicas de Desenvolvimento dos Territórios Rurais	2016	Revista do Desenvolvimento Regional (REDES)
Rozane Marcia Triches	UFFS / UFRGS	SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCAIS A PARTIR DA REVISÃO DAS COMPRAS PÚBLICAS DE ALIMENTOS PARA A ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	2016	Revista Mundi Meio Ambiente e Agrárias
IVANILDA FOSTER DE ALMEIDA JÉSSICA FISCHER JANAÍNA MARIA FERREIRA DE SOARES LUCENI MEDEIROS	Universidade Federal do Rio Grande Universidade Federal do Rio Grande	A cadeia produtiva da piscicultura em São Lourenço do Sul/RS	2016	Revista Sinergia

HELLEBRANDT LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWISKI DE ANELLO TATIANA WALTER	Universidade Federal do Rio Grande UFSC Universidade Federal do Rio Grande Universidade Federal do Rio Grande			
Julio Cesar Zilli Adriana Carvalho Pinto Vieira Kelly Lissandra Bruch	UNESC/UFRJ UNESC/UFRJ UFRGS	POLÍTICAS PÚBLICAS COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS	2016	Revista Foco
Murilo Carlos Siqueira	UFPR	Sistema agroalimentar localizado (SIAL) e as atividades de comunidades do encontro da PR - 508 (Rodovia Alexandra- Matinhos)	2016	Dissertação de Mestrado
Sônia de Souza Mendonça Menezes	UFS	DA TRADIÇÃO À REINVENÇÃO: SABERES E FAZERES NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS COMO ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL	2016	III Seminário “Alimentos e Manifestações Culturais Tradicionais”

Hoyêdo Nunes Lins	UFSC	O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL EM FOCO: TERMOS DO DEBATE E DESTAQUE PARA OS SISTEMAS AGROALIMENTARES LOCALIZADOS E O AGROTURISMO	2016	V Seminário de Ciências Sociais Aplicadas UNESC
André de Camargo Macedo Bruna Carolina Meira Edmilson Carlos de Almeida Lopes Junior João Paulo Agápto Ricardo Serra Borsatto	UFSCar UFSCar UFSCar UFSCar UFSCar	OS LIMITES DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA AGRICULTURA FAMILIAR EM PROMOVER ORGANIZAÇÃO SOCIAL: O CASO DO ASSENTAMENTO 23 DE MAIO	2017	Extensão Rural, DEAER – CCR
Felipe Alves Julio Cesar Zilli Adriana Carvalho Pinto Vieira Ricardo Pieri	UNESC UNESC UNESC UNESC	A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA SOB A PERCEPÇÃO DE UMA VITIVINÍCOLA LOCALIZADA NOS VALES DA UVA GOETHE – SANTA CATARINA	2017	I Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior
Paulo Andre Niederle Gilberto Carlos Cerqueira Mascarenhas John Wilkinson	UFRGS Rede SIAL Brasil UFRRJ	Governança e Institucionalização das Indicações Geográficas no Brasil	2017	Revista de Economia e Sociologia Rural
Lucas Labigalini Fuini	IFSP	TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E SUAS MULTIPLICIDADES: um ensaio sobre a transição	2017	Revista Orbis Latina